

”Cidadania. O Papel do Professor”

Cynthia Rachid Bydlowski

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em Saúde Pública.

Área de Concentração: Serviços de Saúde Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Maria Teixeira

Bicudo Pereira

São Paulo

2006



46960/2006 doc

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores.

Assinatura:

Data:

Aos meus queridos pais, Naficet e Osvaldo, dedico este trabalho com muito carinho, pela oportunidade de vida que me ofereceram.

Ao meu querido tio Jacob por ter sido sempre minha inspiração.

Ao querido Sérgio Paulo, meu marido, pela felicidade de conviver.

Aos meus filhos, Daniel, Lyvia e Marcus por serem a alegria de minha vida.

Aos meus sogros, Olga e Abraham, pelo carinho e apoio que sempre me dedicaram.

A toda minha família, irmãos, cunhados e sobrinhos pela sincera amizade.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À Profa. Dra. Isabel Maria Teixeira Bicudo Pereira pela amizade e oportunidade que me ofereceu para a realização desta tese.

À amiga Regina Gil pela sua dedicação, sempre apoiando a mim e a minha família.

À amiga Adriana Debes pela amizade e apoio.

Ao Prof. Dr. José Maria Barata por ter me encaminhado ao ingresso no curso de Doutorado.

AGRADECIMENTOS

Aos Professores,

Prof. Dr. Fernando Lefèvre

Profa. Dra. Ana Maria Cavalcante Lefèvre

Profa. Dra. Márcia Faria Westphal

Profa. Dra. Maria Cecília Focesi Pelicioni

Profa. Dra. Alice Derntl

pelo incentivo e enriquecimento que me proporcionaram nesses anos de convivência.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa do curso de Doutorado.

Aos professores que, com disposição, participaram das entrevistas sem as quais este trabalho não seria realizado.

Às orientadoras e diretoras que possibilitaram a realização deste trabalho.

À todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

REFLEXÃO

Iniciei a escrita desta tese com o sentimento de quão maravilhoso é o ser humano. Além da fantástica “máquina biológica”, resultante da evolução do Reino Animal, destaca-se sua capacidade de criar. Não sei precisar o quanto de divino está envolvido nesta capacidade, mas, para mim, é impossível explicá-la na ausência deste algo a mais, que chamo de divino.

É única a capacidade de se comunicar através da escrita, milagrosa a de compor músicas, além de outras que nos colocam numa posição especial no universo.

Mas resta uma conquista. A capacidade de se relacionar bem uns com os outros, de maneira a todos terem a mesma oportunidade de serem felizes.

Acredito no ser humano. Assim, acredito que alcançaremos a paz, a dignidade e a felicidade.

Cynthia

BYDLOWSKI, C.R. **CIDADANIA. O PAPEL DO PROFESSOR.** Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Departamento de Prática de Saúde Pública. São Paulo, 2006

RESUMO

Vários movimentos internacionais, como o da Promoção da Saúde, têm colocado o exercício da cidadania como estratégia de melhoria das condições de vida e saúde da população de países em desenvolvimento.

A educação tem papel importante no desenvolvimento deste exercício e, entre os vários espaços onde ela ocorre, merece atenção especial a escola, pois é onde a criança passa a maior parte de seu tempo e está em contato com um grupo social organizado.

Considerando que o professor tem papel de destaque por estar mais próximo do aluno e, principalmente, por influenciá-lo tanto através do ensino propriamente dito (currículo formal), como por comportamentos emitidos que não fazem parte dos planos ou programas de ensino (currículo oculto), o objetivo deste estudo foi conhecer as representações sociais do professor sobre cidadania e em relação ao aluno ser cidadão, além de sua visão sobre o seu papel e o da escola no desenvolvimento desta.

Para isto, foram entrevistados 40 professores de escola pública da cidade de São Paulo e seus discursos foram analisados pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (metodologia quali-quantitativa).

Observou-se que a maioria dos professores considera a escola como um espaço onde a cidadania deve ser desenvolvida e o professor com grande responsabilidade nesse desenvolvimento; sabe da importância de suas atitudes e ensino na formação do aluno; reconhece o aluno como um futuro cidadão e percebe a cidadania como uma participação ativa na sociedade, além dos direitos, deveres e

conhecimentos.

Os professores revelaram algumas atitudes favoráveis ao desenvolvimento do exercício da cidadania, o que, apoiando-se nas propostas da Promoção da Saúde, aponta na direção de se alcançar melhores condições de saúde e vida da população brasileira.

Palavras-chave: Promoção da Saúde – Cidadania – Educação – Escola -
Professor

SUMARY

BYDLOWSKI, C.R. CITIZENSHIP. THE TEACHER'S ROLE.
Dissertação de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo. Departamento de Prática de Saúde
Pública. São Paulo, 2006

General health conditions as well as quality of life must urgently be improved in developing countries. This improvement could be achieved, at least in part, by the practice of citizenship.

Education exerts a special role in citizenship development. In this regard, teachers in school are of great importance, since they influence and inspire the students beyond the formal curricula.

The purpose of this study was to evaluate the citizenship perception of teachers from basic and junior schools, their relationship with the students, and their opinion about the role of the school on the student citizenship development.

Forty teachers from public schools in the city of Sao Paulo were interviewed. Their opinions and speeches were analysed employing qualitative methods.

It has been observed that the teachers consider the school as the place where citizenship should be developed. They know how important are their attitudes and disposition of mind on student formation. They understand "citizenship" as active participation in the society, beyond rights, duties and knowledge.

Key-words: Health Promotion - Citizenship, Education, Teacher

ÍNDICE

Introdução.....	1
- O processo da Promoção da Saúde.....	4
- Saúde e pobreza no Brasil: a necessidade do empoderamento.....	8
- Cidadania.....	15
- Educação e cidadania.....	24
- Professores.....	30
Objetivos.....	39
Metodologia.....	40
- Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	41
- Entrevistas.....	42
- Os entrevistados e seu ambiente.....	43
- Procedimento Ético.....	45
Resultados e Discussão	
Perfil dos professores entrevistados	48
Resgate do discurso do sujeito coletivo	
Questão: É possível ensinar cidadania na escola?	50
- Síntese das idéias centrais	50
- Resultado quantitativo – Gráfico 1	52
- Resultados qualitativos	53
- Discussão	62
Resgate do discurso do sujeito coletivo	
Questão: O Professor pode ser um modelo de cidadania? ..	70
- Síntese das idéias centrais	70
- Resultado quantitativo – Gráfico 2	72
- Resultados qualitativos	73
- Discussão	78
Resgate do discurso do sujeito coletivo	
Questão: Você acha que seus alunos poderão vir a ser cidadãos?	83
- Síntese das idéias centrais	83
- Resultado quantitativo – Gráfico 3	85
- Resultados qualitativos	86
- Discussão	91
Resgate do discurso do sujeito coletivo	
Questão: Como você definiria cidadania?	98
- Síntese das idéias centrais	98
- Resultado quantitativo – Gráfico 4	99
- Resultados qualitativos	100
- Discussão	104

Conclusão	111
Considerações finais.....	113
Referências Bibliográficas.....	118
Anexos	
Anexo 1 - Termo de Consentimento.....	135
Anexo 2 - Roteiro Entrevista.....	136
Anexo 3 - Expressões chave e Idéias Centrais.....	137

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar". Eduardo Galeano

Historicamente, o mundo já passou por períodos de relativa paz e outros onde a desordem e a violência imperaram. Mas, experiências foram acumuladas e o ser humano evoluiu no sentido do conhecimento do seu próprio ser, de suas relações sociais e do ambiente que o cerca. Apesar disto, vive-se, atualmente, uma crise mundial com povos passando fome, embora a produção de alimentos seja mais que suficiente para alimentá-los, com atos de extrema violência e depredação da natureza. Enfim, um momento de desvalorização do ser humano, de sua vida em sociedade e do seu meio ambiente.

Na realidade, a globalização (como é chamado o atual período) não veio como uma proposta de melhoria das condições acima citadas, mas como uma forma de domínio de alguns povos sobre outros, e com a valorização do mercado financeiro (COHN, 2003).

Embora como conceito a globalização, seja na área econômica, financeira ou tecnológica, alcançaria de maneira igualitária a população mundial, não é isto o que está ocorrendo. Segundo QUÉAU (1998), ela tem privilegiado e beneficiado uma minoria, pois tem sido dado mais atenção às necessidades e preferências de ricos e poderosos. Além disso, as transformações que estão ocorrendo, com a forte interferência do mercado financeiro sobre as nações, podendo levar à situações de grande competição entre os indivíduos na busca de melhores condições de vida, "têm levado ao crescimento do individualismo, os indivíduos estão mais centrados em si próprios" (WESTPHAL, 1999).

Na área da comunicação e informação, a globalização tem avançado rapidamente, mas segundo QUÉAU (1998) "ainda restam

vastas concentrações humanas sem acesso aos serviços básicos de telecomunicações". O autor comenta que a globalização da informação, por si só, não é capaz de reduzir a desigualdade observada mundialmente, mas pode ser vista como uma ferramenta que, se devidamente utilizada, pode contribuir para essa redução.

Nos países emergentes, como o Brasil, a globalização não só agravou a diferenciação social, isto é, a pulverização e a fragmentação social, como também a desigualdade social, com a radicalização entre incluídos e excluídos (FIORI, 1993).

Por outro lado, têm surgido movimentos mundiais tentando opor-se a essa situação perversa; entre eles, figura o da Promoção da Saúde, que traz um novo enfoque e novas propostas para a saúde e, conseqüentemente, para a qualidade de vida, pois há uma estreita relação entre ambas, como observa BUSS (2000):

“Existem evidências científicas abundantes que mostram a contribuição da saúde para a qualidade de vida de indivíduos ou populações. Da mesma forma, é sabido que muitos componentes da vida social que contribuem para uma vida com qualidade são também fundamentais para que indivíduos e populações alcancem um perfil elevado de saúde.”

A relação entre saúde e qualidade de vida vem sendo discutida há algum tempo. BUSS (2000) relata várias observações e trabalhos, realizados desde o início do século XVIII, que trazem, como principais causas das doenças de uma população, as más condições de vida, de trabalho, de habitação e que preconizam reformas sanitárias, sociais e econômicas para o enfrentamento das doenças. Coloca, também, que nos países em desenvolvimento como o Brasil, a péssima distribuição de renda, o analfabetismo e o baixo grau de escolaridade somam-se às más condições já citadas na determinação da qualidade de saúde e vida de seu povo (BUSS, 2000).

A Organização Panamericana de Saúde (OPAS) publicou um amplo estudo em 1998, concluindo que a redução na mortalidade infantil, o incremento na esperança de vida, o acesso a água e ao saneamento básico, o gasto em saúde, a fecundidade global e o incremento na alfabetização de adultos foram decorrência direta do Produto Nacional Bruto dos países. Reforça este estudo o documento publicado pelo Banco Mundial (2004), que mostrou um aumento do PIB *per capita* e uma redução da pobreza ao mesmo tempo.

O estudo de BARATA (2000) enfatiza esta relação da saúde com as condições de vida quando observa que os indivíduos mais afetados nas epidemias que ocorreram durante o século XX eram os que, em geral, viviam na periferia, em moradias pouco espaçosas, sem estrutura de saneamento básico, com alimentação inadequada e renda insuficiente para a manutenção de um padrão mínimo de sobrevivência.

Outro estudo que mostra essa relação é o de MINAYO (2001). A autora discute a problemática da saúde no Brasil e observa que o quadro da saúde no país, incluindo a crescente violência urbana, está fortemente relacionado à grande desigualdade social existente.

Apesar destas fortes evidências da inter-relação entre saúde e qualidade de vida, a Medicina Curativa e Preventiva (Modelo Biomédico) vem predominando desde o século XX. ACKERMAN e NADANOVSKI (1992) atribuem este fato ao marketing realizado pelas indústrias de insumos e tecnologia médica, à corporação médica e a alguns resultados eficazes da ação médica que, obviamente, ocorrem e são desejados. Além disso, o apoio social a este modelo é grande, sendo praticado e incorporado por vários setores da sociedade e por grande parte da população, inclusive a de baixa renda (BRICEÑO-LÉON, 2001). Essa última exige do Estado um modelo de atenção à saúde, com base hospitalar, pois vê nesse sistema a única alternativa para conservar ou recuperar sua saúde (BRICEÑO-LÉON, 2001).

O modelo biomédico foca suas ações na cura dos indivíduos doentes ou em ações preventivas, isto é, trata do indivíduo quando este já está doente ou o protege para que a doença não se instale. Para isto foi desenvolvida uma tecnologia avançada que não atende grande parte da população devido a seu alto custo. Este fato, aliado à falta de políticas públicas eficazes, leva à exclusão social que hoje é observada nos países em desenvolvimento. Outra deficiência deste modelo é que ele não atua nas causas das doenças, o que poderia evitá-las a um menor custo. Assim, perpetua-se uma situação problemática no campo da saúde e qualidade de vida.

Além de outros fatores, também contribui para a manutenção desta situação problemática a relação de domínio e submissão que ainda persiste no Brasil (MATUÍ, 2001), observando-se uma situação de iniquidade, pois grande parte da população não tem oportunidade de escolha e não possui o controle das suas condições de vida (WHITEHEAD, 1990). São questões estruturais, não levadas em conta pelo modelo biomédico vigente, mas consideradas importantes pelo processo da Promoção da Saúde.

Considerando a breve exposição acima e tendo o propósito de contribuir para a melhoria das condições de vida e saúde da população brasileira, o presente estudo colocará o processo da Promoção da Saúde como uma forte alternativa de atuação para a emancipação da população brasileira e melhoria das suas condições de vida e saúde, como será justificado e discutido a seguir.

O PROCESSO DA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Tendo como antecedente a Conferência de Alma-Ata, 1978, realizou-se em 1986 em Ottawa (Canadá) a I Conferência de Promoção da Saúde (BRASIL, 2001), definindo-a como:

“Processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo.”

Enfatizou ainda que:

“Para se atingir um estado completo de bem estar físico, mental e social, os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente.”

Outra inovação trazida por esta Conferência foi a ampliação do conceito de saúde que passou a considerar a saúde condicionada a fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, ambientais e de conduta. Assim, para uma boa qualidade de saúde e vida são fundamentais: paz; habitação, alimentação, renda e educação adequadas; ecossistema estável; recursos sustentáveis; justiça social e equidade.

Outras conferências foram realizadas a partir de Ottawa: Adelaide (1988), Sundswal (1991), Bogotá (1992), Jacarta (1997), México (2000) (BRASIL, 2001) e Brasil (2002), onde também ocorreu o II Fórum Brasileiro de Promoção da Saúde e a III Conferência Latino Americana de Promoção da Saúde, que deu origem à Carta de São Paulo, documento com estratégias voltadas para a Promoção da Saúde no Brasil, ratificado pelos presentes. A última Conferência foi realizada em Bangkok (2005) dando origem à Carta de Bangkok (VI Conferência de Promoção da Saúde, 2005) que complementa e desenvolve valores, princípios e estratégias de ação que foram estabelecidos pela Carta de Ottawa (1986). Pode-se notar que, embora a ênfase de todas as reuniões fosse a democratização e emancipação das populações, os temas focalizados em cada reunião foram diferentes, mas as estratégias apresentadas em todas fundamentaram-se na democracia, nas ações do Estado com políticas públicas saudáveis, na intersetorialidade, na reorientação do setor saúde, propondo articulações e parcerias e, com

relevância, no exercício da cidadania através da capacitação da população para a participação na formulação de políticas públicas saudáveis e nos processos de decisão (empowerment) (AERTS *et al*, 2004). Estas estratégias são importantes mecanismos de combate às causas tanto das doenças infecciosas como das crônico-degenerativas que, no Brasil, coexistem, ao contrário dos países desenvolvidos, onde as últimas substituíram as primeiras (MINAYO, 2001).

Vale a pena ressaltar que a Promoção da saúde no Brasil encontra alguns pontos favoráveis à sua implantação como a descentralização administrativa do setor saúde e o fortalecimento dos governos municipais, principalmente dos setores saúde e educação. Mas, como comenta GENTILE (2001), o modelo de gestão que ainda é praticado resiste a essa iniciativa.

Vários são os fatores que se opõem às ações e estratégias propostas pela Promoção da Saúde, como abordam BYDLOWSKI *et al* (2004). As autoras colocam que, sendo o processo da Promoção da Saúde uma mudança de enfoque, conceitos e formas de atuar, que pretende vencer a fragmentação, a hiperespecialização e o distanciamento da ciência em relação ao ser humano (CARVALHO, 2003), há necessidade de transformação da sociedade como um todo. Historicamente, essas transformações são processos complexos e longos, que têm que vencer resistências e que resultam de uma combinação de fatos, fatores e condições e nunca de um fato isolado (ELIAS, 1993).

BYDLOWSKI *et al* (2004) também apontam estruturas e/ou elementos presentes na sociedade brasileira que dificultam e retardam a implementação do processo da Promoção da Saúde. Citam a própria estrutura de relacionamento existente na sociedade brasileira, onde a persistência do regime estamental (MATUÍ, 2001), herdado do período colonial, manifesta-se ainda em muitas situações e instituições. Sendo

uma situação de submissão da maioria da população a um grupo hegemônico, que visa a manutenção do poder, a emancipação da população, uma estratégia da Promoção da Saúde, é um grande desafio a ser vencido.

A implementação da Promoção da Saúde ainda depende de que outras resistências sejam vencidas (BYDLOWSKI *et al*, 2004), tais como:

- as estruturas organizacionais atuais do governo que dificultam a intersetorialidade, a descentralização decisória e a participação social.
- a hegemonia do modelo biomédico que, como já dito anteriormente, enfatiza a medicina curativa com visão e conceito distorcidos de saúde.
- o forte domínio do mercado financeiro sobre a vida dos indivíduos e sobre a sociedade, levando a saúde a submeter-se ao consumo, sendo tratada como mercadoria (LEFÈVRE, 1999).
- o ensino nas universidades, extremamente tecnicista e especializado, mais comprometido com as necessidades das empresas e do mercado de trabalho do que com a sociedade (RINESI, 2001) e do ser humano.
- o envolvimento praticamente nulo dos meios de comunicação com a Promoção da Saúde e fortemente comprometidos com o mercado e o poder hegemônico.

Apesar disso, pode-se notar que algumas experiências, expressando a Promoção da Saúde no Brasil, têm sido realizadas como a de Municípios Saudáveis em Chopinzinho, no Estado do Paraná (GENTILE, 2001) e Bertioga em São Paulo e a de Escolas Saudáveis (SILVA *et al*, in press) que embora pontuais, como idéia vêm se propagando tanto nos setores governamentais como entre outros da sociedade brasileira. Em destaque, vale notar que Organizações Não Governamentais também têm dado atenção aos problemas sociais, o que pode auxiliar o fortalecimento da Promoção da Saúde.

É preciso ressaltar o papel da Educação Básica na melhoria das condições de vida da população, pois é um setor importante e

estratégico para a implementação da Promoção da Saúde. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) trouxe elementos para facilitar essa implementação, como a proposta de ensino voltado para o desenvolvimento da cidadania, além do aspecto profissional. Formar cidadãos participativos leva ao empoderamento¹ da população, capacitando-a para atuar no controle de sua própria vida e, assim, atingir uma situação de equidade.

Cabe, neste momento, introduzir a dúvida que motivou este estudo: tendo a Educação no Brasil o propósito de um ensino voltado para a formação de cidadãos, qual seria o preparo do professor para assumir esta responsabilidade? Ele próprio exerce a cidadania? O que ele percebe como cidadania e/ou como exercício da cidadania?

Não perdendo o propósito maior de contribuir para a melhoria das condições de vida e saúde da população brasileira, assume-se a importância deste estudo como norteador de ações que visem estruturar o ensino no sentido da formação de cidadãos (e não só de profissionais), tendo o professor como alvo, já que ele é quem mantém um relacionamento mais estreito com o aluno.

Saúde e pobreza da população brasileira, cidadania e educação serão temas tratados separadamente e mais profundamente a seguir, para dar suporte e justificar o objetivo deste trabalho.

SAÚDE E POBREZA NO BRASIL: A NECESSIDADE DO EMPODERAMENTO

As condições de vida de grande parte da população brasileira não são adequadas, pois trata-se de um país em desenvolvimento que, apesar de possuir um grande potencial sócio-econômico, tem que lidar com problemas estruturais de difícil solução. Isto, como foi dito anteriormente, reflete-se na saúde da população.

MINAYO (2001) coloca as condições de saúde como um reflexo da grande desigualdade existente no Brasil: houve um aumento da concentração de renda sendo que a diferença chega a ser, na cidade de Recife, de 240 vezes entre o 1% mais rico e os 10% mais pobres da população. A média desta diferença, considerando todo o país, é de 30 vezes entre os 10% mais ricos e os 40% mais pobres.

Doenças infecciosas, associadas à condição de pobreza (WALLERSTEIN, 1992), atualmente ocorrem em maior quantidade nos estados mais pobres (nordeste) e os estados mais ricos comportam-se como os países desenvolvidos: maior ocorrência de doenças crônico-degenerativas. Assim, no Brasil, estas últimas não substituíram as doenças infecciosas, como nos países desenvolvidos, mas somaram-se a elas. Deve-se destacar que houve um aumento das mortes por violência (principalmente de jovens do sexo masculino) que também, como é observado por MINAYO (2001), está diretamente relacionado com o agravamento da desigualdade.

BARATA (2000), analisando as epidemias e endemias que ocorreram no Estado de São Paulo, no século XX, verificou uma situação de iniquidade em saúde, como definida por NÉRI E SOARES (2002): quando extratos populacionais distintos possuem diferentes chances de adquirirem morbidade/mortalidade. Isto porque observou que as epidemias e endemias afetavam mais a população de baixa renda, que viviam na periferia, em moradias inadequadas e sem estrutura de saneamento básico. BARATA relata também que, com a descoberta vacinal e o melhoramento do saneamento básico, houve uma melhora no quadro das endemias e epidemias, mas que ainda permanecem de difícil controle, apesar dos avanços técnico – científicos, devido as más condições sócio-econômicas da população que, como já comentado , agravaram-se com o aumento da concentração de renda (MINAYO, 2001).

¹ Empoderamento está sendo usado com o sentido da palavra Empowerment em inglês.

Um exemplo de epidemia ligada às más condições de vida que vem ocorrendo no Brasil e em outros países é a dengue. O aumento na transmissão desta doença, que se faz através do mosquito *Aedes Aegypti* (vetor), pode ser explicado por vários fatores e dentre eles as más condições de higiene e a falhas nos programas de saneamento básico (suprimento de água e disposição do lixo) com conseqüente aumento da quantidade de mosquitos (LEFÈVRE, 2000).

Não se pode negar que houve uma evolução positiva dos indicadores da morbimortalidade, principalmente na população abaixo de 5 anos: a mortalidade infantil passou de 56 por cada 1000 nascidos vivos em 1980 para 37,5 para cada 1000 em 1991 (MINAYO, 2001). Este avanço ocorreu devido à intervenção do setor saúde com programas como: reidratação oral, imunização em massa, incentivo à amamentação, aumento do saneamento básico e da assistência à saúde. Mas pode-se dizer que houve melhora da saúde? Deve-se notar que estas intervenções ocorreram de maneira desarticulada, isto é, foi principalmente obra do setor saúde que, obedecendo ao modelo biomédico em vigor, atua mais no combate à doença, isoladamente, não tendo a preocupação de integrar os diversos setores da sociedade para ações conjuntas (intersectoriais, multidisciplinares) que levassem à Promoção da Saúde. BRICEÑO-LÉON (2001) relata vários exemplos mostrando que a cura da doença não significa melhora nas condições de saúde: a reidratação oral que combate a diarreia infantil, diminuindo a mortalidade por esta causa, como ação isolada não altera as condições da água, dos alimentos ou dos ambientes infectados onde vivem famílias pobres.

A Promoção da Saúde propõe ações intersectoriais e multidisciplinares com a participação da população que, além de freqüentemente serem de menor custo, levam a uma melhora generalizada e sustentada do quadro da saúde. A participação é

fundamental, nesse processo, para que não se reproduzam modelos paternalistas, coercitivos e normatizadores que têm dominado os vários setores da sociedade (CHIESA, 1999).

NÉRI E SOARES (2002), além do conceito de iniquidade em saúde, trazem o de iniquidade no consumo dos serviços de saúde: as diferentes condições de acesso aos serviços de saúde. Como já foi comentado, no Brasil, a assistência à saúde, baseada no modelo biomédico, é centralizada na cura das doenças e, surpreendentemente, além deste sistema ser apoiado pelas indústrias de insumos e tecnologias médicas, os profissionais de saúde e a população também o apóiam (BRICEÑO-LÉON, 2001). Isto ocorre porque esta é a representação social dominante de saúde e a única alternativa oferecida pelo Estado para conservar ou repor a saúde, mas este modelo entrou em crise, mundialmente, pois não satisfaz a população e não reduz a iniquidade (BRICEÑO-LÉON, 2001), tanto nas condições de saúde como dos serviços de saúde.

O Sistema Único de Saúde (SUS), introduzido pela CONSTITUIÇÃO de 1988, favorece o processo da Promoção da Saúde pois traz princípios como:

- Universalidade - deve atender a todos, sem distinção
- Integralidade – atender, de forma integral, todo e qualquer tipo de doença.
- Equidade - oferecer recursos de saúde de acordo com as necessidades de cada um.
- Descentralização e regionalização – fortalecer as prefeituras municipais para intervenções na saúde.
- Promoção da participação popular - oferecer mecanismos para assegurar o direito de participação de todos os segmentos: governo, prestadores de serviços, profissionais da saúde e, principalmente, os usuários dos serviços, as comunidades e a população. Os instrumentos

que propiciam esta participação são os conselhos e conferências de saúde, dos quais participam população e técnicos.

Mas, apesar destes princípios irem ao encontro das estratégias propostas pela Promoção da Saúde, tanto o processo da Promoção como a implantação do SUS evoluem lentamente pois, como já foi observado, sendo uma mudança de enfoque que envolve transformações dos indivíduos e da sociedade, encontra resistências dentro da estrutura do governo (INOJOSA, 1998), dos profissionais da saúde e da própria população (BRICEÑO-LÉON, 2001). Um dos desafios do processo da Promoção da Saúde é vencer estas resistências (BYDLOWSKI *et al*, 2004).

Focalizando a população, a Promoção da Saúde propõe sua capacitação e empoderamento para que possa participar das decisões relacionadas à sua vida e saúde, isto é, exercer a cidadania. Esta capacitação é necessária, pois só a existência dos Conselhos não garante a participação da população como WENDENHAUSEN e CAPONI (2002) observaram num Conselho de Saúde de Santa Catarina: o segmento dos usuários, a maioria com o primeiro grau incompleto, praticamente não participava, mesmo estando presente nas reuniões, pois sentiam-se despreparados diante dos técnicos de saúde (médicos, enfermeiros).

Assim, somente a existência de canais de participação como o caso dos Conselhos de Saúde citados acima, não garante que a população participe efetivamente. São necessários estudos e ações mais amplas de empoderamento da população para que essa participação se concretize. Mas, devido à “pobreza política” que vem ocorrendo no Brasil, como comenta DEMO (2003), a maior parte dos estudos e ações que visam a redução da pobreza só levam em conta os aspectos materiais, econômicos. Esta visão restrita da pobreza não está contribuindo para sua real redução.

DEMO (2003) coloca como “pobreza política” as formas atuais de políticas no Brasil, que são assistencialistas e não levam à emancipação da população. Considera que a precariedade da cidadania é mais grave que a carência material e o desafio da política social.

A Promoção da Saúde propõe a elaboração de políticas públicas que visem a emancipação da população, com os indivíduos atuando como sujeitos dentro da sociedade, exercendo de fato a cidadania, identificando-se com a nação, conhecendo seus direitos, participando de maneira ativa e buscando uma situação de equidade.

Princípios de equidade e participação têm sido, ultimamente, identificados como fatores-chave na melhoria da saúde (RIFKIN, 2003). Intimamente relacionado com estes princípios, no contexto da saúde, está o empoderamento que pode ser definido como o processo de capacitação da população para o controle e melhoria de suas condições de vida (LABONTE, 1994). Pode-se dizer, também, que o empoderamento, no contexto da participação e equidade, assegura que as comunidades resolvam seus próprios problemas com uma divisão justa dos recursos (RIFKIN, 2003).

Quando considerado individualmente, fala-se em empoderamento psicológico (ZIMMERMAN e RAPPAPORT, 1998; CARVALHO, 2004). Nesse sentido, há um fortalecimento do indivíduo que melhora seu desempenho na vida comunitária. Há uma relação estreita com a participação, isto é, a participação do indivíduo em decisões políticas, em atividades organizacionais ou em outros interesses comunitários. Propicia um aumento de sua capacidade de atuar como sujeito dentro da sociedade (ZIMMERMAN e RAPPAPORT, 1998)

Por outro lado, o empoderamento comunitário, coletivo, promove o enfrentamento dos determinantes de situações de iniquidade. Tem o objetivo de melhorar os recursos e as oportunidades dentro da

sociedade, permitindo que os indivíduos realizem escolhas para o alcance de situações mais justas (RIFKIN, 2003).

Embora existam evidências da influência do empoderamento e da participação social no alcance de um melhor quadro de saúde, isto ainda não pode ser comprovado. Mas, o sentimento de incapacidade e de falta de confiança nas ações para o controle de sua própria vida leva a resultados de morbidade e mortalidade piores, quando comparados aos de situações inversas (WALLERSTEIN, 1993).

Nota-se que, embora sejam importantes, mecanismos econômicos de redistribuição da renda não são suficientes para reduzir a pobreza (DEMO, 2003). Ações voltadas somente para os recursos materiais, sem promover uma real transformação de atitudes, comportamentos e oportunidades dentro da sociedade, não modificam as condições de saúde e pobreza. São necessários tanto o suporte estatal na elaboração de políticas públicas favoráveis à maioria da população, como a participação efetiva da população nessa elaboração e nas decisões que envolvem sua vida.

Participação social é um direito de cidadania ainda não conquistado de maneira efetiva em países em desenvolvimento como o Brasil. Assim como outros direitos e a própria cidadania, esta expressão tem sido usada com vários sentidos. Muitas vezes, praticam-se ações de cidadania, não com a finalidade de alcance da equidade, mas de manutenção do *status quo* vigente no Brasil.

É importante frisar que os direitos de cidadania têm que ser conquistados, e não serem vistos como uma mercadoria que possa ser doada ou dada para a população.

Considerando o propósito deste trabalho, de construção de um instrumental de pesquisa que permita verificar o preparo e a predisposição dos professores do ensino infantil e básico para promover a cidadania dos alunos, é preciso situar histórica e conceitualmente a

questão da cidadania no Brasil, estabelecendo um referencial teórico a partir do qual será feita a análise do material empírico coletado.

CIDADANIA

Deve-se sempre, necessariamente, conceber o homem como um ser que vive em sociedade e nunca como um ser isolado (DALLARI, 2000). A vida em sociedade envolve o estabelecimento de direitos e deveres para que a convivência dentro de determinado espaço seja possível. A esse conjunto de regras denomina-se cidadania:

“Uma construção historicamente elaborada, cuja essência está em nos compreendermos e em nos respeitarmos como livres, autônomos e iguais, ao mesmo tempo em que vivemos com outros, condição da qual deriva uma forma de perceber a si mesmo em relação aos demais: uma identidade” (SACRISTAN, 2002).

O conceito de cidadania sofreu modificações ao longo do tempo. Surgiu na Grécia e Roma antigas como um privilégio de poucos (nobres, proprietários de terras) e se referia somente aos direitos políticos como ocupação de altos postos na administração pública e direito ao voto (DALLARI, 2001). Mulheres, trabalhadores plebeus e escravos não tinham esse direito; assim, desde o início, dado que uns tinham possibilidade de ser cidadãos e outros não, a promoção à condição de cidadão gerava situações de exclusão.

RIBEIRO (2002), analisando a evolução da prática da cidadania, observa que, embora haja algumas divergências, autores como Kant e Hegel concordavam em colocar os princípios da igualdade e liberdade como alicerces da cidadania e defendem o seu exercício por meio da participação política do cidadão. Mas, estes mesmos autores excluíram dessa participação política grande parte da população, como mulheres,

por dependerem materialmente de seus maridos, e os indivíduos sujeitos a carências materiais, os pobres.

A Revolução Francesa (1789) trouxe a moderna concepção de cidadania, propondo a eliminação de privilégios, isto é, a eliminação das diferenças entre nobres e não nobres, ricos e pobres ou entre mulheres e homens no exercício de seus direitos (DALLARI, 2001). Mas, a 1ª Constituição Francesa (1791) trouxe um retrocesso, pois foram estabelecidas regras que deformaram as idéias propostas pela Revolução, recuperando a forma romana de conceber cidadania. Mesmo assim, nos anos subsequentes mulheres e trabalhadores de camadas mais pobres da população, apesar de continuarem excluídos, passaram a conquistar várias vitórias na luta pelos seus direitos.

RIBEIRO (2002) também comenta que, após a II Guerra Mundial, a concepção de cidadania estava associada aos direitos sociais, principalmente aos de proteção ao trabalho (período chamado de Estado Social). O conteúdo das políticas de bem-estar e o número de pessoas por elas atingido ampliaram-se (RIBEIRO, 2002). Mas a dissolução da URSS e a crise fiscal permitiram que o pensamento neoliberal se tornasse hegemônico:

“A questão da cidadania apresenta-se, assim, com muita ênfase, quando direitos sociais, de responsabilidade do Estado, são transformados em direitos individuais e transferidos ao consumidor, que passa a comprar, no mercado, bens como saúde e educação, transformados em mercadorias” (RIBEIRO, 2002, pág. 123) .

Assim, nas sociedades modernas, com a hegemonia do mercado, “perde-se a concepção do direito de cidadania, que passa a ser subsumida pela de direito do consumidor” (COHN, 2003, pág. 13),

É preciso notar que mesmo com todos os problemas descritos, houve uma evolução no conceito de cidadania que, hoje, indica igualdade de direitos para todos indivíduos de determinado país.

Destaca-se o fato de, conceitualmente, não haver mais indivíduos excluídos dos direitos de cidadania. Não é mais necessário pré-requisitos para ser cidadão. Mas a prática deste conceito ainda é muito deficiente em vários países, principalmente nos que estão em estágio de desenvolvimento.

Vale a pena lembrar que os direitos de cidadania dizem respeito à determinada ordem jurídico-política de um país, de um Estado, no qual uma Constituição define e garante quem é cidadão e que direitos e deveres terá (BENEVIDES, 1998). Estes direitos podem ser divididos em (CARVALHO, 2001):

- Direitos civis: direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei.
- Direitos políticos: referem-se à participação do indivíduo no governo e consiste na capacidade de fazer demonstrações políticas, de organizar partidos, de votar e ser votado.
- Direitos sociais: garantem a participação na riqueza coletiva, incluindo: direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria.

O exercício pleno de todos esses direitos é uma utopia a ser perseguida, pois nos países desenvolvidos, onde as condições sociais são melhores que as dos países em desenvolvimento como o Brasil, esse exercício está bem mais próximo de sua plenitude. O exercício da cidadania é fundamental na busca de uma melhor qualidade de vida, sendo considerado por vários órgãos e movimentos internacionais, como o da Promoção da Saúde, um pré-requisito para que se alcance a equidade.

No Brasil, estudo realizado por CARVALHO (2001) mostra que, devido principalmente à escravidão, às grandes propriedades e ao descaso da administração portuguesa pela educação primária e superior, a grande maioria da população era excluída dos direitos civis e

políticos e não havia um sentimento de nacionalidade no fim do período colonial. O estudo relata também que avanços foram ocorrendo. A Constituição do Império de 1824 organizou o Estado e definiu o direito de votar e ser votado. Em 1888, com a libertação dos escravos, estes, agora como ex-escravos, foram incorporados aos direitos civis, embora de maneira mais formal do que real.

Continuando a analisar a evolução da cidadania, CARVALHO (2001) nota que a mudança de regime político ocorrida com a Proclamação da República, em 1889, não trouxe alterações significantes para o progresso da cidadania e considera o movimento operário de 1930 (Revolução de 1930, Fim da 1ª República) como um divisor de águas na história do país, pois a partir desta data: “houve aceleração das mudanças sociais e políticas, a história começou a andar mais rápido”.

A Revolução de 1930 depôs o presidente Washington Luiz e o novo governo (revolucionário) tomou medidas que podem ser consideradas avanços, principalmente no campo dos direitos sociais, com a criação do Ministério da Trabalho, Indústria e Comércio e da Legislação Trabalhista e Previdenciária que foi completada em 1943 com a Consolidação das Leis do Trabalho.

Se houve avanço significativo no campo social, no dos direitos políticos este foi limitado, pois o país viveu anos de regime ditatorial com Getúlio Vargas, de 1937 até 1945, quando foi retirado do poder e o país entrou num período de democracia. Em 1946, a Assembléia Constituinte promulgou a Nova Constituição que manteve as conquistas sociais do período anterior e adicionou direitos civis e políticos.

O Brasil não chegou a ter um “Estado Social” autêntico como ocorreu em vários países no período pós II Guerra Mundial (RIBEIRO, 2002). A legislação trabalhista, citada acima, apenas regulamentava as relações de trabalho, incluindo apenas os trabalhadores vinculados ao

mercado formal; somente estes eram considerados cidadãos (PAOLI, 1991; RIBEIRO, 2002; MEDEIROS e GUIMARÃES, 2002). Assim, agricultores, trabalhadores ambulantes, temporários, domésticos (economia informal) e desempregados eram excluídos dos direitos de cidadania. O espaço público foi destruído pelo Estado, “que reprimiu qualquer tentativa de mobilização e participação popular na organização de assuntos públicos e a partir das experiências de vida coletiva” (PAOLI, 1991, pag. 125).

SANTOS (1987) denomina esta forma de cidadania de “cidadania regulada” :

“A cidadania regulada ocorre num período de ampliação dos postos de trabalho e materializa-se no exercício de uma profissão, ... “ (RIBEIRO, 2002)

No período pós-ditadura de Getúlio Vargas (entre 1945 e 1964) , as liberdades políticas foram restauradas, inclusive o direito ao voto, embora ainda excluísse os analfabetos (MEDEIROS e GUIMARÃES, 2002). Mas a noção de cidadania continuou a ser relacionada à situação de trabalho (MEDEIROS e GUIMARÃES, 2002).

Em 1964, os militares tomaram o poder e o país mergulhou, novamente, numa fase de ditadura que terminou em 1985, quando foi eleito presidente, indiretamente, Tancredo Neves (CARVALHO, 2001).

Durante a ditadura militar (1964-1985), os direitos de cidadania ficaram prejudicados, principalmente os políticos. Mas reconhece-se que houve avanços nos direitos sociais, com a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e do Banco Nacional de Habitação (BNH) (CARVALHO, 2001). Mas, deve-se observar que esses fatos, embora sejam favoráveis ao bem estar da população, ocorreram sem sua participação, mostrando que não houve avanço nas atitudes e comportamento dos indivíduos em

relação ao controle de suas condições de vida, isto é, não houve avanço no sentido do empoderamento coletivo da população.

Após esse período iniciou-se a redemocratização do Brasil e, em 1988, foi promulgada a Constituição Cidadã que, juntamente com as leis complementares, garante os direitos de cidadania a todos os indivíduos natos ou naturalizados no país (BRUNO NETO, 1999).

CARVALHO (2001) também observa que, após o fim da ditadura militar (1985), no ímpeto de construir a democracia, a palavra cidadania entrou em voga. Jornalistas, políticos, intelectuais, líderes sindicais, dirigentes de associações, simples cidadãos a adotaram: “caiu na boca do povo” (CARVALHO, 2001, pág.7), como ressalta o autor. Isto somado ao fato dos direitos de cidadania estarem sendo transformados em mercadoria (RIBEIRO, 2002), fato evidenciado em relação à saúde por LEFÈVRE em seu livro “Mitologia Sanitária” (1999), pode indicar uma descaracterização da cidadania, correndo-se o risco de que a formação cidadã, que levaria à emancipação da população, não se concretize.

Neste período de redemocratização, o neoliberalismo também atingiu o Brasil, impondo a atual desregulamentação das relações de trabalho e aumentando o número de indivíduos que não tem acesso aos direitos da cidadania regulada, que, como foi visto, é vinculada ao emprego formal (RIBEIRO, 2002). Além disso, o mercado transformou-se no fator central de articulação e organização da sociedade, ocasionando um aumento na concentração de renda e da desigualdade (MINAYO, 2001 e COHN, 2003).

Nota-se, ainda, que predomina entre a população brasileira a concepção de cidadania como um ato de doação: a parte da população de maior poder aquisitivo faz doações para a de baixa renda ou sem renda e estas, em situação de extrema necessidade, contentam-se com soluções para uma sobrevivência momentânea, sem que as causas de seus problemas sejam resolvidas. Com o passar do tempo, esse

comportamento é cristalizado (LEWIS, 1966), perpetuando-se uma situação de iniquidade.

É urgente uma mudança nesse quadro e, para isso, o conhecimento de direitos e deveres, a reflexão sobre a situação e os problemas e a participação dos indivíduos na formulação de políticas públicas e nos processos de decisão, constituem uma estratégia para a proposta de uma real transformação da sociedade. Cidadania só existe se exercida pelo povo.

Atualmente, é preciso notar que a cidadania não pode ser mais vista somente como um conjunto de direitos formais, mas, além disso, como um modo de incorporação dos indivíduos e grupos ao contexto social de determinado país (VIEIRA, 2001). JACOBI (2002) refletindo sobre a participação cidadina, propõe uma nova qualidade de cidadania que inclui os cidadãos como sujeitos sociais ativos e os institui como criadores de direitos para abrir novos espaços de participação sócio-política. Elementos como identidade, pertencimento, conhecimento e participação devem estar presentes na formação de um cidadão (JACOBI,2000; VIEIRA, 1997; EDER, 2003; VALDIVIESO, 2003).

Para que se concretize o exercício da cidadania, é necessária uma transformação da sociedade no sentido da emancipação dos indivíduos; é necessário o empoderamento dos indivíduos para que ultrapassem a condição de submissão e atuem como cidadãos participantes dentro da sociedade.

Uma forte resistência à essa transformação é a estrutura de relacionamento existente no Brasil, persistindo a relação de domínio, com grande concentração de poder e riqueza, privilégios sendo interpretados como direitos de cidadania pelos mais ricos e a cidadania recusada para a grande maioria (CHAUÍ, 1996).

Mas a eclosão dos movimentos sociais, no Brasil, em meados da década de 1970, conseguiram modificar parcial ou momentaneamente

esta estrutura. Como observa PAOLI (1991), os movimentos sociais, principalmente das décadas de 70 e 80, trouxeram a idéia e o exercício de participação em assuntos de interesse público para dentro da sociedade:

“...mostram que sua mobilização muda a qualidade e o entendimento do que vem a ser “participação popular”: sendo ação coletiva organizada e diferenciada, é ao mesmo tempo algo que vai além da ação, como momentos de descoberta do mundo diversificado e conflitivo, onde “pobres e carentes” se descubram como cidadãos destinados ao exercício das práticas, da reflexão, do debate e das incertezas sobre a condução dos assuntos públicos. “(PAOLI, 1991, pag. 131)

Competindo com os movimentos sociais e talvez retardando o aparecimento de uma população com práticas de cidadania, surgiram, também nos anos 70, as organizações não governamentais (ONGs), financiadas e promovidas por políticas neoliberais com a intenção de manutenção do *status quo* (PETRAS, 1997). Estas organizações visam compensar atos do modelo neoliberal que colocaram grande parte da população em situações injustas (PETRAS, 1997).

Vale a pena enfatizar que algumas organizações não governamentais lutam ao lado dos movimentos sociais contra a hegemonia do neoliberalismo. Mas, embora levantem questões populares, não existe consulta popular e não há a participação democrática da população (DIAS, 2005). Elas não têm como objetivo ações políticas de transformação das relações sociais, mas a resolução de problemas imediatos (DIAS, 2005).

O que deve ser enfatizado é que a existência dos movimentos sociais promoveu mudanças que favoreceram a formação política dos indivíduos e o desenvolvimento do exercício da cidadania. “Criaram novos espaços e formas de participação e relacionamento com o poder

público” (JACOBI, 2002, pag. 447). Desde o início, também, a reivindicação por uma educação pública de qualidade, voltada para a construção de uma cidadania ativa (RIBEIRO, 2002).

Embora, historicamente, note-se uma relação entre educação e cidadania, cabe, neste momento, questionar qual seria o papel da educação na formação de cidadãos? Seria a educação condição suficiente para isso? É um tema polêmico, com opiniões divergentes, mas pode-se observar que a ausência de uma população educada tem sido sempre um dos principais obstáculos para a conquista dos direitos da cidadania. Países, onde a educação popular foi introduzida, desenvolveram a cidadania mais rapidamente, como, por exemplo, a Inglaterra (CARVALHO, 2001). Pode-se observar que, nestes países desenvolvidos, os cidadãos também alcançaram melhores condições de vida, melhorando sua qualidade. Ainda mais, DEMO (2003) coloca a educação como tendo papel significativo na desigualdade de renda existente no país.

Mas, embora educação não seja sinônimo de cidadania, é ela que dissemina os instrumentos básicos para o seu exercício (RIBEIRO, 2001). Há o reconhecimento, por parte de muitos filósofos, “de que a educação é um bem que deve estar acessível a todos indivíduos, de modo a tornar possíveis as condições para o exercício de uma efetiva cidadania” (RIBEIRO, 2002, pág. 115).

Assim, é essencial um processo educativo consistente, que envolva vários, senão todos setores da sociedade, trabalhando num mesmo sentido, para que a cidadania seja construída e consolidada, ainda que uma melhor qualidade de vida e saúde sejam atingidas.

EDUCAÇÃO E CIDADANIA

“Reformemos nossas escolas e não teremos de reformar grande coisa em nossas prisões” John Ruskin (1819-1900) – Crítico de arte e escritor inglês

Educar para a cidadania não significa somente fornecer informações sobre direitos e deveres, mas algo mais complexo e abrangente, que envolva o conhecimento da psicologia e biologia do próprio indivíduo; da sua relação com outros indivíduos, com a sociedade e com os governos; do seu meio ambiente físico e biológico e da cultura e tradição de seu país. E, ainda, não basta apenas o conhecimento, é importante o cidadão saber como fazer uso de seu conhecimento, visando sempre o atendimento às suas necessidades e aspirações e o respeito à sua identidade dentro da sociedade em que vive.

Estimular a visão crítica dos indivíduos nas esferas política, econômica e social; cultivar competências para capacitar os indivíduos a agir como sujeitos nos relacionamentos sociais, com o Estado e com o Mercado; desenvolver habilidades para ações de fortalecimento do capital social, além do próprio desenvolvimento humano, devem ser o propósito de uma educação cidadã (VALDIVIESO, 2003).

A relação entre cidadania e educação é histórica. Para os gregos, a educação acadêmica era reservada para os cidadãos que constituíam uma pequena parte da população, os proprietários de terras. Esta elite mantinha-se no poder político, também, por ser detentora do conhecimento político e filosófico (RIBEIRO, 2002).

Com o aumento da produção e circulação de riquezas, na Grécia, há o enriquecimento de outra parte da população, os comerciantes e armadores, que começam a fazer pressão para participar da vida pública. Coube aos sofistas² ensinar estes “novos ricos”, provocando a reação dos acadêmicos, que sentiram sua hegemonia ameaçada.

² Sofistas - professores ambulantes da segunda metade do século V A.C. que preparavam os cidadãos gregos postulantes à participação ativa na vida política da Grécia.

Note-se que a ameaça à hegemonia dos proprietários de terra era a aquisição de conhecimento (educação) por parte das classes emergentes.

Junto com a evolução do conceito de cidadania, a educação, em sua forma e abrangência, também se modifica ao longo da história. Mas, nota-se que ela é sempre colocada como necessária para preparar o indivíduo para participar da vida política de um país. E, embora não se deva colocar a educação como pré-condição para que o indivíduo seja um cidadão (BUFFA, 1987), pode-se considerar que a educação básica é essencial para a conquista da cidadania (RIBEIRO, 2002 e DEMO, 2003). De fato, é a condição mínima para o desenvolvimento da cidadania.

DEMO (2001, pág. 52) observa que “se um país cresce sem educação, não se desenvolve sem educação” e coloca que é função insubstituível da educação a “ordem política, como condição à participação, como incubadora da cidadania, como processo formativo”.

Nesse sentido, a ausência de educação pode ser uma forte arma para o domínio dos poderosos, como comenta DEMO (2001, pág. 54):

“Pode-se mesmo encontrar a situação perversa de interesse na ignorância do pobre por parte de estruturas dominantes, porque teme-se dividir os privilégios à medida que a educação – se for formação – trazer a consciência dos desprivilegiados”.

No Brasil, o envolvimento da educação com a formação de cidadãos é recente e, até o final da década de 70, vinculava-se mais ao desenvolvimento econômico do que ao humano ou social, como observou ARROYO (2001). O autor também relata que a relação entre educação e cidadania precipita-se na década de 80, quando o país, depois de passar por um longo período de ditadura militar, começa a dar ênfase aos direitos políticos, visando formar um cidadão cujo destino é assumir uma postura política dentro do país. ARROYO (2001) também

aponta para o perigo de se pensar que só se chega à cidadania através da escola. Prefere considerar que a criança, quando chega à escola, já é um cidadão, filha de cidadãos, e que o processo de aprendizado e formação ocorre tanto no trabalho, na família, na rua, na sociedade e nos meios de comunicação como também na escola. Esta noção faz parte de um conceito ampliado de educação que inclui os processos formativos que ocorrem nas diferentes manifestações do relacionamento humano citadas (VALDIVIESO, 2003).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), em seu primeiro artigo, coloca também que o processo educativo não ocorre só no espaço da escola:

Art.1º. “A educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

Considerando os espaços onde a educação deve ocorrer, OLIVEIRA (2001) os classifica em: espaço formal ou escola tradicional; espaço não formal que se constitui de locais como centros comunitários, clubes, acampamentos, etc., para um aprendizado organizado e com participação de educando e educadores; e espaço informal que ocorre no cotidiano e inclui a aprendizagem do dia a dia, com múltiplas pessoas, assistindo filmes, visitando museus, etc. resultando das relações inter-pessoais com múltiplos atores sociais, com a mídia e outros meios de comunicação.

O presente trabalho, embora considere que a formação para a cidadania deva ocorrer de maneira ampla com a utilização dos vários espaços, pretende focar sua atenção sobre a escola, ou melhor, na educação formal, pois esta tem sido apontada “como uma via para a constituição da cidadania” (RIBEIRO, 2002, pág. 115). Constitui, também, um espaço bem definido, com importante papel no

desenvolvimento e formação do cidadão e é onde a criança passa grande parte de seu tempo e participa de um grupo social organizado. Este propósito se apóia também na opinião de FOCESI (1992), que coloca como tarefa da escola o desenvolvimento do “cidadão de fato”:

“A cidadania exige o uso esclarecido da liberdade e dos direitos. O cidadão “de fato” deve aprender a participar como sujeito do processo de transformação da sociedade, mas, ele sequer, no Brasil, conseguiu atender o seu direito à alimentação, moradia, trabalho, educação, saúde, lazer enfim, o seu direito à vida. À escola cabe a árdua tarefa de iniciá-lo nessa luta” (FOCESI, 1992, pág.170)

Além disso, a escola é um espaço de convivência de professores, alunos, pais de alunos e comunidade e, como lembra MELLO (2000), o exercício da cidadania, em sociedades democráticas modernas, envolve uma maior integração entre eles.

Vale a pena lembrar que, dentre outros fatores, características escolares como infra-estrutura física e pedagógica e o relacionamento com os pais e comunidades influem no desempenho dos alunos (SAEB, INEP, 2002). Uma boa escola, como caracterizada por SILVEIRA (2000) faz a diferença. Formar cidadãos e desenvolver habilidades exige da escola um ambiente propício.

Merece atenção, também o conteúdo escolar, ou seja, o que se está ensinando e para que? Atualmente, nota-se que o ensino está atrelado ao mercado, à profissão (CHAUÍ, 2001) e assim, a educação, neste período de globalização, está submetida às demandas do mundo do trabalho, não valorizando outros enfoques mais orientados ao sujeito, à melhoria das sociedades ou à democratização do conhecimento (SACRISTAN, 2002).

Embora esteja ocorrendo esta profissionalização do ensino e o cidadão esteja sendo visto como um ser competitivo, dentro de um mercado econômico que exclui a maioria em favor de poucos

(RIBEIRO,2001), a LDB (1996) já está trazendo uma mudança neste enfoque quando diz no seu artigo 2º que a “finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. É uma proposta de transformação que, logicamente, não ocorre de repente, mas pode-se considerar como um estímulo para uma orientação educacional menos voltada ao mercado profissionalizante e mais à capacitação dos indivíduos de tal maneira que possam agir como sujeitos conscientes, capazes de refletir, de se organizar, de participar, de decidir sua própria história dentro da sociedade.

Nesta direção, complementando a LDB (1996) e tendo como enfoque o indivíduo dentro de seu ambiente físico e social, o Ministério da Educação, através da análise e discussões das propostas curriculares elaboradas anteriormente pelos Estados e Municípios, formulou diretrizes para a elaboração dos currículos escolares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (2000). Estes parâmetros diferem das proposições curriculares anteriores, pois contém diretrizes e não normas, sendo uma proposta flexível, não impondo aos Estados e Municípios currículos homogêneos que, muitas vezes, não cabem na realidade local (PCN, Vol 1, 2000). Assim, é da competência de Estados e Municípios, tendo como referência os Parâmetros, a elaboração dos currículos escolares que devem estar em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico e que respeitem as diferenças locais, levando a um aprendizado eficiente que capacite e instrumentalize os indivíduos tanto para interferir criticamente na realidade, de tal maneira a transformá-la para um benefício comum, como para desenvolver nestes competência e consciência profissional.

Além disso, os PCNs (PCN, vol.8, 2000) introduziram temas diretamente relacionados ao exercício da cidadania, os chamados temas transversais: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Trabalho e Consumo,

Orientação Sexual e Pluralidade Cultural, que juntamente com os tradicionais: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Artes, Educação Física e Língua Estrangeira, devem ser tratados de maneira reflexiva e participativa pelo professor. Ao professor cabe o papel de facilitador que, como sujeito de conhecimento, interage com o aluno no tratamento dos temas sugeridos.

Embora alguns autores façam críticas à LDB, como SANTOS (2001), que considera demasiada para a escola e para o professor a responsabilidade de formar cidadãos, sem dar atenção à realidade social na qual estão inseridos, o presente estudo acredita que as mudanças que a LDB e os PCNs trazem tanto no conteúdo dos currículos como na maneira de elaborar e aplicar esse conteúdo, são importantes contribuições para que a escola não seja apenas um espaço de reprodução social, mas também de transformação da sociedade. Cabe à ela oferecer aos alunos informações, promover discussões diretamente relacionadas com a cidadania (Temas Transversais) (SILVEIRA,2000), abordadas de forma reflexiva e, ainda, promover uma integração entre escola, professores, alunos, pais de alunos e comunidade, pois a escola deve estar envolvida com a realidade local.

Acreditando, então, que a escola tem grande parte da responsabilidade no desenvolvimento da cidadania, sendo esta uma das estratégias propostas pela Promoção da Saúde para que se alcance melhores condições de vida e saúde, surge uma questão: como os professores estão se posicionando frente aos temas mencionados e a forma sugerida?

PROFESSORES

“Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos” Moacir Gadotti, 2000

Merece atenção especial da sociedade este profissional, o professor, que precedendo o surgimento da escola (ARROYO, 1999), tem posição de destaque na formação dos indivíduos.

Sendo o propósito deste trabalho contribuir para a formação de cidadãos, colaborando, assim, para a melhoria das condições de vida da população brasileira, cabe, aqui, compreender a percepção que esse profissional tem do seu papel nessa formação.

O envolvimento do professor na construção da cidadania não se dá só pela transmissão de conhecimentos para o aluno através de práticas educativas planejadas e organizadas, obedecendo a um currículo programado. Segundo REGO e SOUSA (1999), tem-se que dar atenção ao “currículo oculto”, isto é, processos de ensino escolar que não estão explícitos nos planos curriculares e programas de ensino. São aprendizagens “colaterais”:

“.... que englobam a estrutura sócio-organizacional da escola e do ensino, o sistema e clima de relações sociais na escola e na classe, os padrões de autoridade e exercício de liberdade em situações formais de ensino, assim como todos os sinais comportamentais emitidos pelos docentes” (REGO e SOUSA, 1999, pág.58).

Ainda, segundo REGO E SOUSA (1999), os dois currículos, o formal e o “oculto”, contribuem para a instrução e socialização do aluno. Particularmente, em relação ao “oculto”, como não é nem percebido, nem intencional, pode permitir a aprendizagem de coisas desejáveis ou indesejáveis (PORTELLI, 1993). Assim, focalizando o professor, é necessário que o seu comportamento “oculto” seja coerente com seu ensinamento, então:

“... não basta ensinar cidadania aos jovens segundo ditames do currículo manifesto - é necessário que os professores (todos e cada um) se comportem como cidadãos “ (REGO e SOUSA, 1999).

Os autores também observam que o conteúdo transmitido pelos professores adquire valor pela forma como este se relaciona com a própria instituição, alunos, colegas, funcionários e pais.

Assim, ensinar cidadania não será eficiente se a conduta do professor não for coerente com o conteúdo ensinado.

Colabora com esta visão o trabalho sobre violência de RISTUM e BASTOS (2004). Os autores colocam que, sendo a violência um conceito construído socialmente, a formação dos conceitos dos alunos sobre ela tem a participação das concepções dos professores, pois há um relacionamento relevante entre ambos.

Com base no estudo de RISTUM e BASTOS (2004), considera-se que é possível estudar o que um indivíduo pensa através de seu discurso e que o pensamento não se dissocia das ações do indivíduo na vida real. Mais considerações sobre este assunto serão feitas no capítulo de metodologia deste trabalho.

Em vista do que foi exposto, mais uma vez, reafirma-se a importância deste trabalho sobre como o professor percebe e se posiciona frente à questão da cidadania e da cidadania na escola, para que seja observado o que está ocorrendo, neste momento, sobre esta questão e para nortear futuras ações de desenvolvimento de cidadania.

Vários estudos sobre o professor no Brasil revelam a falta de preparo deste profissional, entre eles o de LEITE (2001), que através de pesquisa com professores de séries iniciais do Ensino Fundamental, concluiu que estes profissionais não tinham condições técnicas e comprometimento político que possibilitasse um ensino voltado para a realidade.

Essa falta de preparo foi relatada também por MARCELO e BICUDO PEREIRA (1994) no campo da Educação em Saúde. Esses autores observaram que a grande maioria dos currículos dos cursos superiores sugerem uma filosofia de superespecialização e extremo tecnicismo, de tal maneira que o profissional torna-se super especializado e, ao mesmo tempo, valoriza menos a capacitação voltada para os aspectos educativos e pedagógicos.

Além desta superespecialização, RINESI (2001) chama a atenção sobre o fato da universidade estar mais comprometida com as necessidades das empresas do que com as da sociedade. Isto leva a uma formação profissionalizante e não a uma formação cidadã sustentável e, no caso do professor, gera um despreparo para enfrentar o desafio de trabalhar a cidadania com seus alunos. Corroborando esta observação está o estudo de ABRAMOVAY (2002), com professores do ensino fundamental e médio, mostrando que a idéia de escola profissionalizante predomina entre eles. Ambos colocam o ensino/aprendizagem como uma via para a diplomação e qualificação formal exigida para a colocação no mercado, embora também considerem a escola como um espaço permanente de convívio social, objetivando a promoção da cidadania e da capacidade crítica. A autora relata vários outros problemas que, por interferirem no desempenho dos alunos (SAEB, INEP, 2002), devem ser enfrentados. A estrutura escolar deveria propiciar aos alunos e professores condições para o desenvolvimento do exercício da cidadania.

Entre os problemas que estão afetando a sociedade, está a violência que vem fazendo parte do cotidiano dos indivíduos e, logicamente, alunos e professores. Pesquisa realizada por ABRAMOVAY (2002), em escolas públicas, mostra que além da violência externa que acaba atingindo a escola, professores e alunos se agredem mutuamente; mais alarmante ainda, é a constatação de que

uma grande parte dos professores não gosta de ministrar aulas e, em segundo lugar, não gosta da maioria dos alunos. Como, então, esperar que a escola, através dos professores, colabore para a formação de cidadãos?

Fato relatado por MENIN (2002) põe em evidência como o professor e a escola, pelo menos uma parte deles, vêm tratando problemas relacionados à violência ou moralidade. Em pesquisa piloto, KLEBIS e MENIN (2000) colocaram uma situação verídica como dilema para trinta (30) professores de três (3) escolas públicas:

A diretora de uma escola recebendo a denúncia de que alguns alunos estariam levando droga para ser distribuída dentro da escola, comunicou o fato à Polícia Militar que, imediatamente, foi averiguar o fato. Estando uma classe de 5ª série (10 a 12 anos) no pátio, por ter faltado um professor, a diretora pediu que os alunos fossem colocados na sala de vídeo, dizendo aos mesmos que iriam assistir a um filme: em hipótese alguma, os alunos deveriam saber que a polícia estava na escola. Na sala de vídeo, os alunos foram submetidos ao constrangimento de retirarem toda a roupa e ficarem de cócoras, procedimento usado nos presídios para detectar a presença de droga no ânus! A diretora disse para os pais, que estavam revoltados com esta atitude, que sua intenção foi proteger os alunos contra as drogas que poderiam estar sendo distribuídas e utilizadas na escola.

Entre outras respostas relatadas por MENIN (2002), salienta-se que a maioria dos professores entrevistados foram a favor da ação da diretora, pois esta queria proteger os alunos e a polícia era o órgão competente para este tipo de investigação e controle.

MENIN (2002, pág.98) questiona:

“...esse método de educação pode formar personalidades autônomas: chamando a polícia à escola, ensinamos as crianças os

malefícios da droga e os auxiliamos a decidirem, por si mesmas, protegerem-se dos riscos do uso das drogas?”

Observa-se que estes professores trataram o assunto como se a escola e, em especial, o professor não tivessem nada a ver com a questão.

MENIN (2002) também ressalta a pesquisa de SHIMIZU (1998) onde a maioria dos professores afirmou que valores morais eram responsabilidade das famílias dos alunos, da religião, não colocando a participação da escola e professor nesta formação:

“ ... é como se houvesse a crença que, em moral, a família é tudo e a escola, nada” (MENIN, 2002, pág.96).

Estas pesquisas, como dito anteriormente, colocam em evidência a falta de preparo e de interesse dos professores, pelo menos de alguns, em lidar com determinadas situações, por exemplo, questões que dizem respeito ao cidadão na sua vida em sociedade.

É também problemático o relacionamento entre professores e alunos, pois estes últimos colocam o professor como principal agente de injustiças dentro da escola, como relatam CARBONE e MENIN (2004).

Mas, pesquisa realizada pela UNESCO (2004) revela que a maioria dos professores no Brasil consideram que a finalidade da educação é formar cidadãos. Este dado e os demais apresentados acima, mostram o conflito existente no desempenho do papel dos professores em relação a formar crianças e adolescentes, seus alunos, para a cidadania. Se por um lado o professor tem intenção de formar cidadãos, por outro, vários trabalhos apontam seu despreparo nesse campo.

Mesmo não podendo generalizar os fatos acima, observa-se a presença de conflitos e desorientações nas atitudes ou ações destes profissionais e cidadãos, os professores. Assim, reafirma-se a importância deste estudo para nortear ações que melhorem o desempenho de professores e alunos na questão da cidadania.

Cabe, neste momento, fazer um breve comentário sobre a formação de professores, uma vez que aí poderiam residir alguns fatores que estariam contribuindo, em parte, para os fatos já relatados:

“A questão da formação dos professores ganha importância a partir da discussão sobre a qualidade do ensino nos diferentes níveis e modalidades, como desdobramento da luta em favor da construção da cidadania e da democracia” (UNESCO, 2004, p. 38)

Como comenta LIBÂNEO (2003) aspira-se, hoje, uma escola capaz de garantir a todos uma formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. Propõe-se que a escola seja recriada como espaço de formação individual e de cidadania democrática, sendo que o professor tem um papel essencial nessa construção (NÓVOA, 1999). Então, tem-se que dar atenção à formação deste profissional, além de atuar no sentido de melhorar suas condições de trabalho e situação social, ainda mais porque os professores são elementos decisivos para a concretização do que foi proposto na Conferência Mundial de Educação para todos, realizada em Jomtien (Tailândia):

“A educação pode contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero e ambientalmente mais puro e que, ao mesmo tempo, favoreça o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação internacional.” (Declaração, JOMTIEN, 1990).

No Brasil, a partir da década de 1980, o professor tem sido reconhecido como um dos principais agentes de mudança (WEBER, 2003). Sua participação nas mudanças que estão ocorrendo, tanto na qualidade de ensino como na democratização da sociedade brasileira, tem sido considerada essencial.

Para atender às demandas dessas mudanças, a atividade docente deixou de ser uma ocupação, passando a ser uma profissão, com formação de nível superior, tendo sido criado o Curso Normal superior, fazendo parte do Instituto Superior de Educação (WEBER, 2003). Esta

iniciativa tem provocado tanto manifestações contrárias como a seu favor, necessitando, ainda, de estudos e discussões para que se chegue a um consenso.

Então, ser professor, hoje, implica em muito mais do que o domínio do conteúdo:

“...ao professor não basta conhecer o conteúdo específico de sua área: ele deverá ser capaz de transpô-lo para situações educativas, para o que deverá conhecer os modos como se dá a aprendizagem em cada etapa do desenvolvimento humano, as formas de organizar o processo de aprendizagem e os procedimentos metodológicos próprios a cada conteúdo.” (KUENZER, 1999, pág.172).

Estar capacitado para trabalhar com as diferenças e desenvolver competências em pesquisa, visando um avanço conceitual na área da educação, são alguns dos novos requisitos para a função docente (KUENZER, 1999).

Segundo LAPO e BUENO (2003), outro fato relevante, que interfere no desempenho da função docente, é a desvalorização e a falta de motivação que acomete esta classe, gerando um quadro de insatisfação que pode culminar com o abandono do magistério. Os mesmos autores também comentam que, de 1990 a 1995, houve um aumento de 300% nos pedidos de exoneração do magistério público em São Paulo, com um crescimento anual médio de 43%.

LAPO e BUENO (2003) constataram também que são várias as causas da evasão de professores das escolas públicas, sendo que a baixa remuneração é o motivo mais freqüente, embora seja notório, na maioria das vezes, que este seja mencionado juntamente com outros motivos, muitos deles relacionados à valorização que o Estado atribui à Educação, bem como à cidadania e, ainda, à falta de perspectiva de crescimento profissional e às péssimas condições de trabalho.

A insatisfação, a desvalorização que sofre o professor como profissional, a alta rotatividade observada, que gera falta de vínculo do professor com a escola, são fatos que contribuem para uma baixa qualidade do ensino no Brasil (LAPO e BUENO, 2003). Além disso, a falta de apoio dos pais e alunos, a impossibilidade de participar das decisões sobre o rumo do ensino, a falta de apoio e de reconhecimento do trabalho docente por parte das instâncias superiores do sistema educacional, provocam uma desmotivação que também se reflete na qualidade do ensino (LAPO e BUENO, 2003).

Assim, há a necessidade de estudos e definições de metas e diretrizes voltadas para a formação do docente, visando formação adequada e também sua valorização, tanto pelas instituições como pela sociedade, para que se possa pensar em alcançar um ensino de boa qualidade.

Deve-se ressaltar, neste momento, a importância do surgimento de Escolas Promotoras de Saúde, uma das estratégias de Promoção da Saúde, que estão caracterizadas no trabalho realizado por SILVEIRA (2000) e onde as condições gerais são favoráveis ao desenvolvimento da cidadania. Mas, também, esta estratégia prevê a necessidade de capacitar os professores, como reconhece IERVOLINO (2000), afirmando que a Educação Continuada pode atuar como ferramenta poderosa de transformação de pessoas e de seus locais de trabalho que, neste caso, eram professores atuando como agentes multiplicadores e promotores de Saúde na escola por meio da Educação em Saúde.

Embora a Educação Continuada constitua um dos caminhos para que se efetive a capacitação dos professores, são necessárias também políticas públicas que favoreçam tanto o professor como indivíduo dentro da sociedade, como o professor trabalhador no seu ambiente de

trabalho. É preciso que haja uma valorização do magistério para que se resgate o verdadeiro valor do professor.

Como síntese do que foi exposto, pode-se dizer que a melhoria das condições de vida e saúde da população apoia-se no exercício da cidadania, como propõe a Promoção da Saúde. Este exercício depende, em grande parte, do compromisso da escola com a formação de cidadãos e do desempenho dos professores que têm papel de destaque neste processo.

Assim, o presente estudo pretende investigar, como parte de um conhecimento essencial para a construção da cidadania, a representação social do professor sobre cidadania, dentro da realidade social e do momento histórico atuais, assim como o trabalho que desenvolve com os alunos nesse sentido e a sua percepção sobre o seu papel.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Construir um instrumental para identificar as representações de cidadania de professores de escolas públicas da cidade de São Paulo, relacionada aos direitos do cidadão de ter condições para uma vida saudável.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Através da utilização do método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo, pretende-se conhecer representações sociais mais comuns sobre cidadania entre professores de escolas públicas da cidade de São Paulo, quanto:

- 1- O papel da escola no desenvolvimento da cidadania.
- 2- Sua posição, em relação aos alunos, no desenvolvimento da cidadania.
- 3- Sua concepção sobre o aluno ser cidadão.
- 4- A concepção de cidadania.

METODOLOGIA

METODOLOGIA

Neste capítulo busca-se justificar a escolha da metodologia utilizada para a análise dos dados obtidos.

Como o presente trabalho é um estudo de cunho social, que envolve a análise de percepções, a metodologia qualitativa mostra-se mais adequada, pois não transforma os pensamentos em números através de porcentagens, o que poderia levar à perda de muitas informações relevantes (LEFÈVRE *et al*, 2000).

MINAYO (1992) define as metodologias qualitativas como “capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”. Isto é essencial para uma pesquisa de caráter social como pretende este trabalho.

A matéria prima de uma pesquisa qualitativa são os discursos coletados em determinada coletividade, que formam, em conjunto, as representações sociais. Embora hajam divergências, pode-se dizer que as representações sociais são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, expressando uma determinada realidade comum a um conjunto social, num determinado momento (SILVEIRA, 2000). Segundo LEFÈVRE *et al* (2000), as representações sociais podem se expressar através de discursos verbais. O autor considera que estes descrevem muito melhor e mais adequadamente os pensamentos dos indivíduos e coletividades “porque os pensamentos pertencem à família das línguas e linguagens e, portanto, à ordem do discurso ou do texto” (LEFÈVRE E LEFÈVRE, 2003, pág. 14).

Considerando o exposto e os objetivos propostos, neste estudo, optou-se por elaborar um roteiro de entrevistas com questões abertas suficientemente para captar os discursos verbais de professores a serem

analisados através da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), (o roteiro encontra-se no Anexo 2).

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)³ é um procedimento metodológico de natureza qualiquantitativa:

“O DSC consiste numa forma não matemática nem metalingüística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma séria de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante.” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005, pág.25).

Este procedimento recupera a natureza discursiva e argumentativa do pensamento, sendo um processo complexo onde uma série de operações são realizadas sobre o material discursivo coletado nas pesquisas (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003):

- 1- Expressões-Chave (Ech): selecionou-se trechos que melhor descreviam as idéias do material verbal de cada depoimento.
- 2- Idéia Central: agrupou-se as Expressões-Chave semelhantes, sendo que cada grupo (categoria) correspondeu à uma Idéia Central (IC). As idéias centrais são fórmulas sintéticas que descrevem o sentido dos depoimentos.
- 3- Ancoragem: não foi detectada, no presente estudo. São fórmulas sintéticas que descrevem as ideologias, os valores, as crenças, sob a forma de afirmações genéricas, destinadas a esquadrihar situações particulares

4- DSC: finalmente procedeu-se à construção do DSC através da reunião das Ech presentes nos depoimentos com ICs de sentido semelhante ou complementar. Observa-se que o DSC é a soma qualitativa das Ech semelhantes de indivíduos distintos. É um discurso coletivo que individualiza um determinado sentido, constituindo uma qualidade (LEFÈFRE e LEFÈVRE, 2005).

Os DSCs além de uma metodologia qualitativa, oferece uma visão quantitativa, pois cada um deles é o resultado de um determinado número de depoimentos. Esta dimensão possui 2 atributos, a intensidade que proporciona o conhecimento de quantos indivíduos concorreram para a construção de um dado DSC e a amplitude que fornece o grau de penetração de determinado discurso em diferentes grupos (LEFÈVRE *et al*, 2004). Na presente pesquisa não foi possível observar a amplitude porque um só grupo foi formado.

O DSC permite resgatar a densidade, a complexidade dos objetos de pesquisa, contribuindo, assim, para um melhor entendimento sobre o tema analisado (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2005).

ENTREVISTAS

A coleta de dados (discursos) foi feita através de entrevistas abertas, orientadas por um roteiro (Anexo 2) que permitiu acesso às idéias, crenças, maneira de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de atuar, conduta ou comportamento presente ou futuro, razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos ou comportamentos (JAHODA,1951).

As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas onde os professores lecionavam, com duração média de 10 minutos. Antes de iniciá-las, era explicado para os indivíduos o porquê e o objetivo da

³Para a construção do DSC foi utilizado o Software Qualiquest, 2005

pesquisa, informando também que seus depoimentos seriam gravados e que para isso havia necessidade de seus consentimentos por escrito (Anexo 1). Os depoimentos gravados em fita magnética, foram, posteriormente, transcritos para recuperar sua integralidade.

As perguntas aplicadas conforme já mencionada foram elaboradas no sentido de se alcançar os objetivos propostos neste estudo, sendo perguntas abertas, pois estas permitem que os entrevistados se expressem livremente, produzindo um discurso (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003)

Os discursos individuais foram organizados e tabulados de maneira a se construir o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Com a finalidade de corrigir possíveis erros de forma e/ou conteúdo das perguntas, foi realizado um pré teste, com 10 professores, e observou-se uma adequação das questões com os propósitos apresentados.

OS ENTREVISTADOS E SEU AMBIENTE

Considerando o professor como elemento chave no aprendizado do aluno e com o propósito de construir um instrumental para identificar suas representações sociais sobre cidadania, foram entrevistados quarenta (40) professores de três (3) escolas da Rede Pública da cidade de São Paulo, uma (1) de Educação Infantil e duas (2) de Ensino Fundamental e Médio

A seguir, será feita uma breve caracterização das escolas que permitiram as entrevistas, com a finalidade apenas de apresentar o contexto, o ambiente de trabalho dos professores.

A escola de Educação Infantil (Escola A) possui 136 alunos, sendo 34 por sala, possuindo condições adequadas, como número de carteiras,

limpeza e outras, para o bom andamento das aulas. Foram entrevistadas 7 professoras de um total de 11, sendo todos concursados. Todos têm um bom relacionamento com os pais, embora este seja reduzido à reuniões ordinárias, à festas e à algumas palestras agendadas. A escola possui um projeto pedagógico próprio, construído coletivamente, mas não possui projeto específico de desenvolvimento de cidadania, uma vez que esta, assim como questões do meio ambiente são trabalhados na rotina das aulas com os alunos.

A segunda escola que possibilitou a realização das entrevistas, é de Ensino Fundamental (Escola B), tendo 550 alunos (em média 30 por classe), 19 professores (16 entrevistados), sendo apenas 4 titulares do cargo. O relacionamento com os pais é bom, mas também ocorre, preferencialmente, em situações ordinárias como reuniões bimestrais, Conselho de Escola e Associação de pais e mestres. Possui projeto pedagógico próprio, construído coletivamente e projetos de Prevenção de Doenças e de Valores na Escola de participação voluntária. As condições da escola estão adequadas aos alunos que atendem, tendo, além das estruturas normais como salas de aulas, sala de professores, banheiros e secretaria, sala de vídeo, biblioteca, anfiteatro, laboratório de ciências, ginásio coberto e quadra descoberta. Todos ambientes possuem condições de higiene adequadas. A escola é inclusiva, possuindo alunos com deficiência visual média e com Síndrome de Down. Trabalha as questões da cidadania através de jornais, revistas, visitas, debates e com projetos como o de recuperação do jardim da escola, e reciclagem de papel e latas.

A terceira escola (Escola C) onde foram realizadas as entrevistas é de Ensino Fundamental e Médio, possuindo um total de 720 alunos nesses 2 cursos e, em média, 40 por classe. No período noturno, ocorre o curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola possui 40 professores, sendo a maioria concursados. Possui boas condições de

limpeza, um número adequado de salas de aula, banheiros, sala de professores, biblioteca, sala de vídeo, sala de informática, laboratório multidisciplinar e ginásio para educação física. A escola possui projetos como: Energia Solar, Grandes Mentres e outros que visam enriquecer o aprendizado do aluno. Possui também parcerias com a Escola de Belas Artes, Escola Superior de Propaganda e Marketing, fazendo alguns trabalhos em conjunto. Tem parceria também com a Universidade Federal de São Paulo (Escola Paulista de Medicina) visando atendimento psicológico de alunos que necessitam. Tem um bom relacionamento com os pais, realizando reuniões cujos objetivos são compartilhar com eles o histórico escolar de seus filhos.

Antes das entrevistas gravadas, foram feitas questões (ANEXO 2) aos professores com a finalidade de se obter seu perfil. As respostas obtidas encontram-se na TABELA 1.

PROCEDIMENTO ÉTICO

A presente pesquisa envolve depoimentos de professores em relação aos conceitos e atitudes que possuem frente ao significado da cidadania. A importância disto está no fato de que, atualmente, tem-se colocado a formação de cidadãos como imprescindível para uma melhora na saúde e qualidade de vida.

Como serão realizadas entrevistas para a obtenção deste conhecimento, é necessário que se obedeça aos procedimentos éticos vigentes como: garantia de privacidade evitando qualquer demarcação que dê destaque ao entrevistado; esclarecer aos entrevistados quanto aos objetivos do trabalho, cabendo à eles o arbítrio de sua participação

ou não; nunca exercer nenhum poder coercitivo junto aos entrevistados e total sigilo de seus depoimentos (FORTES, 1998). (Anexo 1)

Após o término dos trabalhos, os entrevistados serão informados sobre os resultados e conclusões.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

PERFIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

A maioria dos professores entrevistados (Tabela 1) encontra-se na faixa etária de 36 a 50 anos, está no magistério entre 11 e 20 anos e a maior presença do sexo feminino no magistério foi observada também por LAPO E BUENO (2003) em pesquisa realizada nas escolas públicas do Estado de São Paulo sobre o porquê do aumento do abandono do magistério entre 1990 e 1995.

LAPO e BUENO (2003) observaram também que o professor quando faz um curso de especialização, mestrado ou doutorado, em geral acaba abandonando o magistério, ou porque o diploma de pós-graduação oferece novas oportunidades, ou por falta de incentivo do sistema de educação, pois, segundo os autores, a obtenção do título de mestre, por exemplo, dava direito à mesma promoção recebida pelo professor que teve no máximo 20 faltas num período de 10 anos, mesmo que não tivesse realizado nenhum curso de pós-graduação. Talvez este fato possa explicar o porquê tão poucos, no caso desta pesquisa, tenham chegado ao mestrado ou doutorado, pois, como mostra a TABELA 1, somente um professor possuía o título de doutor, um de mestre e dos restantes, 19 tinham curso de especialização e 19 somente a graduação.

Outra observação que merece destaque é que dos 40 entrevistados, 21 não pertencem a sindicatos e dos 19 que são filiados, somente um tem participação ativa (TABELA 1). Este fato, juntamente com alguns depoimentos obtidos (DSCs), revelou uma pequena participação do professor em ações que expressam o exercício da cidadania, considerando os sindicatos como um canal para a participação. Isto será discutido mais intensamente no decorrer deste estudo.

TABELA 1 - PERFIL DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

ESCOLA	SEXO		IDADE			ESCOLARIDADE				TEMPO MAGISTÉRIO			FILIAÇÃO SINDICAL		
	M	F	20-35	36-50	51+	GRAD.	MEST.	DOUT.	ESP.	1 MÊS-10	11-20	21+	NÃO	SIM	PART. ATIVA
A (18 PROF.)	5	13	3	11	4	8	1	-	9	4	8	6	9	9	-
B (16 PROF.)	-	16	5	8	3	7	-	1	8	7	5	4	9	7	-
C (6 PROF.)	-	6	1	3	2	4	-	-	2	1	3	2	3	2	1

Fonte: Entrevista com professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio de 03 escolas públicas da cidade de São Paulo.

RESGATE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

QUESTÃO: É POSSÍVEL ENSINAR CIDADANIA NA ESCOLA? SE SIM, POR QUE E COMO? SE NÃO, POR QUÊ?

Com esta questão pretendeu-se levantar qual o papel da escola em relação à cidadania, na visão do professor.

Vivendo-se na época da globalização econômica, cultural e das comunicações, ao mesmo tempo em que são grandes os problemas sociais no Brasil, é pertinente este conhecimento, pois professores e escolas possuem uma posição estratégica na determinação de aprendizados e condutas que, necessariamente, estão se modificando.

Pretendeu-se também conhecer a forma de ensino que o professor propõe, pois esta é determinante para a qualidade do aprendizado.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS (ICs)

- A** - Sim, trabalhando assuntos relacionados à questão da cidadania em sala de aula.
- B** - Sim, trabalhando diretamente a questão da cidadania.
- C** - Sim, através do relacionamento inter-pessoal na sala de aula e na escola.
- D** - Sim, tendo o professor como modelo.
- E** - Sim, trabalhando a família do aluno.
- F** - Valorizando o aluno e a família.
- G** - Não respondeu.

- H** - Mostrando que o aluno tem que continuar os estudos até a pós-graduação.
- K** - Sim, porque é a função e o objetivo do trabalho do professor.
- L** - Sim, porque o aluno não tem noção de cidadania e tem que ser conscientizado.
- M** - Sim e é fácil.
- N** - Sim, porque é fundamental para formar um cidadão.
- O** - Sim, porque é um direito.
- P** - Sim, porque é função da escola e os alunos não têm orientação em família ou em outros locais.
- Q** - Sim, mas é difícil.
- R** - Sim, porque é o melhor momento para a criança.
- S** - Sim, algumas coisas, pois outras vêm da formação em relação à família.

CATEGORIZAÇÃO DAS IDÉIAS CENTRAIS

Primeiramente, as respostas foram separadas em 2 grandes categorias segundo os seguintes critérios:

- respostas que traziam **como** a cidadania deveria ser ensinada na escola.
- respostas que explicavam o **porquê** de se ensinar cidadania na escola.

A primeira grande categoria (como) foi subdividida nas várias formas de se ensinar cidadania sugeridas pelos professores.

A segunda, foi subdividida nas várias razões dadas pelos professores para que a cidadania seja ensinada na escola.

É possível ensinar cidadania na escola? Se sim, por que e como?
Se não, por que?

Resultado quantitativo

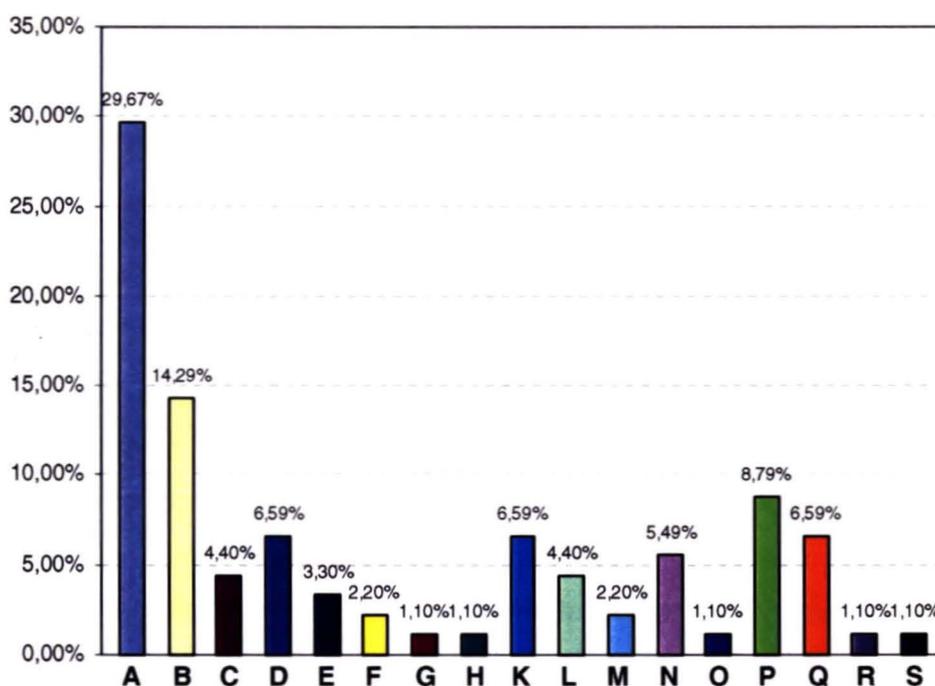


Gráfico 1 – Intensidades das representações dos professores entrevistados (número de respostas, em porcentagem, por categoria de idéia central)

Legenda

- A Sim, trabalhando assuntos relacionados à questão da cidadania em sala de aula.
- B Sim, trabalhando diretamente a questão da cidadania.
- C Sim, através do relacionamento inter-pessoal na sala de aula e na escola.
- D Sim, tendo o professor como modelo.
- E Sim, trabalhando a família do aluno.
- F Valorizando o aluno e a família.
- G Não respondeu.
- H Mostrando que o aluno tem que continuar os estudos até a pós-graduação.
- K Sim, porque é a função e o objetivo do trabalho do professor.
- L Sim porque o aluno não tem noção de cidadania e tem que ser conscientizado.
- M Sim e é fácil.
- N Sim porque é fundamental para formar um cidadão.
- O Sim porque é um direito.
- P Sim porque é função da escola e os alunos não têm orientação em família ou em outros locais.
- Q Sim, mas é difícil.
- R Sim, porque é o melhor momento para a criança.
- S Sim, algumas coisas, pois outras vêm da formação em relação à família.

QUESTÃO: É POSSÍVEL ENSINAR CIDADANIA NA ESCOLA? SE SIM, POR QUE E COMO? SE NÃO, POR QUÊ?

RESULTADOS QUALITATIVOS (DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO)

DSC 1ª A - Discurso do ensino da cidadania através de temas relacionados.

Acho que é possível sim, não como um ponto da matéria pois cidadania é um valor, mas trabalhando, na medida do possível, no momento de nossas aulas, com todo o material significativo para o aluno, a minha matéria dá para trabalhar. Às vezes, o aluno fala um bom dia meio invertido, com aquela falta de educação, daquele bom dia pode sair uma aula, o que não acontece sempre. Nessa hora, em que eles manifestam agressividade, a gente tenta colocar, com diálogo, que eles têm que respeitar o outro, os limites dos outros e o porquê disso.

A gente pode fazer algum comentário que tenha a ver com cidadania, como jogar o papel deles no lixo, deixar a sala em ordem, respeitar o ambiente ou mostrar mais a consequência ecológica da estória: sabe o que acontece se todo mundo jogar um papelzinho de bala? No dia-a-dia, a gente sempre faz um comentário que tem a ver e quando o assunto reflete o dia a dia deles, é mais fácil você estar adentrando, pois se não é difícil pará-los para ouvir.

Outra forma é pegarmos a criança e trabalharmos os valores que já vêm de casa e da própria sociedade civil ou trabalharmos questões da própria realidade do aluno, tentando resolver os seus problemas, trazendo o assunto para a sala de aula através de discussões, sempre

convidando o aluno a pensar junto com você, a questionar, a se questionar o tempo todo como pessoa.

Com as lições do dia-a-dia, muitas vezes mostro as necessidades da matemática para se tornar um cidadão, mostro que eu não posso ser um cidadão e nem reivindicar os meus direitos se eu não sei olhar o preço. Como que vou reivindicar se não sei olhar número? Você dá um exemplo e eles fazem a comparação do que acontece no dia a dia. Então, o educador tem que estar pegando a aula dele e passar o conhecimento da disciplina, relacionando com a realidade deste aluno, com a realidade da escola pública, mostrando que isso está fazendo a vida deles ficar mais ampliada, eles terem mais abertura, mais conhecimento, isso para mim é fundamental.

Trabalhar outras questões que não sejam, assim, próprias da cidadania, tipo vamos trabalhar o conceito de alienação ou algumas coisas que a cidadania aborda, a gente também está trabalhando o conceito de cidadania, você vai trabalhando conceitos. Também acho que é muito importante as diferenças de um e de outro, trabalhar as diferenças dentro da escola, mas não é um trabalho fácil.

A gente tem de lidar, ensinar, treinar, mas primeiro a gente tem que ganhar a criança, ela tem que sentir que a gente está ali para dar o melhor para ela. Aí, você vai colocando as questões para eles, aproveitando o conteúdo da disciplina, através do diálogo, da conscientização, de comentários, de reportagens de revistas, de jornais ou fazendo ensaios de, por exemplo, como votar, colocando candidatos fictícios e aí os alunos votam e discutem porque votou neste e não votou naquele. Eu também faço com que eles sejam empresários, então, eles fazem os anúncios, fazem currículos, elaboram capas de apresentação de currículos. Então, eu acho que assim estou ensinando cidadania.

Todos os dias você acaba trabalhando cidadania, mostrando para eles o que é certo e o que é errado, o que deve e o que não deve fazer.

Eu acho que todas as ações educativas são baseadas em trabalho de cidadania, você pode até passar valores sem dirigir diretamente para cidadania, mas você vai passando, depois retoma e vai sempre elaborando. É sempre um retomar e nunca um terminar.

DSC 1ª B - Discurso do ensino da questão de cidadania.

É possível ensinar a cidadania de uma maneira mais aberta, mais esclarecida agora eu estou ensinando aspectos da cidadania, o que é ser um cidadão, o que é o espaço público, trabalhando diretamente com questões da cidadania e tem que começar desde que a criança é pequena, porque exercer a cidadania não é apenas a gente ensinar a eles os deveres e os direitos que as pessoas têm, não adianta eles conhecerem e não saberem utilizar, e não fazer disso uma prática. Tem que fazer também um trabalho de conscientização, por exemplo, ensinar a não jogar papel no chão, mantendo a sala limpa e falar que não se deve fazer isso também na rua e explicar o porquê: porque pode ter enchente na cidade ou trabalhar com a preservação do meio ambiente, o que a gente tem feito através da reciclagem de material.

Acho que o professor deve ensinar cidadania, basta você estar sabendo como focar essa cidadania, sendo cada matéria na sua área. Então, devemos estar trabalhando com os alunos a questão dos direitos e deveres do aluno, dos direitos e deveres do professor, dos direitos e deveres da escola enquanto instrumento público, a questão do respeito, do direito do outro, ele tem que respeitar o outro para poder ser respeitado, então ele tem que estar acostumado que a vida é troca. A minha matéria, ciências, trabalha muito com cidadania, por exemplo, quando a gente trabalha meio ambiente ou a questão da prevenção de doenças. Assim, quando o aluno sair da escola vai ter um senso crítico sobre o meio onde vive, sobre os problemas.

É possível ensinar cidadania, mas acho mais fácil através de projetos que envolvam cidadania e temas de cidadania para que o aluno saiba que ele tem um papel na sociedade, que ele é um cidadão de direitos e deveres também e para ele estar se entendendo como produtor histórico da sociedade, através de projetos que estimulem isso, como estudo do bairro, estudos dos problemas da sociedade, estudos de acontecimentos atuais. Como eu, enquanto cidadão, posso estar ajudando neste problema? É melhor que não seja um projeto só da escola, teria que ter uma ajuda externa e não apenas uma ajuda pró-forma, teria que realmente fazer um projeto em que todos estivessem engajados, mas isso não acontece atualmente

Outra maneira de ensinar é dar aula fazendo textos sobre cidadania e outros fatos que aconteceram aqui ou em outros países. Ao alunos produzem os textos e através destes a gente entra no assunto. Pode, também utilizar, paralelamente, jornais, revistas, livros especializados sobre cidadania, mas tem que ter tudo preparadinho, planejadinho.

DSC 1ª C - Discurso do ensino da cidadania através do relacionamento inter-pessoal na sala de aula e na escola.

Sim é possível, mas até adquirir uma certa confiança com o aluno, a eles, porque, por exemplo, mesmo dentro da matemática eles aprendem a se relacionar, trocando exercícios, informações, estudando juntos. Além dessa dinâmica da sala de aula, o convívio com os coleguinhas, com os professores, com a direção da escola contribuem para formar um bom cidadão.

DSC 1ª D - Discurso do ensino da cidadania através do exemplo do professor.

A gente ensina cidadania através dos nossos atos em sala de aula, da nossa postura, da nossa conversa. Eu acho que você deve ensinar cidadania mostrando, não só falando porque a criança toma o professor como exemplo. Então, através de simples atos, como jogar um papel no lixo, você está dando um exemplo de praticar cidadania no dia a dia. O professor não pode rezar uma bíblia e pregar outra, isto é, falar uma coisa e fazer outra, ele tem que praticar o que ensina.

DSC 1ª E - Discurso do ensino da cidadania realizando um trabalho com a família do aluno.

É possível sim, tentando trazer a família para dentro da escola. Precisaria ter, assim, uma presença mais do pai na escola. Porque eu acho que o pai também está perdido, não sabe o que é direito dele, outros sabem mas abusam dos direitos e não querem ter os deveres. Então, talvez, seja uma desorientação da família e eu acho que precisaria estar investindo mais na família para depois atingir as crianças mais profundamente. Por exemplo, a gente conversa com os pais para utilizar serviços públicos que é um direito deles, a gente marca consulta nos postos de saúde que a escola tem convênio e o pai acaba não indo. Então assim, ser cidadão não é só você ter aquele benefício, é você saber dos seus direitos e também não desdenhar daquilo que você tem, que já não é tanta coisa.

DSC 1ª F - Discurso do ensino da cidadania valorizando o aluno.

Sim, é possível. Acho que, primeiro, a gente tem que valorizar o aluno trabalhando com a importância da família, a importância dele, de

ele se gostar, a importância do nome, a história do nome. Então, eu acho que é nesse sentido, você mostrar para o aluno que ele tem chance e que eles podem melhorar.

DSC 1ª H - Discurso do ensino da cidadania mostrando a necessidade de continuação dos estudos.

Eu acho que fazer o meu aluno cidadão é mostrar para ele que não acaba na oitava série, depois da oitava ainda tem o ensino médio, ainda tem a universidade e ainda tem a pós-graduação, porque hoje só a universidade não serve para mais nada, esta é a minha visão, é uma necessidade.

DSC 1ª K – Discurso de que é função e objetivo do trabalho do professor ensinar cidadania.

Eu creio que sim, eu acho que é um dever de cada um de nós, professores e o objetivo fundamental de nosso trabalho. O professor tem um papel importante e sua principal tarefa, antes mesmo da matéria, é formar um cidadão e é o que eu mais faço nas minhas aulas. Acho que nós, professores, temos a função e a obrigação de estar formando cidadãos, temos que estar encaminhando os nossos alunos para eles saberem reivindicar os seus direitos, terem os seus deveres, terem os seus sonhos, realizarem esses sonhos, fazendo o possível para que eles tenham uma boa formação para enfrentar o mundo aí fora.

Eu penso que o educador verdadeiro é aquele que está ajudando a construir o indivíduo em todos os sentidos, emocional, psicológico. Então, isso é o que eu mais prezo no meu trabalho, poder construir um cidadão para o amanhã, não apenas chegar e passar conhecimento da minha matéria, mas ensinar a como se comportar, a viver em sociedade, a pensar no

próximo, a ser uma pessoa correta, de princípios corretos, enfim, formar um cidadão.

DSC 1ª L – Discurso da necessidade de ensinar na escola.

Sim, é possível e muito importante, eu acho que é primordial na educação infantil a questão da criança se entender como cidadão no presente, mas os alunos não têm essa coisa de cidadania, não sabem participar, eles não têm esta maturidade porque são crianças. Então, a gente tem que estar parando e trabalhando isso, nós temos que fazer com que o aluno se conscientize, por exemplo, de que a cidade não é só dele, de que não pode jogar lixo no chão...

DSC 1ª M – Discurso que considera fácil ensinar cidadania na escola .

Sim, é possível ensinar cidadania na escola, como em qualquer outro lugar, mas na escola eu acho que é muito mais fácil porque as crianças estão longe dos pais, longe dos responsáveis. E não é difícil, também, porque os alunos estão atualizados.

DSC 1ª N – Discurso que considera fundamental o ensino da cidadania para formar um cidadão.

Eu acho que é possível e que é fundamental para a formação cidadã destes jovens que estão na escola. É fundamental que, de alguma forma, se ensine cidadania, porque tudo o que a gente faz, tudo o que você vê está relacionado à cidadania.

Não podemos só ensinar a ler e a escrever, temos que passar questões para a própria formação do ser humano porque nós vivemos em sociedade e temos que viver bem nela. Temos que plantar bem no comecinho o que é ser um cidadão, o que é participar, porque não adianta ele ser cidadão no papel e não ter voz. Na escola a gente trabalha essa questão deles terem voz, de serem ouvidos.

DSC 1ª O – Discurso que considera o ensino da cidadania na escola um direito.

É possível ensinar cidadania na escola e acho que é um direito.

DSC 1ª P – Discurso que considera necessário o ensino da cidadania na escola porque os alunos não têm orientação em família ou em outros locais.

Eu acho que a escola é o lugar onde são formados os cidadãos. É o espaço onde se ensina cidadania, é um dos espaços mais privilegiados para esse ensino e é muito importante esse trabalho porque esses alunos, não todos, é claro, vêm de famílias desestruturadas e, às vezes, vêm com regras de comportamento ou de direitos que a família colocou, mas que não têm base nenhuma.

Acho que a educação geral do aluno, inclusive o emocional, ficou mais para a escola. Os alunos estão muito sozinhos, pois a família está se preocupando com muitas outras coisas, acho que até com a manutenção física desta criança e não tem dado uma orientação para ela.

DSC 1ª Q – Discurso que considera difícil ensinar cidadania na escola.

Não é impossível, mas é difícil. Hoje em dia, não se consegue promover o conceito de cidadania realmente, talvez porque a escola esteja um pouco afastada dos alunos e, na minha opinião, numa escola pública a dificuldade é maior porque não tem a colaboração dos pais. São pais que trabalham, moram longe e, muitas vezes, encontramos muita resistência por parte deles e mesmo dos alunos.

É difícil também porque os alunos já têm uma opinião formada, baseada no que acontece no dia a dia deles que é diferente da teoria que você quer

colocar na cabeça deles. Por exemplo, a lei, ela não age de forma igual para todo mundo.

Então, para conseguir passar cidadania, é necessário um trabalho de convivência na escola, dia após dia, ano após ano e o aluno tem que confiar em você para conseguir escutar o que você está falando. Assim, a partir da confiança e da convivência com os alunos dentro da escola, durante vários anos, consegue-se trabalhar.

DSC 1ª R – Discurso que considera a escola como o melhor momento para o ensino da cidadania.

É possível e é o melhor momento para a gente estar ensinando porque a criança precisa se formar dentro dos parâmetros dos deveres e dos direitos.

DSC 1ª S – Discurso que considera que o ensino da cidadania na escola complementa a orientação no lar.

Eu acho que sim, apesar de muita coisa vir da formação em relação ao lar, a casa, a família, nós conseguimos, na medida do possível, orientar algumas coisas em sala de aula, na escola. Às vezes, quando em casa não tem, eu acho que a escola dá uma boa noção, ajuda bastante.

O ENSINO DA CIDADANIA NA ESCOLA

DISCUSSÃO

Observou-se que a maioria dos professores considera possível ensinar cidadania na escola, propondo várias formas de ensino e colocando várias razões para isso.

A maioria dos professores prefere que a cidadania seja tratada como Tema Transversal (DSC 1ªA: Intensidade = 29,3%, GRÁFICO 1), seguindo a orientação dos PCNs (2000) :

“Acho que é possível sim, não como um ponto da matéria, mas trabalhando, na medida do possível, no momento de nossas aulas...” (DSC 1ª A)

Outra parte dos entrevistados (DSC 1ª B: intensidade= 13,98%, GRÁFICO 1) considera que a melhor forma é trabalhar diretamente a questão da cidadania através de projetos, revistas, jornais, elaboração de textos, etc...:

“...devemos estar trabalhando com os alunos a questão dos direitos e deveres do aluno, dos direitos e deveres do professor, dos direitos e deveres da escola enquanto instrumento público...” (DSC 1ªB)

Nota-se uma valorização da formação cidadã, que também pode ser vista no DSC 1ª N:

“...não podemos só ensinar a ler e a escrever, temos que passar questões para a própria formação do ser humano porque nós vivemos em sociedade e temos que viver bem nela...”

Considerando as más condições de vida e saúde de grande parte da população brasileira (MINAYO, Westphal ?), onde também persiste uma condição de submissão (MATUÍ, 2001), é importante esta valorização da formação cidadã que o professor revelou, pois favorece o

desenvolvimento do exercício da cidadania, uma das estratégias da Promoção da Saúde que, juntamente com outras ações, propicia uma verdadeira emancipação da população.

Foi proposto um ensino que conscientize o aluno através do diálogo, no qual o aluno questione, participe da aula:

“...aproveitando o conteúdo da disciplina, através do diálogo, da conscientização, de comentários...” (DSC 1ª A)

“...não é apenas a gente ensinar a eles os deveres e os direitos que as pessoas têm,...tem que fazer também um trabalho de conscientização... explicar o porquê...” (DSC 1ª B)

Novamente, verifica-se, aqui, uma adesão do professor e da escola às orientações da LDB (1996) e dos PCNs (2000) que sugerem uma forma reflexiva de ensino, o que facilita o desenvolvimento de uma visão crítica, tão necessária ao empoderamento do indivíduo para que possa agir como sujeito, controlando sua própria vida, propósitos da educação cidadã, segundo VALDIVIESO (2003).

São de grande importância ações que visam a emancipação da população como as que desenvolvem a visão crítica e as que favorecem a participação, pois somente mecanismos de redistribuição de renda, isto é, ações voltadas somente para os recursos materiais não modificam as condições de saúde e pobreza da população (DEMO, 2003). Como comenta WALLERSTEIN (1993), as taxas de morbidade e mortalidade são piores em populações ainda não capacitadas para a participação social, para o controle de suas condições de vida.

O fato do professor propor como tema de discussão fatos que ocorrem em sala de aula ou no dia a dia do aluno (DSC 1ªA), mostra que ele está atento e preocupa-se com o aluno, procurando alcançar uma solução, mesmo que momentânea. Coloca para si e, logicamente, para a escola a responsabilidade de desenvolver um trabalho persistente e contínuo para que o aluno alcance uma formação cidadã:

“...é sempre um retomar e nunca um terminar...” (DSC 1ª A)

“...é necessário um trabalho de convivência na escola, dia após dia, ano após ano...” (DSC 1ª Q)

Com estas observações, nota-se que não se repetem, na presente pesquisa, as observações de MENIN (2002) e SHIMIZU (1998), onde a maioria dos professores considerou que valores morais não deviam ser tratados pela escola e sim pela família ou outra instituição. O ensino da cidadania é colocado como função da escola, sendo que esta é considerada como um espaço privilegiado (DSC 1ª P) e o melhor momento (DSC 1ª R) para isso. Esta noção está de acordo com a colocação de FOCESI (1992) e RIBEIRO (2002).

Propôs-se que um bom relacionamento entre os alunos e também com o professor e com a direção da escola é necessário para que o aluno adquira confiança e tenha um bom aprendizado (DSC 1ª C):

“mesmo dentro da matemática eles aprendem a se relacionar, trocando exercícios, informações, estudando juntos. Além dessa dinâmica da sala de aula, o convívio com os colegas, com os professores, com a direção da escola contribuem para formar um bom cidadão.”

Esta importância dada ao relacionamento está de acordo com o artigo de Lopez (2005) que atribui à este relacionamento a história de sucesso ou fracasso do aluno.

Foi colocado também como importante para o aprendizado as atitudes do professor, isto é, o professor tem que ter atitudes coerentes com o que está ensinando para que o aluno realmente incorpore o que está sendo ensinado (DSC 1ª D):

“A gente ensina cidadania através dos nossos atos em sala de aula, da nossa postura, da nossa conversa.... O professor não pode rezar uma bíblia e pregar outra, isto é, falar uma coisa e fazer outra, ele tem que praticar o que ensina”.

Esta preocupação é relevante pois como já comentado, há um “currículo oculto” (REGO e SOUZA, 1999) que, sem que o professor perceba, influencia as atitudes dos alunos. Se não houver coerência, poderá haver prejuízo no aprendizado. No caso específico da cidadania, estas atitudes (currículo oculto) são de extrema importância para que o aluno adquira um comportamento cidadão. Na presente pesquisa, o professor coloca algumas atitudes como “não jogar papel no chão” para exemplificar sua coerência com o que está ensinando (cidadania), mas, ao mesmo tempo, profissionalmente, não mostra uma participação ativa nos sindicatos (TABELA 1) com o propósito de melhorar as condições do magistério, o que seria uma atitude cidadã. Questiona-se aqui se, realmente, o professor está tendo atitudes coerentes com o que ensina?

Trabalhar e valorizar o aluno e sua família como foi proposto (DSC 1ª E e F) é importante, pois um relacionamento entre comunidade escolar, pais e comunidade do entorno é essencial em sociedades democráticas modernas (MELLO, 2000). Mas observou-se que o propósito de trazer os pais para a escola era também o de prepará-los para o exercício da cidadania, pois foram considerados despreparados:

“...Porque eu acho que o pai também está perdido, não sabe o que é direito dele, outros sabem, mas abusam e não querem ter deveres...”

(DSC 1ª E).

Nesse momento, as transformações econômicas e sociais, que acontecem no mundo e também no Brasil, refletem-se na estrutura tradicional da família, como comentam CARVALHO e ALMEIDA (2003). Segundo os autores, não se pode falar em desestruturação da família, mas em modificação da estrutura tradicional. Mesmo assim, a família continua tendo um papel amortecedor tanto socialmente como economicamente. Os autores também colocam que modificações como o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, acumulando a função doméstica com a profissional, juntamente com outras, “podem

dar a impressão de que as famílias estão se desestruturando ou mesmo em vias de extinção” (CARVALHO e ALMEIDA, 2003, pag. 112), mas observam que, na realidade, a família possui grande “plasticidade e capacidade de adaptação às transformações econômicas, sociais e culturais” (CARVALHO e ALMEIDA, 2003, pag. 112).

Entretanto, no caso do Brasil, a falta de políticas sociais efetivas e abrangentes faz com que, por exemplo, o desemprego tenha um forte impacto sobre a organização e as condições de vida das famílias. Um exemplo disso é a frustração sofrida pelo homem desempregado que, não podendo cumprir seu papel tradicional de manutenção econômica de seus familiares, muitas vezes envereda-se pelo alcoolismo (CARVALHO e ALMEIDA, 2003).

O professor percebe as transformações que estão ocorrendo nas famílias mas, sem deixar de ter razão, coloca somente como um despreparo dos pais, propondo um trabalho da escola com a família, numa tentativa de mudança:

“É possível sim, tentando trazer a família para dentro da escola. Precisaria ter, assim, uma presença mais do pai na escola. Porque eu acho que o pai também está perdido, não sabe o que é direito dele, outros sabem mas abusam dos direitos e não querem ter os deveres.

Então, talvez, seja uma desorientação da família e eu acho que precisaria estar investindo mais na família para depois atingir as crianças mais profundamente....” (DSC 1ª E)

Faltou ao professor, nos discursos coletados por esta pesquisa, uma visão mais ampla da situação, pois, neste caso, além de um trabalho com os pais, como proposto no DSC 1ª E, é preciso considerar a necessidade de ações que visem a melhoria das condições de vida destas famílias, logicamente, não só uma responsabilidade da escola, mas de todos os setores da sociedade.

Curiosamente, o DSC 1ª M (Intensidade=2,15%) considera que é mais fácil ensinar cidadania na escola porque os alunos estão longe dos pais. Talvez este discurso esteja relacionado com a opinião, de pelo menos uma parte dos professores, de que há uma falta de preparo dos pais dos alunos ou de parte deles, como já foi discutido. Assim, pais despreparados não favoreceriam uma educação cidadã. Mas, contrariamente, só que com menor intensidade (1,08%), o DSC 1ª S considera que grande parte da formação do cidadão ocorre na família e somente quando isto não ocorre, é que a escola ocupa esse espaço.

São notáveis o DSC 1ª L que considera primordial a criança se entender como cidadão e o DSC 1ª B que coloca como importante ensinar cidadania para que o aluno:

“...saiba que ele tem um papel na sociedade... para que ele se entenda como produtor histórico da sociedade...”

Isto merece destaque, pois é uma visão voltada para o desenvolvimento de uma sociedade onde a criança não seja subestimada e participe de planejamentos que evoluam o mundo infantil. Isto está de acordo com ANDRADE (1998) que comentando em seu estudo que a criança, na sociedade contemporânea, não está sendo considerada como um sujeito e sim como um “ainda não” cidadão, propõe que são necessárias mudanças de atitudes para que não se corra o risco de marginalização da criança em assuntos relativos ao seu mundo.

Merece atenção também a colocação do DSC 1ª H sobre a necessidade de mostrar para o aluno que ele tem que continuar os estudos:

“Eu acho que fazer o meu aluno cidadão é mostrar para ele que não acaba na oitava série, depois da oitava ainda tem o ensino médio, ainda tem a universidade e ainda tem a pós-graduação, porque hoje só a universidade não serve para mais nada, esta é a minha visão, é uma necessidade”.

Embora não esteja explícito neste discurso, pode-se dizer que o professor está relacionando melhores condições de vida com o fato do aluno

prosseguir nos estudos. Neste momento tem que se considerar a situação da Educação no Brasil, onde cursar uma universidade ainda é privilégio de poucos. Com as poucas vagas existentes nas universidades públicas, somente consegue entrar quem tem um bom preparo no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, o que não tem ocorrido com a maioria dos alunos de escola pública. As universidades privadas possuem um alto custo, não possibilitando o acesso de grande parte dos estudantes. Têm sido implementadas algumas políticas públicas, como a de quotas para alunos negros ou carentes nas universidades públicas federais e algumas estaduais, numa tentativa de melhorar o quadro atual. Não se pode dizer se essas políticas compensatórias são boas ou más, ou se darão resultados satisfatórios, mas sua adoção, sem dar atenção a outros problemas, como a qualidade do ensino nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, ou das condições de vida da população de baixa renda, pode não surtir efeito.

O DSC 1ª K considera que é um dever dos professores ensinar cidadania pois:

“...o professor tem um papel importante e sua principal tarefa, antes mesmo da matéria, é formar um cidadão...”

Nota-se uma valorização do papel do professor na formação cidadã do aluno. Isto também foi observado no estudo realizado pela UNESCO (2004) onde 5000 docentes de escolas públicas e privadas de todo o Brasil, responderam à questionários sobre suas situações sociais, econômicas e profissionais: 72,2% dos professores entrevistados, quando indagados sobre a finalidade da educação, consideraram em primeiro lugar a formação de cidadãos conscientes. Mas isso nem sempre foi ou é observado como relata ABRAMOVAY (2002., pag. 196):

“...predomina entre os professores a percepção de que a principal função da escola é preparar os jovens para o mercado de trabalho”....

O DSC 1ª Q, que aparece com intensidade de 6,45%, considera que é difícil ensinar cidadania na escola. Coloca que a razão disso é que os alunos

já têm uma opinião formada, baseada na realidade em que vivem e que esta é diferente da teoria que a escola coloca:

“... a lei não age de forma igual para todo mundo...”

Deve-se comentar neste momento a situação em que se encontra a população brasileira. Uma parte dela desfruta privilégios, onde a lei, pode-se dizer é branda e outra, para a qual a cidadania foi recusada (CHAUÍ, 1996). Isto causa uma distorção na compreensão das situações prejudicando a visão do que é ser cidadão. É também um desafio a ser vencido para que o real sentido da cidadania seja incorporado.

Os resultados obtidos indicam que o professor posiciona-se favoravelmente ao ensino da cidadania na escola. É preciso, então, colocar atenção no preparo do professor para isso, pois, segundo KUENZER (1999), hoje, não basta o conhecimento específico do conteúdo de determinada área, mas são essenciais conhecimentos que possibilitem um trabalho de desenvolvimento humano, que promovam uma sociedade onde as oportunidades sejam iguais para todos.

RESGATE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

QUESTÃO: O PROFESSOR PODE SER UM MODELO DA CIDADANIA? POR QUÊ?

É importante, para o aprendizado, o relacionamento entre professor e aluno. São importantes também, atitudes tomadas pelo professor em diversas circunstâncias, seja durante o ensino de sua disciplina ou não.

Assim, o propósito desta questão é conhecer como o professor percebe sua posição em relação ao ensino da cidadania.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS (ICs)

- A** - Sim, mostrando que é um cidadão
- B** - Pode mas é complicado, é difícil.
- C** - Pode, mas depende.
- D** - Pode porque o aluno se espelha no professor.
- E** - Pode, passando conhecimento, dando exemplos, interessado-se pelos problemas dos alunos.
- F** - Sim, porque o professor é um exemplo, uma referência.
- G** - Pode, mas não como modelo.
- H** - Tem que ser porque é função do professor.
- I** - Pode porque a família e a escola são os alicerces para a criança.
- J** - O professor é o modelo quando não tem o modelo em casa.

CATEGORIZAÇÃO DAS IDÉIAS CENTRAIS

As respostas foram separadas em categorias segundo os seguintes critérios:

- respostas que consideraram que o professor **pode** ser um modelo. Esta categoria foi subdividida em outras de acordo com a explicação que o professor deu para tal afirmação.
- respostas que consideraram que o professor **tem** que ser um modelo. Esta categoria foi subdividida em outras de acordo com a explicação que o professor deu para tal afirmação.
- Respostas que consideraram que o professor **não deve ser** um modelo mas um parceiro do aluno.
- respostas que consideraram que o professor é modelo **quando** o aluno não tem modelo em casa.

O Professor pode ser um modelo de cidadania? Por que?

Resultado quantitativo

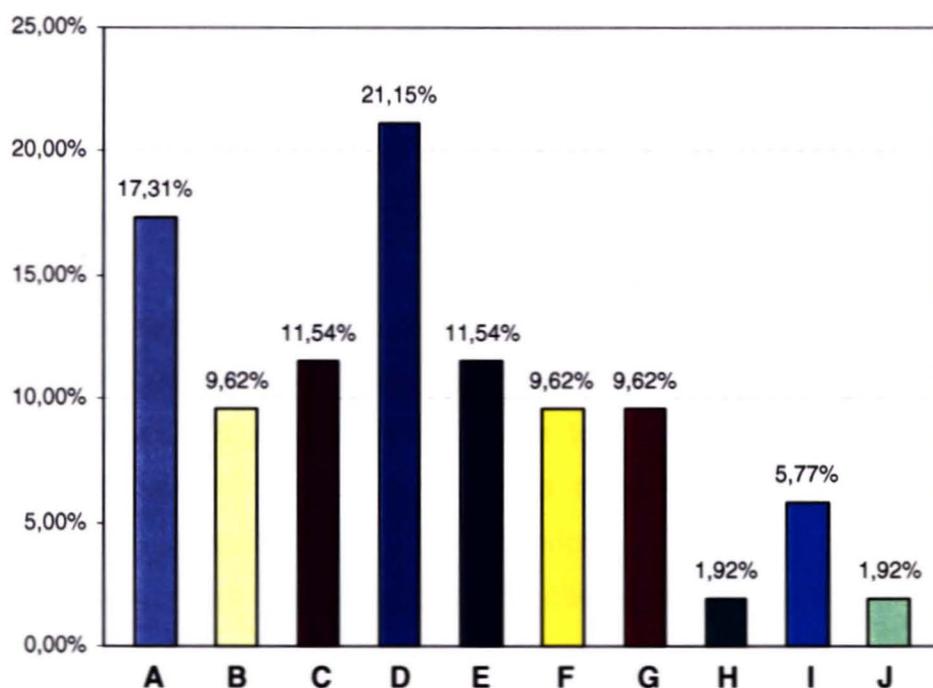


Gráfico 2 – Intensidades das representações dos professores entrevistados (número de respostas, em porcentagem, por categoria de idéia central)

Legenda

- A Sim, mostrando que é um cidadão.
- B Pode, mas é complicado, é difícil.
- C Pode, mas depende.
- D Pode porque o aluno se espelha no professor.
- E Pode, passando conhecimento, dando exemplos, interessando-se pelos problemas dos alunos.
- F Sim, porque o professor é um exemplo, uma referência.
- G Pode, mas não como modelo.
- H Tem que ser porque é função do professor.
- I Pode porque a família e a escola são os alicerces para a criança.
- J O professor é o modelo quando não tem o modelo em casa.

QUESTÃO: O PROFESSOR PODE SER UM MODELO DA CIDADANIA? POR QUÊ?

RESULTADOS QUALITATIVOS (DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO)

DSC 2ª A - Discurso que considera que o professor pode ser um modelo de cidadania mostrando que é um cidadão.

Acredito que sim, acredito que a maioria dos professores são cidadãos e podem servir como exemplo, mas tem que se conscientizar disso e achar um meio de passar isso para a criança, fazer todo o possível para mostrar aos alunos a postura de cidadão em sala de aula, respeitando o aluno e não gritando com eles como se eles fossem inferiores.

O professor tem que se policiar para não ter uma postura incoerente, isto é, fazer o que prega para o aluno. Então, é importante que o aluno veja o professor não jogando um papel no chão, respeitando o outro, não desrespeitando os próprios alunos, para que estes se sintam na obrigação de proceder da mesma maneira, tendo no professor um exemplo de bom cidadão.

DSC 2ª B – Discurso que o professor considera que é complicado, e difícil ser um modelo de cidadania.

Pode ser, mas é complicado, primeiro porque o contato que o aluno tem com o professor é muito tênue, por mais que a gente esteja presente na escola, eles não nos conhecem. É complicado, também, porque o que quer dizer ser cidadão hoje, como disse o aluno: é só votar?

Outro problema é o ser cidadão o tempo todo, aí é que emperra um pouquinho, porque, às vezes, você chega não muito bem na sala, um aluno fala

um palavrão, é ficar na corda bamba o tempo todo. Além disso, o educador pode ter falhas de relacionamento social e isso é passado de forma negativa. Então, tem que tomar muito cuidado, tem que saber muito bem o que está fazendo.

DSC 2ª C – Discurso que considera que o professor pode ser um modelo dependendo de alguns fatores.

Acho que sim, depende do professor, aquele que é mais técnico não entra muito na questão política, mas depende mesmo da responsabilidade de cada um. O professor deve encarar isso como um projeto de vida, mas nem sempre é assim. Por exemplo, há uma diferença muito grande entre o professor de fim de carreira e o pessoal novo que está chegando sobre o que é educação.

Nem sempre é, também, porque, às vezes, os alunos vêm principalmente a falha do professor e, por isso, acham que o professor não está sendo um exemplo. E quando o professor está sendo um exemplo, eles não observam, embora deveriam.

Ser modelo de cidadania, depende das condições de vida do professor. Ele tem que ser uma pessoa equilibrada, ter um bom perfil, um profissional, no sentido de estar envolvido e gostar daquilo que ele faz. Se não, ele, provavelmente, não vai ser uma pessoa alegre, saudável, emocionalmente equilibrada e como é que ela vai passar isso para a criança, ninguém pode dar o que não tem.

DSC 2ª D - Discurso que considera que o professor pode ser um modelo porque o aluno se espelha nele.

O professor não só pode como deve ser um modelo de cidadania, porque, apesar de toda a tecnologia que tem aí, a criança ainda observa o adulto e elas não observam só as coisas boas, mas também as ruins. Então, dependendo do

que o professor faz, eles falam nossa, mas você faz isso! O professor vai ser cobrado se fizer alguma coisa errada. Não tem como fugir, o professor é o modelo de cidadania para o aluno.

O aluno se espelhando no professor, este tem que ter atitudes boas, corretas e coerentes. Somos modelos em tudo, na limpeza, na organização, nos compromissos que a gente estabelece com eles. Se você fala que vai fazer alguma coisa, você tem que fazer e se você fala para o aluno não jogar papel no chão, você também não pode jogar. A criança imita muito o que o professor faz.

Além disso, o professor precisa ser um modelo, porque o aluno passa mais tempo com o professor na escola do que com os pais. Então, se você não for um exemplo para eles, quem vai ser? O aluno espera que o professor passe algo a mais para ele se espelhar.

DSC 2ª E – Discurso que considera que o professor pode ser um modelo dando exemplos e interessando-se pelos problemas dos alunos.

Ele pode ser, sim, um modelo de cidadania e ele tem que usar exemplos da vida, do dia a dia dele. Além disso, o professor tem que ser uma pessoa amiga, dar abertura para o aluno falar sobre os problemas da casa, sobre outros assuntos, além da matéria. O professor tem que passar o máximo da conhecimento, observar que tipo de aluno ele tem, para dar uma diretriz, uma orientação, dividindo com o aluno o que ele gosta e mostrando que assuntos importantes para o professor, também são para eles, mostrando um caminho.

DSC 2ª F - Discurso onde o professor se considera um modelo, um formador de opinião.

Ele deve ser porque os alunos analisam tudo o que o professor faz, como ele faz; o que ele usa, como ele usa; adquirem nossas idéias. Tudo o que o

professor fala influência, e muito, a vida dos alunos, independentemente se for cidadania ou outro aspecto. O professor é uma referência.

O professor é um formador de opinião e passa cidadania nas suas ações, nas suas missões. O aluno capta isso, pois presta atenção em todas nossas atitudes, nossos atos, nossa fala e forma um conceito como cidadão, como pessoa. Então, o professor tem que sempre estar aprendendo, não ser perfeito, mas procurar errar menos.

DSC 2ª G – Discurso que considera que o professor influencia o aluno mas não como modelo.

Modelo, é uma coisa muito fechada. Acho que nós não devemos ser modelos de nada, devemos ser parceiros dos alunos e não modelo, porque o professor erra também. Mas mesmo o errar do professor é um aprender e temos que mostrar para o aluno que o professor também erra.

O professor nunca pode colocar as suas idéias como verdade absoluta em qualquer área e na cidadania também. Eu acho que ele é um mediador das idéias dos alunos e pode colocar as próprias idéias, mas não impor um modelo de cidadão perfeito.

DSC 2ª H - Discurso que considera que ser um modelo de cidadania é função do professor.

O professor tem que ser modelo pela própria função que ele exercer, ele tem que ser um exemplo de cidadania, tratando os alunos com afeto, com respeito, corrigindo quando necessário. Faz parte da função do professor.

DSC 2ª I - Discurso onde o professor considera a si próprio e os pais dos alunos como modelos de cidadania.

Eu acredito que sim e é super importante porque o primeiro modelo do adolescente é o pai e a mãe, o segundo modelo é o professor. Então, é de vital

importância o professor ter essa postura. A gente percebe que a criança é o reflexo de casa e do professor e eu acho que a família e a escola são os dois principais alicerces para que aquela criança conheça o seu papel de cidadão na sociedade.

DSC 2ª J - Discurso que considera o professor como modelo de cidadania para o aluno quando este não tem modelo em casa.

O professor é um modelo, de tudo, de cidadania, de pessoa, de ser humano, principalmente se esta criança, este adolescente não tem um modelo em casa, o único que ele vai conhecer é o professor.

O ENSINO DA CIDADANIA E A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR SOBRE O ALUNO

DISCUSSÃO

A maioria dos discursos considera que o professor pode ou deve ser um modelo de cidadania. Mas alguns consideram que isto só acontece quando o aluno não tem um modelo em casa. Outra parte dos professores considera que o professor deve ser um parceiro do aluno e não um modelo.

Por considerar-se um modelo ou pelo menos alguém de influência na vida do aluno, na maioria dos discursos o professor manifesta preocupação com suas próprias atitudes, isto é, preocupa-se em ter boas atitudes, ser correto, procurando errar o menos possível para não influenciar o aluno de forma negativa:

“...o professor tem que se policiar para não ter uma postura incoerente”
....(DSC 2ª A).

ou

“...elas (crianças) não observam só as coisas boas, mas também as ruins.

Então, dependendo do que o professor faz, elas falam:

Nossa! Mas você faz isso?”....(DSC 2ª D, maior intensidade= 21,15%).

ou

“...o professor tem que estar sempre aprendendo, não ser perfeito, mas procurar errar menos”....(DSC 2ª F)

Essa preocupação é importante e essencial, pois como descrevem REGO E SOUSA (1999) o currículo oculto, processo de ensino não explícito nos planos ou programas de ensino, mas que o professor acaba passando através de suas atitudes, sem perceber, “constituem parte integrante e efetiva da experiência dos alunos na escola” (pág. 57) . Por não ser intencional, nem planejado, o currículo oculto pode permitir a aprendizagem

de coisas desejáveis e indesejáveis (REGO e SOUSA, 1999). Assim, é importante uma postura adequada do professor frente a acontecimentos que ocorrem na sala de aula ou em outros ambientes, pois o aluno tem a “tendência de adotar atitudes e comportamentos idênticos aos de seus professores” (REGO e SOUSA, 1999, pag. 58).

Mas, nem sempre o professor consegue se posicionar adequadamente quando ocorrem situações atípicas ao seu cotidiano em sala de aula (AQUINO, 1998). No Brasil, com a crescente violência que tem atingido a população (MINAYO, 2001) e, conseqüentemente, alunos e professores, não é incomum que estas situações se apresentem. No DSC 2ª B o professor expõe esta preocupação:

“Outro problema é o ser cidadão o tempo todo, aí é que emperra um pouquinho, porque, às vezes, você chega não muito bem na sala, um aluno fala um palavrão, é ficar na corda bamba o tempo todo...”

Na realidade, pouco pode ser sugerido para um melhor desempenho do professor quando o assunto é violência, ainda mais quando esta, em grande parte, é devida à grande desigualdade social existente no Brasil, que também é vivida por ele.

A violência é um problema de difícil solução que tem sido tratada fundamentalmente com mecanismos de repressão ou punição, sem que haja uma atuação efetiva sobre uma de suas principais causas, as más condições de vida da população. É importante, neste momento, ressaltar que as propostas da Promoção da Saúde trazem como forma de enfrentamento de situações adversas a eliminação de suas causas, no caso, ações que promovam a melhoria das condições econômicas e sociais da população, sendo o exercício da cidadania uma das suas estratégias. Nesse sentido, o professor revelou uma real intenção de desenvolver o exercício da cidadania no aluno, seja através do ensino formal ou através de posturas e atitudes.

Ainda em relação ao currículo oculto, é importante que o professor tenha um bom relacionamento com o aluno, pois como observam Lopez

(2005) e MARIN (1998) este é importante para um bom aprendizado. Mas, além disso, REGO e SOUSA (1999) colocam que as mensagens do professor adquirem significado e valor pela forma como ele se relaciona com o aluno, com a instituição, com colegas, funcionários, pais, etc... Assim, ensinar cidadania aos jovens “é uma tarefa pouco profícua – se não for precedida pelo exemplo do professor enquanto cidadão escolar”. (REGO e SOUSA, 1999, pag. 58). O professor está atento para isso:

“... o professor tem que ser uma pessoa amiga, dar abertura para o aluno falar sobre os problemas de casa, sobre outros assuntos, além da matéria.” (DSC 2ª E)

É preciso comentar novamente a necessidade de atitudes coerentes do professor em relação ao que ele ensina, como ele mesmo comenta:

“O professor tem que se policiar para não ter uma postura incoerente, isto é, fazer o que prega para o aluno. Então, é importante que o aluno veja o professor não jogando um papel no chão, respeitando o outro, não desrespeitando os próprios alunos, para que estes se sintam na obrigação de proceder da mesma maneira, tendo no professor um exemplo de bom cidadão ”(DSC 2ª A)

A coerência é uma preocupação do professor, mas, talvez, ele se refira somente a atitudes coerentes dentro da sala de aula, não transpondo para sua vida fora desta, pois como já discutido ele não tem uma participação ativa nos sindicatos (TABELA 1) para a melhoria de sua profissão, apesar de manifestar descontentamento em alguns discursos.

O DSC 2ª C coloca as condições de vida do professor como relevante para seu equilíbrio emocional, o que pode influenciar de maneira negativa suas atitudes, prejudicando a visão do aluno sobre o professor. É uma colocação pertinente pois a baixa valorização profissional e a baixa remuneração do professor são alguns dos entraves para a realização dos ideais propostos pela escola, sobretudo na pública (MARIN, 1998). Estes fatores chegaram a provocar o abandono do magistério por parte dos

professores (LAPO e BUENO, 2002). O DSC 2ª C também comenta a necessidade do professor estar envolvido e gostar daquilo que faz:

“...estar envolvido e gostar daquilo que faz. Se não, provavelmente, não vai ser uma pessoa alegre, saudável, emocionalmente equilibrada e como é que ela vai passar isso para a criança, ninguém pode dar o que não tem...”

Esta afirmação é relevante pois, como relata MARIN (1998), a forma como o professor vivencia sua profissão influencia o rendimento dos alunos.

É pertinente, neste momento enfatizar que as condições de vida dos professores também podem não estar satisfatórias, pois, assim como os alunos, fazem parte da população brasileira que, como já comentado está longe de uma situação de equidade.

No caso brasileiro, é também relevante a consideração do DSC 2ª A:

“...fazer todo o possível para mostrar aos alunos a postura de cidadão em sala de aula, respeitando o aluno e não gritando com eles, como se eles fossem inferiores...”

Isto porque, a população brasileira tem uma história de submissão (MATUI, 2001; BYDLOWSKI *at al*, 2004; DEMO, 2003) amplamente colocada na INTRODUÇÃO do presente trabalho. Neste DSC é proposta uma forma horizontal de relacionamento, sem a presença da condição dominador-dominado. Isto também pode ser visto nos DSC 2ª E:

“...o professor tem que ser uma pessoa amiga, dar abertura para o aluno...”

e

DSC 2ª G:

“...devemos ser parceiros dos alunos...”

O DSC 2ª F coloca o professor como um formador de opinião, mas o DSC 2ª G coloca que este nunca pode colocar suas idéias como verdade absoluta e sim ser um mediador das idéias dos alunos. O DSC 2ª H coloca que o professor tem que ser um modelo pois isto faz parte de sua função.

É notável que, nestes últimos discursos, é sugerido que o desenvolvimento da formação de cidadãos é responsabilidade do professor e conseqüentemente da escola. Repete-se aqui o que foi colocado nos discursos da 1ª questão, contrapondo-se à observação de MENIN (2002) onde a maioria dos professores não coloca a escola com essa responsabilidade.

O professor coloca a escola e a família como alicerces para o desenvolvimento da cidadania:

“...a família e a escola são os 2 principais alicerces para que aquela criança conheça o seu papel de cidadão na sociedade...” (DSC 2ª I)

Mostra também a responsabilidade da escola em suprir a falta de um modelo em casa , que um aluno pode ter:

“... .o professor é um modelo de tudo, de cidadania, de pessoa, de ser humano, principalmente se esta criança, este adolescente, não tem um modelo em casa, o único que ele vai conhecer é o professor...” (DSC 2ª J)

O trabalho de CARVALHO e ALMEIDA (2003) coloca que a família tem sido apontada como elemento-chave para a sobrevivência dos indivíduos e também como um mecanismo da proteção social. O professor, nos últimos discursos, mostra a mesma visão, apesar de ter considerado os pais despreparados em outros.

Mas é relevante que o professor coloca a escola e a ele próprio com responsabilidade na formação do aluno como cidadão. Para isso, além do ensino propriamente dito, procura ter atitudes adequadas, percebendo que estas podem influenciar o aprendizado do aluno.

RESGATE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

QUESTÃO: VOCÊ ACHA QUE SEUS ALUNOS PODERÃO VIR A SER CIDADÃOS? POR QUE?

Hoje, no Brasil, segundo a Constituição de 1988, é cidadão todo indivíduo nascido em território nacional ou naturalizado. Não há outros pré-requisitos.

O fato de não considerar um indivíduo como cidadão tem várias implicações como, por exemplo, não considerar que esse indivíduo possui os direitos de cidadania.

Pretendeu-se, então, conhecer qual a visão do professor sobre o aluno ser cidadão.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS (ICs)

- A** -É o que se espera pelo trabalho do professor e da escola.
- B** -Pode ser, mas com trabalho da escola e do professor.
- C** -Sim, mas nem todos.
- D** -Sim porque o aluno está trabalhando para isso.
- E** -Sim, mas o aluno tem que se conscientizar.
- F** -Eles já são cidadãos.
- G** -Sim, mas também com direitos.
- H** -Pode ser, mas é complicado, difícil.
- I** -As escolas estaduais não estão formando cidadãos.
- J** -Não respondeu.

CATEGORIZAÇÃO DAS IDÉIAS CENTRAIS

As respostas foram separadas em categorias segundo os seguintes critérios:

- respostas que consideraram que os alunos **poderão** ser cidadãos. Esta categoria foi subdividida em outras de acordo com a explicação dada para tal afirmação.
- respostas que **condicionaram** o aluno ser cidadão à determinados fatos. Esta categoria foi subdividida em outras de acordo com a explicação dada para tal afirmação.
- respostas que consideraram que o aluno **já é** cidadão.
- respostas que consideraram que as **escolas estaduais não estão formando cidadãos**.

Você acha que seus alunos poderão vir a ser cidadãos?

Resultado quantitativo

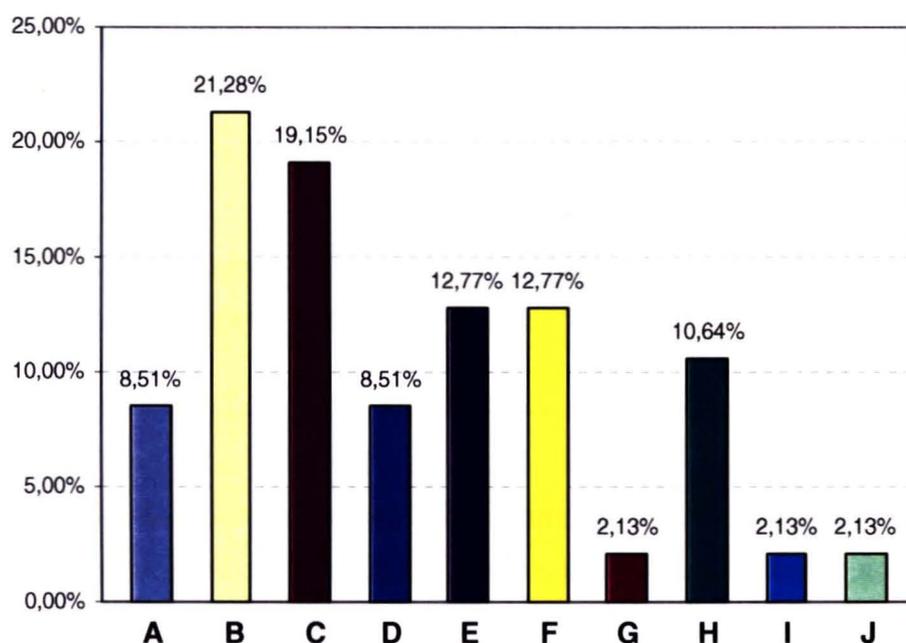


Gráfico 3 – Intensidades das representações dos professores entrevistados (número de respostas, em porcentagem, por categoria de idéia central)

Legenda

- A É o que se espera pelo trabalho do professor e da escola.
- B Pode ser, mas com trabalho da escola e do professor.
- C Sim, mas nem todos.
- D Sim, porque o aluno está trabalhando para isso.
- E Sim, mas o aluno tem que se conscientizar.
- F Eles já são cidadãos.
- G Sim, mas também com direitos.
- H Pode ser mas é complicado, difícil.
- I As escolas estaduais não estão formando cidadãos.
- J Não respondeu.

**QUESTÃO: VOCÊ ACHA QUE SEUS ALUNOS PODERÃO
VIR A SER CIDADÃOS? POR QUE?**

**RESULTADOS QUALITATIVOS- (DISCURSOS DO SUJEITO
COLETIVO)**

DSC 3ª A – Discurso que espera que o aluno será um cidadão, pelo trabalho que o professor e a escola estão fazendo.

É o que a gente espera, que o aluno seja um cidadão de respeito. Torço muito para isso. É uma experiência difícil, mas a gente está batalhando muito, fazendo um trabalho em sala de aula e também através de projetos da escola. Desenvolvo também o teatro, utilizo muito o teatro como construção do cidadão. É importante que o aluno se conheça como cidadão para se incluir na sociedade porque se não conseguirem, vão ficar excluídos.

DSC 3ª B - Discurso que considera que o aluno será um cidadão mas o professor tem que trabalhar para isso pois é um desafio.

Lógico que pode, se eu não achasse isso, já teria desistido de ser professor. Nossa função é de formadores. Nós colocamos para o aluno que é importante desenvolver a cidadania para melhorar o ambiente em que ele está e para viver em sociedade, isso é muito importante. O professor tem, também, que trabalhar o que hoje ele não está tendo em casa, por exemplo, educação. O trabalho do professor é um trabalho contínuo e a médio prazo, você tem que começar a trabalhar desde cedo e estar sempre regando. Além disso, os

professores têm que ter a mesma postura e trabalhar em conjunto para a criança não ficar perdida na escola.

O nosso grande desafio é torná-los o melhor, o melhor que eles puderem ser como cidadãos, respeitando, refletindo, se protegendo, cuidando do outro. É importante enaltecer a criança, mostrando que ela pode ser alguém, pode chegar lá. Deixar a criança sentir que ela pode ser alguém.

DSC 3ª C - Discurso que considera que nem todos os alunos serão cidadãos.

Acredito que a maior parte deles sim, já tenho alguns alunos que posso considerar cidadãos, pois são políticos, médicos, mas nem todos. Sei que muitos conseguirão, mas outros, a própria vida vai impedir.

Estou muito preocupada. Estou assustada porque vejo que alguns alunos estão totalmente desinteressados de tudo, são alunos que não têm muito diálogo, que são difíceis de conversar, de trocar idéias. Às vezes, sabemos o porquê do aluno agir de certa maneira, inadequada, quando conhecemos os pais, os responsáveis. Mas muitos, a gente vê no olhar, percebem o que a gente está querendo passar e confio que eles vão procurar o melhor para eles. Se formos olhar para trás, vamos ver que esses alunos, que serão cidadãos, têm uma família presente na vida deles, isto é, o pai e a mãe estão atentos às atividades que o filho está fazendo. Acredito que, além da escola, a cidadania também é formada no lar e quando a família larga a criança, fica difícil. Os alunos também têm que fazer a parte deles, pois cada um guia a sua cabeça, o professor faz a sua parte e eles a deles.

DSC 3ª D - Discurso que considera que o aluno será um cidadão porque ele trabalha para isso.

Com certeza, porque eles estão estudando para serem, para se formarem, para estudarem, para serem alguma coisa na vida. Mesmo já tendo tido uma base em casa, o fato de estarem na escola, já é uma atitude de quererem se manter informados, irem para a frente. Eles acreditam no futuro.

DSC 3ª E - Discurso que considera que o aluno será cidadão mas ele tem que se conscientizar.

Se for num conceito jurídico de cidadania, necessariamente, eles vão ser. Mas serem cidadãos que exercem os seus direitos de cidadania, só se eles tomarem consciência. Vai depender muito dele. Eles tem tudo para olhar e mudar, o aluno tem que olhar o que está do lado e aproveitar as coisas boas, as atitudes boas dos professores, da escola, dos colegas, assim, ele já está a meio caminho para mudar.

A formação desta consciência de cidadão depende muito do quanto o aluno é influenciável, de quanto ele percebe isso e do modelo de sociedade. O maior problema é o quanto o meio influencia o aluno, o que vem da casa dele. Para uma grande parte deles a falha vem de lá de trás, os princípios, muitas coisas que não são corretas. Então, tudo isso faz com que muitos alunos se tornem pessoas, assim, problemáticas, que dão trabalho, até se tornando bandidos. Mas, mesmo assim, com tudo isso, se ele quiser pode sim, não importa o meio, o lugar que ele mora, ele pode mudar sim, pode se transformar, eu acredito nisso.

O aluno, principalmente o de escola pública, tem que se conscientizar, também, que ele não tem só direitos, mas tem que cumprir uma série de obrigações, sendo um cidadão que atue onde ele vive, que participe, que dê sua opinião.

DSC 3ª F - Discurso que considera os alunos já como cidadãos.

Os alunos já são cidadãos, porque a partir do momento em que o indivíduo nasce, ele já é um cidadão de direitos e deveres. Mas, muitas vezes, eles não sabem exercer a cidadania, não sabem como conviver em normas sociais. Cabe à sociedade prepara-los, molda-los de maneira adequada à realidade atual, pois a sociedade muda no tempo e no espaço. Eles têm essa condição, de melhorar, de irem se aperfeiçoando, porque na escola eles estão vendo tudo o que acontece, colaborando em tudo, em todos os sentidos e, também, são muito críticos.

Agora, eu vejo que, muitas vezes, a maioria das pessoas não exerce a cidadania porque existe muita burocracia. Então, é mais fácil deixar para lá do que reclamar, pois tem muitos trâmites e muitas vezes precisa da ajuda de advogado. Eu acho que a estrutura não ajuda muito o cidadão a exercer a cidadania.

DSC 3ª G - Discurso que considera que o aluno será cidadãos também de direitos.

Sim, mas não só o cidadão que tem deveres, o cidadão que tem direitos também. A nossa parte é só com os deveres, mas a gente gostaria que eles tivessem os direitos deles também.

DSC 3ª H - Discurso que considera difícil o aluno ser cidadão.

Eu espero que sim, mas é complicado, pois exercer a cidadania no nosso país é muito difícil, a vida é muito difícil, você acaba pensando muito em si mesmo e eu acho que o papel do cidadão é pensar em si e nos outros, pensar no coletivo. É difícil, também, ser cidadão se você não está por dentro de tudo o

que está acontecendo e a situação do país não propicia isto, tudo é muito velado, muito fechado, a não ser que haja o interesse que você saiba.

Além disso, o aluno convive com as pessoas da escola e com outras fora da escola, recebendo as influências positivas da escola e as negativas dos outros meios. Por exemplo, quando a professora ensina que não pode jogar papel no chão e a mãe joga, isto é, a professora ensina uma coisa e mãe outra. Então a criança pensa: qual é o correto? Mas, a gente reforça o que é certo e errado e tenho fé em Deus que a gente consiga.

DSC 3ª I - Discurso que considera que as escolas estaduais não estão formando cidadãos.

Eu acho que as escolas estaduais, hoje, não estão formando cidadãos, de jeito nenhum. Isto porque formar um cidadão é um processo longo que deveria se estender desde a 5ª série até a oitava, podendo ser mesmo através de um projeto. Mas se eu plantar uma semente e, no ano seguinte, ela não for cultivada, então, o trabalho se perde completamente. É esse o problema.

A VISÃO DO PROFESSOR SOBRE O ALUNO SER CIDADÃO

DISCUSSÃO

Como pode ser observado, a maior parte dos discursos considera que os alunos serão cidadãos, o DSC 3ª F considera que estes já são cidadãos desde o momento do nascimento, outros condicionam o aluno ser cidadão a determinados fatos e outros colocam que as escolas estaduais não estão formando cidadãos.

Percebe-se que predomina o pensamento de que os alunos serão cidadãos:

“...É o que se espera, que o aluno seja um cidadão de respeito. Torço muito para isso...” (DSC 3ª A; GRÁFICO 3 – Intensidade = 8,51%).

ou

“Lógico que pode, se eu não achasse isso, já teria desistido de ser professor....O nosso grande desafio (do professor) é torna-los o melhor, o melhor que eles puderem ser como cidadãos....” (DSC 3ª B; GRÁFICO 3- Intensidade = 21,28%).

A colocação de que o aluno já é cidadão aparece somente no DSC 3ªF (GRÁFICO 3; Intensidade = 12,77%):

“Os alunos já são cidadãos, porque a partir do momento em que o indivíduo nasce, ele já é um cidadão de direitos e deveres”

De acordo com a Constituição Brasileira é cidadão brasileiro todo indivíduo nascido no Brasil e o estrangeiro quando naturalizado (BRUNO NETO, 1999). Não há pré-requisitos como formação, profissão ou outros. A maioria dos professores não está considerando desta forma, isto é, considera a criança como um “ainda-não cidadão” (nome dado por ANDRADE, 1998). ANDRADE (1998) coloca como importante reverter essa posição, pois é essencial a participação das crianças em programas e intervenções no mundo

infantil. Se sua participação for desprezada os programas correm o risco de serem geradores de marginalidade e exclusão.

Embora o DSC 3ª F (GRÁFICO 3; Intensidade = 12,77%) considerando que o aluno já é um cidadão, coloque a sociedade como a responsável pelo seu preparo para o exercício da cidadania, nota-se, em vários discursos, somando maior intensidade, novamente a colocação do professor tomando para si e para a escola a responsabilidade pela formação do cidadão:

“....mas a gente está batalhando muito, fazendo um trabalho em sala de aula e também através de projetos da escola...” (DSC 3ª A; GRÁFICO 3, Intensidade = 8,51%).

OU

“Lógico que pode (ser cidadão)....Nossa função é de formadores....Você tem que começar a trabalhar desde cedo e estar sempre regando....”(DSC 3ª B; Intensidade = 21,28%).

Não estaria sendo demasiada a responsabilidade que o professor está colocando para si? Seu preparo profissional possibilita que ele assuma tal dimensão de responsabilidade?

O presente estudo coloca que grande parte da formação cidadã do aluno ocorre no espaço escola, logicamente com grande participação do professor. Mas considera que deve ser um trabalho que envolva toda a sociedade, isto é, um trabalho conjunto de todos os setores da sociedade., como propõe a Promoção da Saúde: uma ação integrada de toda a sociedade, trazendo como estratégia ações intersetoriais e multidisciplinares (BRASIL, 2001; WESTPHAL e ZIGLIO, 1999).

Assim, no desenvolvimento do exercício da cidadania, seria importante, por exemplo, a revisão dos conteúdos e formas de ensino nas universidades (BYDLOWSKI *et al*, 2004), pois, ultimamente, têm estado mais comprometidos com as necessidades das empresas e do mercado de trabalho (RINESI, 2001). Um ensino mais comprometido com o

desenvolvimento do ser humano e seu ambiente, poderia ter uma influência positiva sobre a vida do indivíduo e sobre o exercício de sua profissão, no caso do presente estudo, o professor. Ele teria maior possibilidade de obter êxito no seu propósito de desenvolver o exercício da cidadania no aluno.

Observou-se também que o professor relaciona cidadania e ter uma profissão, como no DSC 3^a C:

“... Acredito que a maior parte deles sim (serão cidadãos), pois já tenho alguns alunos que posso considerar cidadãos, pois são políticos, médicos, mas nem todos. Sei que muitos conseguirão, mas outros, a própria vida vai impedir...”

Outra colocação que merece destaque é o vínculo entre escola ou estar estudando e ser cidadão:

“...(serão) porque eles estão estudando para serem...” (DSC 3^a D).

ARROYO (2001) coloca como “um perigo” esta consideração que só se chega à cidadania através da escola:

“...dividimos os seres humanos em 2 grupos: os que passando pela escola, estavam entre os eleitos da cidadania e os que, não passando pela escola, ficaram sem condições de ser reconhecidos como cidadãos....Isto é grave, gravíssimo. Pensamos que só se chega à cidadania por meio da escola, ...Isto é uma falácia. Isto é um perigo” (ARROYO, 2001, p. 38).

De fato, esta relação entre cidadania e profissão ou “ter passado pela escola” como coloca ARROYO (2001) poderia levar a distorções no exercício dos direitos de cidadania, podendo mesmo levar a situações de exclusão. Como pode ser observado num Conselho de Saúde de Santa Catarina: o grupo de usuários, a maioria com o 1^o grau incompleto, mesmo estando presente nas reuniões do Conselho, não participava. Sentiam-se despreparados diante de profissionais da saúde como médicos, enfermeiros e estes não se empenhavam em mudar a situação (WENDENHAUSEN e CAPONI, 2002). Médicos e enfermeiros estariam dando a mesma oportunidade de expressão aos usuários “sem profissão”? Uma mudança

nesta visão, considerando todos os indivíduos, com profissão ou não, tendo estudado ou não, com os mesmos direitos e deveres de cidadania, propicia um melhor relacionamento e participação destes em assuntos relativos ao seu bem estar, proporcionando-lhes o controle das condições de sua vida.

Observou-se, novamente, que a família está sendo colocada como importante para a formação cidadã:

“...(esses alunos) que serão cidadãos, têm uma família presente na vida deles....” (DSC 3ª C)

Mas considera-se que, muitas vezes, a influência da família prejudica a formação da criança:

“...(o professor) tem que trabalhar o que hoje ele (o aluno) não está tendo em casa....” (DSC 3ª A)

ou

“...o maior problema é quanto o meio influencia o aluno, o que vem da casa dele. Para uma grande parte deles a falha vem lá de trás, os princípios, muitas coisas que não são corretas....” (DSC 3ª E).

O DSC 3ª H chega a colocar a escola como influência positiva sobre a criança e os outros meios, inclusive a família, como negativa:

“...O aluno convive com as pessoas da escola, recebendo influências positivas da escola e as negativas dos outros meios. Por exemplo, quando o professor ensina que não pode jogar papel no chão e a mãe joga, isto é, a professora ensina uma coisa e a mãe outra....”

Estes discursos complementam outros obtidos nas questões anteriores onde a família é considerada, muitas vezes, como problema para o desenvolvimento da cidadania:

“... às vezes, sabemos o porquê do aluno agir de certa maneira, inadequada, quando conhecemos os pais, os responsáveis....Acredito que além da escola, a cidadania também é formada no lar e quando a família larga a criança, fica difícil....” (DSC 3ª C).

Esta visão pode ocorrer pelo que se está vivendo na sociedade brasileira. A baixa renda familiar obrigando a submissão dos pais a muitas horas de trabalho, ou mesmo situações de desemprego causam mudanças na estrutura da família (CARVALHO e ALMEIDA, 2003), como, por exemplo, pais ausentes ou sem tempo para acompanhar as atividades dos filhos. Não só isso, a insatisfação gerada por essas situações pode levar ao alcoolismo ou ao abandono do lar, em geral do homem (CARVALHO e ALMEIDA, 2003). Então, determinados comportamentos em sala de aula podem estar refletindo situações que os alunos estão vivendo em suas casas.

O professor coloca estes problemas que os alunos podem ter em casa como influências negativas, mas não coloca as más condições de vida, que assolam grande parte da população brasileira, como uma das causas destes problemas. Melhorar o entendimento do professor em relação às causas de certos problemas, facilitaria sua atuação no enfrentamento destes. Percebe-se a necessidade de mostrar para o professor que o exercício da cidadania, que ele pretende desenvolver, pode ser um caminho para o empoderamento destes indivíduos, propiciando o alcance de melhores condições de vida.

Vale a pena notar que apesar da maioria dos discursos considerar que os alunos serão cidadãos, o exercício da cidadania já é considerado como mais difícil de ser realizado:

“...Se for um conceito jurídico de cidadania, necessariamente eles vão ser (cidadãos). Mas serem cidadãos que exercem seus direitos de cidadania, só se tomarem consciência...”(DSC 3ª E).

ou

“...Os alunos já são cidadãos....Mas, muitas vezes, eles não sabem exercer a cidadania, não sabem como conviver com as normas sociais...”(DSC 3ª F).

Os DSC 3ª F e H procuram explicar a dificuldade do exercício da cidadania:

“...eu acho que, muitas vezes, a maioria das pessoas não exerce a cidadania porque existe muita burocracia. Então, é mais fácil deixar para lá do que

reclamar, pois tem muitos trâmites e, muitas vezes, precisa da ajuda de advogado. Eu acho que a estrutura não ajuda muito o cidadão a exercer a cidadania....” (DSC 3ª F).

ou

“...exercer a cidadania no nosso país é muito difícil, você acaba pensando em si mesmo e eu acho que o papel do cidadão é pensar em si e nos outros, pensar no coletivo. É difícil, também, ser cidadão se você não está por dentro de tudo o que está acontecendo e a situação do país não propicia isso, tudo é muito velado, muito fechado, a não ser que haja o interesse que você saiba....”(DSC 3ª H).

O professor compreende que apesar da LDB (1996) e dos PCN (2000) incentivarem o ensino da cidadania na escola e de muito se falar em cidadania, “caiu na boca do povo” como diz CARVALHO (2001, pag. 7), pouco tem sido feito para criar mecanismos que possibilitem um exercício da cidadania satisfatório. Mesmo quando criados, não têm sido efetivos, como, por exemplo, os conselhos de saúde com a participação dos usuários. Estes, na maioria das vezes, não têm uma participação ativa nas reuniões, devido principalmente a um sentimento de incapacidade (WENDENHAUSEN e CAPONI, 2002).

Assim, são imprescindíveis políticas públicas menos assistencialistas, que permitam um melhor acesso a informações, uma participação ativa do indivíduo no controle de sua vida, favorecendo o empoderamento, se, realmente, houver o propósito de melhorar as condições de vida da população.

Observa-se também uma preocupação com a auto-estima da criança:

“É importante enaltecer a criança, mostrando que ela pode ser alguém...” (DSC 3ª B).

Esta preocupação é relevante tratando-se de alunos de escola pública no Brasil, onde se reflete a condição de submissão que ainda persiste em parte da população brasileira (MATUÌ, 2001; BYDLOWSKI *et al*, 2004) e as

desigualdades econômicas e sociais (MINAYO, 2001; COHN, 2003). Esta atitude do professor, de tentar melhorar a auto-estima, colabora para um melhor posicionamento do aluno frente aos problemas que ele enfrenta. Outra colocação importante é do DSC 3^a I que considera que as escolas estaduais não estão formando cidadãos, principalmente pela descontinuidade da ação:

“Eu acho que as escolas estaduais, hoje, não estão formando cidadãos, de jeito nenhum. Isto porque formar um cidadão é um processo longo, que deveria se estender desde a 5^a série até a 8^a, podendo mesmo ser através de um projeto. Mas se eu plantar uma semente e, no ano seguinte, ela não for cultivada, então o trabalho se perde completamente. É esse o problema.”

A continuidade do ensino também é observada no DSC 3^a B:

“...O trabalho do Professor é um trabalho contínuo e a médio prazo, você tem que começar a trabalhar desde cedo e estar sempre regando. Além disso, os professores têm que ter a mesma postura e trabalhar em conjunto para a criança não ficar perdida na escola.”

O professor nestes últimos discursos está fazendo críticas à forma como a escola, no caso a pública, está trabalhando o desenvolvimento da cidadania. Além disso, faz propostas que julga serem mais adequadas para esse ensino. Observa-se, então, que o professor não tem participado da elaboração de programas e projetos, pelo menos os relacionados ao ensino da cidadania na escola. O presente estudo, apoiado nas propostas da Promoção da Saúde, considera a participação do professor, nesta elaboração, essencial, pois é ele que está mais próximo e tem grande influência sobre o aluno, como já foi colocado.

É necessária uma melhor compreensão do professor sobre a situação do aluno como cidadão. A visão da maioria de considerar o aluno como um “ainda não cidadão” pode ter influência no relacionamento entre ambos e não propiciar um desenvolvimento adequado do exercício da cidadania.

RESGATE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

QUESTÃO: COMO VOCÊ DEFINIRIA CIDADANIA?

Atualmente, cidadania é uma palavra que está sendo muito usada, tanto com pretensão de desenvolver seu exercício, como a favor de propagandas ou outros objetivos. Isto é, tem possuído vários significados, de acordo com o interesse de quem a usa.

Assim, é de importância analisar o que o professor percebe como cidadania, pois é baseado nisso que ele terá atitudes e desenvolverá ações relacionadas à cidadania, em sala de aula.

IDÉIAS CENTRAIS (ICs)

- A** - Cidadania é interessar-se, gostar, respeitar o próximo, melhorar a qualidade de vida, melhorar o meio ambiente.
- B** - Cidadania é ter direitos, deveres, participar na sociedade.
- C** - Cidadania é a luta do professor.
- D** - Cidadania é pertencimento.
- E** - Perdeu-se a noção de cidadania.
- F** - Cidadania é tudo.
- H** - Cidadania é ter o direito de ser o que é, é ter autonomia. É dar o poder ao indivíduo dele ser ele por inteiro.
- I** - Cidadania é uma coisa diferente de ser cidadão.

CATEGORIZAÇÃO DAS IDÉIAS CENTRAIS

As respostas foram separadas em categorias segundo as diferentes definições dadas à cidadania.

Como você definiria cidadania?

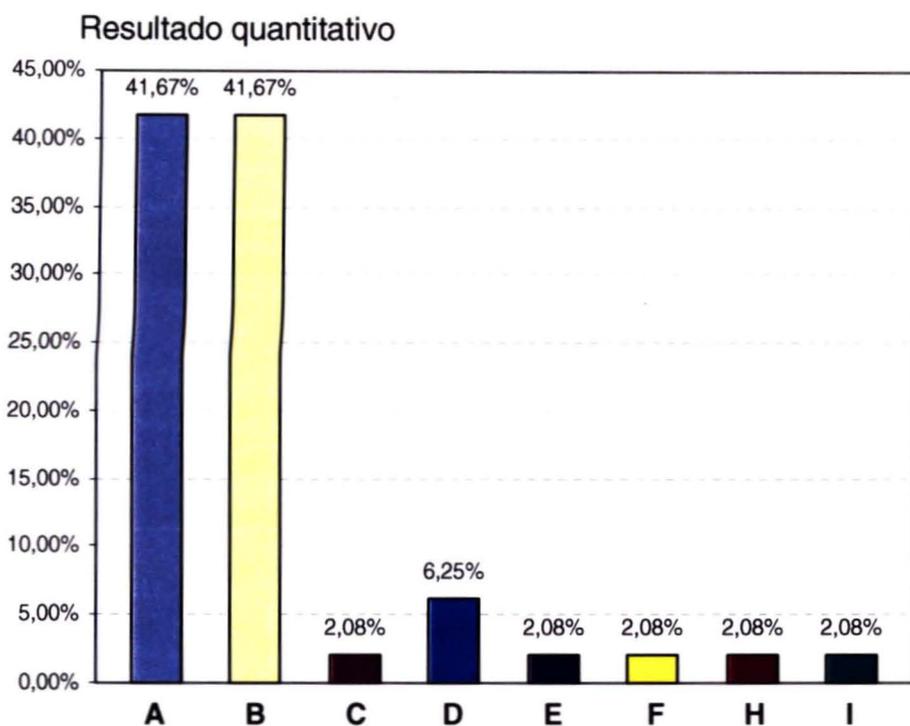


Gráfico 4 – Intensidades das representações dos professores entrevistados (número de respostas, em porcentagem, por categoria de ideia central)

Legenda

- A Cidadania é interessar-se, gostar, respeitar o próximo, melhorar a qualidade de vida, melhorar o meio ambiente.
- B Cidadania é ter direito, deveres, participar na sociedade.
- C Cidadania é a luta do professor.
- D Cidadania é pertencimento.
- E Perdeu-se a noção da cidadania.
- F Cidadania é tudo.
- H Cidadania é ter o direito de ser o que é. É ter autonomia. É dar o poder ao indivíduo dele ser ele por inteiro.
- I Cidadania é uma coisa diferente de ser cidadão.

QUESTÃO: COMO VOCÊ DEFINIRIA CIDADANIA?

RESULTADOS QUALITATIVOS (DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO)

DSC 4^a A – Discurso que define que cidadania é interessar-se, gostar, respeitar o próximo, melhorar a qualidade de vida, melhorar o meio ambiente.

Além de ser uma postura perante a vida, perante a comunidade onde o indivíduo vive, cidadania é tudo o que envolve o indivíduo integrado com a família, dentro de uma sociedade, intelectualmente e emocionalmente.

É ser uma pessoa que tem princípios corretos, que faz o bem, que tem respeito pelos outros, pelos mais velhos, pela sociedade, além de respeitar a si próprio, pois como que ele pode exercer cidadania, como ele pode respeitar os outros, se ele nem sequer se respeita? A pessoa tem que saber se posicionar em relação aos outros e também saber exigir dos governantes e de todo mundo o respeito que merece como pessoa, como cidadão.

É também valorizar a vida, ajudar o próximo, abrir o seu mundo privilegiado para os outros, por exemplo, dando um cantinho de sua propriedade, aquela casa super bacana que fica ao lado da favela, para ajudar as pessoas a aprender a ler, a escrever, uma profissão, isto é, dividir, compartilhar suas condições e não se isolar levantando um muro alto eletrizado em volta da casa.

Além disso, cidadania é você procurar transformar o meio ambiente para ficar melhor e as pessoas conviverem melhor. Por exemplo, colaborar cuidando e conservando o patrimônio da cidade, não jogando o lixo na rua, não sujando, não riscando, zelando pelo bairro, pela cidade.

Ser cidadão é ter atitudes corretas, fazer as coisas como a lei manda, pagar suas contas, não ter problemas com ninguém, procurar levar os filhos para um bom caminho, colocando-os na escola, pois se eles vêm para a escola, é porque eles vão ser cidadãos.

Enfim, para mim, cidadania é um futuro melhor, mas a pessoa tem que querer, querer saber, querer realizar, ter. Não adianta apresentar tudo de bom para ela, se ela não quiser. Depende de cada um.

DSC 4ª B - Discurso que define a cidadania com o ter direitos, deveres, participar na sociedade.

Cidadania é o papel do homem numa comunidade civil, seja na sua casa, seja no seu grupo de amigos, seja na sua escola, no seu trabalho.

São os direitos, os deveres, as obrigações, em todos os setores da vida. É o exercício do direito, direito político, direito de participar, de opinar, de questionar, de votar, até direito do consumidor. É um conjunto de direitos, mas tem também as obrigações, os deveres. Precisamos conhecer estas normas, além do contexto do agrupamento onde vivemos, para ter uma convivência saudável. Agora, os direitos são mais fáceis de aprender e, muitas vezes, você só vai atrás deles, fugindo um pouco dos deveres. Então, precisamos ter consciência dos deveres também e sabermos que somos responsáveis por cada ação fazemos.

Mas não adianta você ter o conhecimento e não ir atrás, não atuar, pois cidadania é também o exercício dos direitos e deveres. É preciso realmente participar no sentido de não aceitar qualquer coisa, perceber o que está certo e errado, se alguma coisa está prejudicando você ou a outros, ter senso crítico e querer atuar, querer ser, ter voz ativa, se esforçando para ser um cidadão e não estar à margem da sociedade.

Para ter uma participação efetiva na sociedade, temos que refletir, rever conceitos e preconceitos e ter um emocional equilibrado, o que é muito difícil

para o professor pois ele ganha muito pouco e não tem tempo para o lazer. É uma coisa muito complexa.

Enfim, cidadania nada mais é do que uma série de normas de convívio social em prol de um desenvolvimento coletivo pleno e satisfatório.

DSC 4ª C – Discurso que considera cidadania a luta do professor.

Cidadania não é sair brigando, só fazendo grava. É montar uma equipe e ir lá, conversar, dialogar, colocar uma postura e mostrar que não é só por conta do salário do professor, mas também para o professor ser respeitado, pois o professor é um trabalhador braçal totalmente desvalorizado. Ele só tem o dever de ensinar, mas qual o direito dele enquanto profissional?

Mas, infelizmente, nossa classe é desunida e não igual a outras que falam “vamos parar” e todo mundo para.

DSC 4ª D – Discurso que define a cidadania como pertencimento.

Cidadania é a pessoa se sentir parte de tudo, pertencer a uma sociedade, se percebendo como uma pessoa que está dentro dessa sociedade, atuando tanto em direitos como em deveres.

DSC 4ª E – Discurso que considera que se perdeu a noção de cidadania.

Perdeu-se um pouco a noção de cidadania. Começou-se a pensar em cidadania como uma troca, a pessoa tem que fazer as coisas para ter outras. Mesmo dentro da escola, a definição de cidadania está muito voltada para isso: aquilo que você faz se reverte em algumas coisas para você e para o bem da comunidade. Mas eu acho que cidadania vai além disso, é você participar, cobrar, ir atrás, desde votar até não jogar papel no chão.

DSC 4ª F – Discurso que considera que cidadania é tudo.

Cidadania seria tudo o que existe em volta da gente, na minha maneira deve, tudo o que eu imagino é cidadania. Por exemplo, a escola faz parte da cidadania. Se o aluno está na escola, ele é um cidadão porque ele está participando, procurando, buscando alguns objetivos para a melhora dele. É ele estar interado em tudo que está em volta dele.

DSC 4ª H – Discurso que considera que cidadania é ter o direito de ser o que é, é ter autonomia. É dar o poder ao indivíduo dele ser ele por inteiro.

Cidadania é ter o direito de ser o que é, de forma livre. É eu saber o lugar que eu ocupo na sociedade, é ter consciência de todos os poderes que eu tenho, ter autonomia. O principal é a gente estar fazendo com que o indivíduo entre em contato com a verdade, com o eu sou e com o eu sei, você passa a se apropriar de você mesmo. É você dar ao indivíduo o poder dele ser ele, por inteiro e ele saber quem ele é, do direito que ele tem no mundo, do espaço que ele ocupa e ele se conhecer em todos os aspectos.

DSC 4ª I – Discurso que considera que cidadania é uma coisa e ser cidadão é outra.

Ser cidadão é uma coisa, cidadania, para mim, é outra. Cidadania é aquilo que foi plantado para mim, é ter uma casa, ter uma família, ter uma religião, alguma estrutura que me deram. Então, ter cidadania é não ser cidadão, porque cidadão é o outro lado. Como cidadão, eu busco cada vez mais, é o eu quero, eu tenho valor, eu vou aperfeiçoar e vou procurar.

PROFESSOR DEFININDO CIDADANIA

DISCUSSÃO

Observou-se que a cidadania está sendo colocada de maneira ampla, atingindo a vida do indivíduo na sociedade como um todo.

No DSC 4ª A aparecem aspectos intelectuais e emocionais do ser humano, como respeito à si e aos outros, ajudar ao próximo, compartilhar:

“...abrir seu mundo privilegiado para os outros, por exemplo, dando um cantinho de sua propriedade, aquela casa bacana que fica ao lado da favela, para ajudar as pessoas a aprender a ler, a escrever, uma profissão, isto é, dividir, compartilhar suas condições e não se isolar levantando um muro alto, eletrizado em volta da casa...”

Este discurso expõe a desigualdade existente no Brasil. E, ao mesmo tempo que coloca “dar um cantinho”, o que poderia ser uma forma assistencialista de colocar a questão, propõe que se ajude as pessoas a aprender, a ler, a escrever, uma profissão, isto é, propõe uma atuação de melhoria das condições de vida dos indivíduos menos privilegiados. Não se pode dizer se o que foi proposto são ações compensatórias da desigualdade social existente ou se visam, realmente, a emancipação da população.

Além disso, este DSC 4ª A coloca também como cidadania a transformação do meio ambiente físico, mostrando uma noção de cidadania que envolve mais do que só o conhecimento dos direitos e deveres, isto é, um meio ambiente saudável é necessário para uma boa convivência:

“...Cidadania é você procurar transformar o meio ambiente para ficar melhor e as pessoas conviverem melhor...”

Surge nesta parte do discurso, uma noção do conceito de saúde proposto pela Promoção da Saúde, que envolve não somente a ausência de

doença, mas vários outros determinantes como, por exemplo, um meio ambiente saudável (BRASIL, 2001).

Novamente, neste discurso, observa-se a relação entre ser cidadão e ir para a escola:

“...Ser cidadão é...procurar levar os filhos para um bom caminho, colocando-os na escola, pois se eles vêm para a escola é porque eles vão ser cidadãos” (DSC 4^a A)

Isto é também revelado no DSC 4^a F:

“...Se o aluno está na escola, ele é um cidadão, porque ele está participando, procurando, buscando alguns objetivos para a melhora dele...”

Como já foi comentado, esta relação entre cidadania e escola não é real, como colocado por ARROYO (2001), chega a ser “perigosa”, pois não se pode falar que só é cidadão aquele que vai para a escola. A escola, fazendo parte da Educação, desencadeia e oferece os instrumentos para o desenvolvimento do exercício da cidadania (RIBEIRO, 2002).

O DSC 4^a B considera a cidadania em seu aspecto social:

“...são os direitos, os deveres, as obrigações...É o exercício do direito, direito político, direito de participar, de opinar, de questionar, de votar, até direito do consumidor...precisamos conhecer as normas, além do contexto do agrupamento onde vivemos para ter uma convivência saudável...”

O DSC 4^a F coloca a cidadania como sendo tudo o que se relaciona com o indivíduo, sendo que isso pode ser interpretado como uma soma dos DSC 4^a A e DSC 4^a B, onde o A seria a parte intelectual e emocional do indivíduo e o B a parte social.

Para fins de análise dos discursos coletados, estes foram separados em categorias, obedecendo à alguns critérios, como relatado anteriormente. Mas, como pode ser observado no GRÁFICO 4, as intensidades destes dois discursos, DSC 4^a A e DSC 4^a B, são iguais (41, 67%). Assim, o presente estudo assume a união destes 2 discursos, mostrando que, para o

professor, cidadania não é somente um conceito jurídico, mas envolve os vários aspectos da vida dos indivíduos.

Nota-se no discurso DSC 4^a B, uma colocação muito adequada ao momento da realidade brasileira: “cidadania como o exercício dos direitos”, como participação. Isto porque, na década de 1990, a participação ganha espaço na América Latina, transformando-se na possibilidade de acesso da população a espaços antes não ocupados, fortalecendo os mecanismos democráticos como comenta JACOBI (2000), mas o autor também coloca:

“...Entretanto, o que se observa é que no geral as propostas participativas ainda permanecem mais no plano da retórica do que na prática” (JACOBI, 2000, pag.14)

Assim, é importante também o professor estar se posicionando favoravelmente à participação e ao desenvolvimento de uma visão crítica:

“..Mas não adianta você ter o conhecimento e não ir atrás, não atuar, pois cidadania é também o exercício dos direitos e deveres. É preciso realmente participar no sentido de não aceitar qualquer coisa, perceber o que está certo e errado, se alguma coisa está prejudicando você ou a outros, ter senso crítico....temos que refletir, rever conceitos e preconceitos...” (DSC 4^a B)

Pode-se dizer que esta postura revelada pelo professor é satisfatória em relação à emancipação da população:

“....Enfim, cidadania nada mais é do que uma série de normas de convívio social em prol de um desenvolvimento coletivo pleno e satisfatório”. (DSC 4^a B)

No DSC 4^a C é colocada a posição específica do professor como cidadão:

“Cidadania não é sair brigando, só fazendo greve. É montar uma equipe e ir lá, conversar, dialogar, colocar uma postura e mostrar que não é só por conta do salário do professor, mas também para o professor ser

respeitado, pois o professor é um trabalhador braçal totalmente desvalorizado....”

Revela-se neste discurso que o professor percebe a necessidade de participar para obter melhorias nas suas condições profissionais, mas observa-se, ao mesmo tempo, que ele não está participando efetivamente do enfrentamento de seus problemas. Isto já havia sido observado pelo fato do professor, mesmo pertencendo a sindicatos, não ter uma participação efetiva nestes (TABELA 1). Percebe-se a necessidade de incentivar e capacitar o professor para que ele, não só ensine, mas também exerça a cidadania.

O DSC 4^a B coloca o baixo salário do professor como um dos motivos para que ele não participe de forma efetiva:

“...Para ter uma participação efetiva na sociedade, temos que refletir, rever conceitos e preconceitos e ter um emocional equilibrado, o que é muito difícil para o professor pois ele ganha muito pouco e não tem tempo para o lazer. É uma coisa muito complexa....”

O professor fazendo parte da população brasileira, também está sofrendo com as situações econômicas e sociais do país. Ele expõe essa situação quando coloca (DSC 4^a B) que ele não pode se dedicar ao exercício da cidadania, pois está mais voltado para questões pessoais .

Sentimentos de desvalorização da profissão que aparecem no discurso DSC 4^a C são discutidos por LAPO e BUENO (2002) e também comentados por MARIN (1998), sendo que tanto a baixa remuneração como a desvalorização profissional contribuem para o abandono da profissão pelo professor. Cabe aqui comentar a falta de incentivo, na área da Educação, para que o professor realize cursos de pós- graduação como mestrado ou doutorado (LAPO e BUENO, 2003). Como observado na TABELA 1, somente um professor possui o título de mestre e um de doutor, provavelmente refletindo esta falta de incentivo. Colocar a atenção nestes fatos, visando uma melhor formação profissional dos professores,

juntamente com políticas que visem melhores condições de ensino são importantes para que se alcance uma educação de qualidade.

O DSC 4^a E faz uma crítica à noção de cidadania ser uma troca:

“...Perdeu-se um pouco a noção de cidadania. Começou-se a pensar em cidadania como uma troca, a pessoa tem que fazer as coisas para ter outras. Mesmo dentro da escola, a definição de cidadania está muito voltada para isso: aquilo que você faz se reverte em algumas coisas para você e para o bem da comunidade. Mas eu acho que cidadania vai além disso, é você participar, cobrar, ir atrás, desde votar até não jogar papel no chão....”

Nota-se neste discurso uma reafirmação da cidadania como participação, visão importante pois cidadania, hoje, não pode ser vista somente como um conjunto de direitos e deveres, mas é essencial a participação dos indivíduos, atuando como sujeitos sociais ativos (JACOBI, 2002).

Além da participação, os sentimentos de identidade e pertencimento conferem um sentido de comunidade (JACOBI, 2000), podendo-se considerá-los como elementos necessários para a construção da cidadania em uma comunidade ou nação (VIEIRA, 1997; EDER, 2003; VALDIVIESO, 2003).

O conhecimento é também um fator essencial para essa construção, chegando mesmo a ser colocado como um princípio de estratificação e desigualdade (STEHR, 2000).

Pode-se observar que estes elementos: identidade, pertencimento, conhecimento e participação estão presentes em vários discursos como:

“...Precisamos conhecer estas normas, além do contexto do agrupamento onde vivemos, para ter uma convivência saudável....” (DSC 4^a B) (conhecimento)

ou

"Cidadania é a pessoa se sentir parte de tudo, pertencer a uma sociedade, se percebendo como uma pessoa que está dentro dessa

sociedade, atuando tanto em direitos como em deveres.” (DSC 4^a D) (identidade e pertencimento)

ou

“Cidadania é ter o direito de ser o que é, de forma livre. É eu saber o lugar que eu ocupo na sociedade, é ter consciência de todos os poderes que eu tenho, ter autonomia. O principal é a gente estar fazendo com que o individuo entre em contato com a verdade, com o eu sou e com o eu sei, você passa a se apropriar de você mesmo. É você dar ao individuo o poder dele ser ele, por inteiro e ele saber quem ele é, do direito que ele tem no mundo, do espaço que ele ocupa e ele se conhecer em todos os aspectos.” (DSC 4^a H) (identidade, pertencimento e conhecimento)

É essencial dar-se atenção à esses elementos, pois eles fazem parte da condição de ser cidadão.

Muito se questiona sobre a identidade brasileira, como comenta BAUER (2005). Segundo o autor, desde o início do período republicano, há um trabalho de construção da identidade nacional, visando disseminar a idéia de pertencer à uma comunidade ou nação. Assim, ações, como, por exemplo, o ensino da história centrada em grandes feitos militares, como a Guerra do Paraguai, ou a história de heróis nacionais ou a disseminação do folclore, fauna e flora, são realizadas com esse propósito. Mas para o autor, a construção da identidade brasileira, com o conseqüente sentimento de pertencimento, ainda está em aberto, pois há muitas contradições:

“....como vislumbrar que um homem que não tem nem mesmo um teto que lhe possa abrigar contra as intempéries que a natureza produz, aspire pertencer à uma nação.” (BAUER, 2005)

O conhecimento tem sido colocado como uma condição de acesso à uma posição social elevada e, historicamente, tem tido um papel importante na determinação de desigualdades sociais como comenta STEHR, (2000).

Hoje, o conhecimento vai tomando o lugar da propriedade e do trabalho como mecanismo construtivo da desigualdade social, segundo o autor.

Propiciar o acesso incondicional ao conhecimento e a construção de uma identidade verdadeira que dê aos indivíduos o sentimento de pertencer à uma nação onde ele participa das decisões e elaborações de políticas públicas que visem o controle das condições de sua vida e saúde, significa atuar no sentido de formar um cidadão e aponta para uma situação de equidade.

É curiosa, num primeiro momento a colocação do DSC 4^a I:

“Ser cidadão é uma coisa, cidadania, para mim, é outra. Cidadania é aquilo que foi plantado para mim, é ter uma casa, ter uma família, ter uma religião, alguma estrutura que me deram. Então, ter cidadania é não ser cidadão, porque cidadão é o outro lado. Como cidadão, eu busco cada vez mais, é o eu quero, eu tenho valor, eu vou aperfeiçoar e vou procurar.”

Mas analisando-se o discurso todo, percebe-se que a cidadania está sendo colocada como a “cidadania passiva” que é outorgada pelo Estado com a idéia moral do favor e da tutela, segundo JACOBI (2000, p. 17) e que se distingue da “cidadania ativa” que envolve uma real participação do indivíduo e está fortalecida pela Constituição de 1988 (JACOBI, 2000). Verifica-se que neste discurso, ser cidadão refere-se à esta última, a cidadania ativa.

O professor revela uma visão ampla sobre cidadania, pois considera que cidadania é mais do que o conhecimento dos direitos e deveres do indivíduo, sendo que a participação social foi colocada com maior ênfase do que os outros elementos necessários para a formação de um cidadão . Esta visão é importante se forem consideradas as más condições de vida de grande parte da população brasileira, pois favorece o seu empoderamento, o que é imperativo para que se atinja uma situação de equidade.

CONCLUSÃO



CONCLUSÃO

A qualidade de vida de parte da população brasileira é inaceitável e chega a ser revoltante quando focalizamos sua saúde. Observa-se que o que tem sido feito até agora, não foi eficiente para reverter esse quadro. Políticas assistencialistas e paternalistas, população submissa, além da desigualdade econômica existente, promovem o cenário em que vivem os brasileiros.

O processo da Promoção da Saúde traz como proposta novos enfoques e maneiras de atuação, colocando a democratização e a emancipação da população como formas de superar os obstáculos para melhores condições de vida e saúde, para uma situação de equidade.

Empoderar a população e promover o exercício da cidadania são estratégias, também propostas pela Promoção da Saúde, que favorecem a emancipação.

Considera-se, então, que se houver a pretensão de melhorar as condições de vida e saúde da população brasileira, há a necessidade de aderir a essas novas formas de ação. Assim, promover o exercício da cidadania passa a ser uma condição para a melhoria do quadro atual.

Surge, então, a necessidade de se conhecer como a cidadania e seu exercício estão ocorrendo no Brasil. Muito se fala em cidadania, mas, ao mesmo tempo, pouco se exerce. Assim, a construção de um instrumental que possibilite este conhecimento é fundamental.

O presente estudo propôs-se à essa construção, focalizando professores, pois considera que estes possuem uma posição estratégica na formação cidadã dos alunos e que estes têm um papel de destaque no futuro da nação.

O roteiro de pesquisa utilizado revelou-se eficaz, pois:

- foi facilmente entendido pelo professor
- permitiu que o professor se expressasse de forma livre
- revelou percepções, conhecimentos, atitudes e comportamentos do professor em relação à cidadania.

Ainda, a associação do mesmo a técnica do Discurso do sujeito coletivo foi de grande valia para a identificação das representações dos professores e até da intensidade que os significados das mesmas têm para os mesmos

Sugere-se, a partir dos resultados obtidos que este instrumental seja utilizado em pesquisas e estudos que tenham como objetivo a formação de cidadãos e como alvo as escolas e o professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise do material coletado nas entrevistas pode-se observar que a quase totalidade dos professores coloca a escola e a ele próprio como responsáveis pelo desenvolvimento da cidadania dos alunos. Apontaram dificuldades, mas têm esse desenvolvimento como meta e desafio.

Esta postura é de extrema importância, considerando-se as condições de vida de grande parte da população brasileira, a submissão que ainda persiste nesta população e a falta de políticas públicas voltadas para sua emancipação, que têm sido voltadas muito mais para os aspectos econômicos e não têm sido eficazes para reverter o quadro que está se apresentando.

Percebe-se também nos discursos que os professores estão conscientes das condições vividas pelos alunos e preocupam-se em ensinar e ter atitudes para que a situação seja revertida. Sabem que possuem uma posição de influência na vida e formação do aluno como cidadão.

É interessante notar que apesar do professor considerar o exercício da cidadania como essencial para a vida em sociedade, destacando como importante a participação social e preocupando-se em desenvolver esta iniciativa no aluno, ele mesmo não tem se posicionado desta forma. Dos 40 professores entrevistados, 21 não eram sindicalizados e dos 19 que eram, somente 1 participava ativamente (considerando-se o sindicato como um canal para a participação). Esta atitude é particularizada quando é colocado nos discursos que o professor não faz parte de uma classe unida como ocorre com outros trabalhadores e que não luta por melhores condições de vida e trabalho. O presente estudo não possui dados para explicar ou discutir este fato, mas sugere que talvez o hábito de exercer a cidadania ainda não esteja presente neste grupo de professores uma vez que esta concepção de cidadania é recente no Brasil, ou as próprias condições de vida do professor, como baixa

remuneração, desvalorização profissional, juntamente com a falta de estrutura para a participação, não propiciam, nem estimulam este comportamento.

O professor expõe em vários discursos a baixa valorização profissional que vem sofrendo. O fato de somente um professor ter realizado o curso de mestrado e um de doutorado como foi observado, pode ser devido à falta de políticas na área da Educação que incentivem este aperfeiçoamento profissional. O presente estudo sugere que maior atenção seja dada à esse fato para que se alcance uma educação de qualidade.

Foram observadas distorções como a não consideração do aluno já como cidadão, uma vez que pela Constituição Brasileira (1988) e pela evolução que sofreu o conceito de cidadania, o indivíduo é considerado cidadão desde o momento de seu nascimento. Outra, é o condicionamento do fato de ser cidadão ao de ter uma profissão ou ter estudado. Estas distorções podem levar à considerações, atitudes e ações que podem prejudicar a construção de uma cidadania participativa, pois alguns indivíduos poderiam ser marginalizados, não serem ouvidos, se não possuísem, por exemplo, um diploma.

Os professores mostram considerar que o exercício da cidadania favorece uma melhor condição de vida quando se referem a um futuro melhor como consequência deste exercício. Mas, ao mesmo tempo, não percebem as más condições vividas pela população como uma das causas, por exemplo, da violência que ocorre, neste momento, no Brasil e muitas vezes na própria sala de aula. Alguns atribuem essas ocorrências à falta de princípios ou preparo dos pais. Isto pode dificultar a leitura de determinadas situações, prejudicando a elaboração de projetos ou ações que tenham como propósito a formação cidadã.

Em relação à saúde, é relevante o fato dos professores não associarem às condições de vida dos alunos ou população, isto é, não revelaram a noção de que condições econômicas e sociais são fatores determinantes da condição de saúde dos indivíduos como propõe o processo

da Promoção da Saúde. Pode-se dizer que o modelo biomédico de assistência à saúde ainda é predominante nesse grupo de professores. Essa forma de pensar e agir, que, de acordo com vários trabalhos e observações também predomina na população brasileira, é um dos obstáculos a ser vencido para que o processo da Promoção da Saúde seja implementado. A mudança de um conceito, assim como de comportamentos, é lenta e difícil de ser realizada, mas possível através da conscientização da população por meio de uma forma reflexiva e persistente de trabalho.

É curioso que na maioria das vezes em que se referiram ao meio ambiente ou à exemplos de condutas positivas, os professores falavam em não jogar papel no chão. Talvez, isto tenha ocorrido por essa atitude ser muito abordada em vários espaços como, por exemplo, escola ou meios de comunicação ou mesmo em campanhas educativas, etc...Uma análise para elucidar o porquê deste fato seria conveniente para se conhecer como atingir, de maneira eficaz, a população para que comportamentos desejáveis de emancipação sejam incorporados.

Definindo cidadania, os professores também demonstram uma visão ampla em relação à ela, não se limitando ao conhecimento dos direitos e deveres, mas propondo uma participação efetiva dos indivíduos na sociedade. Este posicionamento dos professores favorece ao propósito do processo da Promoção da Saúde, pois propicia condições para o desenvolvimento de uma visão crítica e para a formação de cidadãos ativos, contribuindo para o alcance de melhores condições de vida para a população brasileira.

O empoderamento da população, a diminuição das desigualdades tanto econômica como social e o alcance da equidade são desejáveis e é o que se deve perseguir. Nesse sentido, os professores parecem ter o propósito de contribuir. Mas não se pode deixar de lembrar que a responsabilidade dos professores e da escola não é total, encontrando, muitas vezes, obstáculos difíceis de superar, podendo ser da própria família ou do ambiente que o aluno frequenta.

Verificou-se que o professor reconhece, embora não explicitamente, os elementos de cidadania como identidade, pertencimento, conhecimento e com maior destaque a participação, como importantes para a formação do indivíduo. Isto é relevante já que estes elementos fazem parte da condição de cidadão.

A identidade e o pertencimento definem a posição e o papel dos indivíduos na sociedade e o conhecimento, juntamente com a participação, promovem a emancipação destes indivíduos. Notou-se que na literatura estes elementos são tratados de maneira isolada e dispersa, mesmo quando relacionados à cidadania. O presente estudo propõe que pesquisas e propostas de ações, que tenham a finalidade de desenvolver o exercício da cidadania, envolvam estes elementos, tratando-os de forma conjunta, pois existe uma forte relação entre eles. Coloca-se que sem possuir uma identidade e o sentimento de pertencimento, dificilmente se conquistará uma posição de cidadania, mesmo havendo estímulos para a aquisição de conhecimentos e para a participação efetiva da população em assuntos que dizem respeito à sua vida.

Embora os professores tenham a vontade e o propósito de formar um cidadão que exerça ativamente esse papel, nota-se que falta algo, talvez revelado pelo fato do próprio professor não exercer ativamente o seu papel como cidadão. Mas o presente estudo mostra que o professor está predisposto a caminhar nesta direção, tentando contribuir com sua parte na transformação necessária para a emancipação da população brasileira. Há muito ainda que ser percorrido; as mudanças, historicamente são lentas, mas aponta-se para o alcance da equidade.

Vale a pena comentar que no Brasil, logicamente, aconteceram avanços no campo social, mas grande parte deles sem a participação efetiva da população. Além disso, a maior parte das ações de melhoria das condições da população estão voltadas para o aspecto material, econômico, desvinculadas da preocupação de empoderamento da população, visando

sua emancipação. Novamente, fica evidente a condição de submissão que persiste na população brasileira, já acostumada à atitudes paternalistas e assistencialistas. Transformar esta situação é difícil, em parte pela precária situação material e social em que vive essa população que, antes de tudo, luta para sobreviver: uma sobrevivência imediata, mas sem a qual não existe futuro.

Ações no sentido de capacitar e empoderar, como pretende a Promoção da Saúde, são essenciais para a emancipação da população. Esta pesquisa revelou fatos, relativos aos professores, que mostram um caminho possível para a ocorrência desta emancipação. O caminho é longo, difícil, mas pode ser percorrido:

“...É sempre um retomar e nunca um terminar...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRAMOVAY M, RUA MG. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Airton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME. 2002.
2. ACKERMAN M, NADANOVSKI P. Avaliação dos Serviços de Saúde- Avaliar o quê? **Cad. Saúde Publ.** 1992, 8(4): 361-365.
3. AERTS D, ALVES GG, LA SALVIA MW, ABEG C - Promoção de saúde: a convergência entre as propostas da vigilância da saúde e da escola cidadã. **Cad. Saúde Pública**. 2004, 20 (4): 1020-1028.
4. ANDRADE A N. A criança na sociedade contemporânea: do 'ainda não' ao cidadão em exercício. **Psicol. Reflex. Crit.** 1998, 11 (1):161-174.
5. AQUINO JG. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cad. CEDES**. 1998, 19 (47): 7-19.
6. ARROYO MG. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. **Educ. Soc.** 1999. .20 (68):143-162.
7. ARROYO M. A Universidade e a Formação do Homem. In SANTOS GA (org.). **Universidade Formação Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001.p. 33-50.

8. BANCO MUNDIAL. **Comunicado à imprensa nº 2004/309/S** – Pobreza Mundial reduzida pela metade desde 1981. Mas avanços são desiguais porque o crescimento econômico não alcançou muitos países.
9. BARATA RB. Cem Anos de Endemias e Epidemias. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2000.5(2):333-345.
10. BENEVIDES MV. Cidadania e Direitos humanos. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Cortez, 1998. In Silva MA. A Cidadania no Contexto de Restrições dos Direitos Sociais. In SANTOS GA.(org.). **Universidade Formação Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 169-179.
11. BAUER C. **Sem-teto, Sem Pertencimento ou Como a Elite Brasileira Produziu Ideologicamente a Grande Tribo dos Excluídos brasileiros**. Videtur – Letras- 2005. www.hottopos.com/vdletras7/index.htm.
12. BRASIL- Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. Declarações das Conferências de Promoção da Saúde. Brasília, 2001.
13. BRICEÑ-LÉON R. Bienestar, Salud Pública Y cambio Social. In Briceño, R.; Minayo, M.C.; Coimbra Jr., C. E. A. (coordenadores). **Salud e Equidad: uma mirada desde las ciencias sociales**. Fiocruz, 2001. p.15-24.

14. BRUNO NETO, F – **1ª Cartilha Acadêmica de Direito Constitucional** – 2ª Ed. Leme, SP: Editora de Direito Ltda, 1999.
15. BRZEZINSKI I. Embates na definição das políticas de formação de professores para a atuação multidisciplinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: respeito à cidadania ou disputa pelo poder?. **Educ. Soc.** 1999, 20: (68): 80-108.
16. BUFFA E, ARROYO MG, NOSELLA P – **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.
17. BUSS P M. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida- **Ciência e Saúde Coletiva.** 2000, 5, (1): 163-177.
18. BYDLOWSKI, CR, WESTPHAL MF, Pereira IMTB - Promoção da Saúde. Por que sim e porque ainda não. **Saúde e Sociedade.** 2004, 13, (1): 14 – 24.
19. CARBONE RA, MENIN, MSS. Injustiça na escola: representações sociais de alunos do ensino fundamental e médio. **Educ. Pesqui.** 2004, 30 (2): 251-270.
20. CARVALHO, A. C.- Dualismo e Alienação. **Sci. Am. Brasil.** 2003, n12, p.29.
21. CARVALHO AMP. A pesquisa *no* ensino, *sobre* o ensino e *sobre* a reflexão dos professores sobre seus ensinios. **Educ. Pesqui.** 2002, 28 (2):.57-67.

22. CARVALHO IMM, ALMEIDA PH. Família e Proteção Social. **São Paulo em Perspectiva**, 2003, 17 (2): 109-122.
23. CARVALHO JM. **Cidadania no Brasil. O longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
24. CARVALHO SR. Os múltiplos sentidos da categoria "*empowerment*" no projeto de Promoção à Saúde. **Cad. Saúde Pública**. 2004, 20 (4):1088-1095.
25. CHAUI M. **Conformismo e Resistência**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
26. CHAUI MS. As humanidades contra o humanismo. In: SANTOS GA (org.) **Universidade Formação Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001. p.15-32.
27. CHIESA AM. **A Equidade como princípio norteador da identificação de necessidades relativas ao controle dos agravos respiratórios na infância**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1999.
28. COHN, A- Estado e sociedade e as reconfigurações do direito à saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**. 2003, 8 (1): 09-18.
29. **Constituição da República Federativa do Brasil (1998)**. Oliveira, C. B. (org) 8ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

30. DALLARI DA. **Elementos de Teoria Geral do Estado**. 21º Ed. Atual. – São Paulo: Saraiva, 2000.

31. DALLARI DA. **A Cidadania e sua História**. Texto do site: www.dhnet.org.br/sos/textos/historia . 12/02/2001.

32. **Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos**. Conferência de Jomtien.1990. www.unicef.org/Brasil/jomtien.htm

33. DEMO P. **Participação é Conquista**. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

34. DEMO P. **Pobreza da Pobreza**. RJ: Vozes, 2003.

35. DIAS S. **Sociedade civil: quem é esse ator?** Reportagens- Comciência, www.comciencia.br 05/07/2005.

36. EDER K . Identidades coletivas e mobilização de identidades. **RBCS**, 2003, 18 (53): 5-18.

37. ELIAS, N. **O Processo Civilizador, vol 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

38. FIORI JL. Ajuste, transição e governabilidade: o enigma brasileiro, 1993. APUD: COHN A. Estado e sociedade e as reconfigurações do direito à saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2003, 8, (1): 09-18.
39. FOCESI E. Educação em Saúde e Cidadania. **Rev bras. Saúde esc.** 1992, 2 (3/4): 170-172.
40. FORTES PAC. **Ética e Saúde. Questões Éticas, Deontológicas e Legais, Tomada de Decisões, Autonomia e Direitos do Paciente, Estudos de Casos.** São Paulo: EPU, 1998.
41. GENTILE M. **Promoção da Saúde e Município Saudável.** São Paulo: Vívere, 2001.
42. I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Carta de Ottawa sobre Promoção da Saúde, Ottawa, 17 a 21 de nov., 1986.
43. II Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Declaração de Adelaide- Políticas Públicas Saudáveis, Austrália, 1988.
44. III Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Declaração de Sundsvall- Ambientes Favoráveis à Saúde, Suécia , 1991.
45. III Conferência Latino Americana de Promoção da Saúde e Educação em Saúde Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. São Paulo, 2002.

46. IV Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Âmbito América Latina - Declaração de Bogotá- Promoção da Saúde e Eqüidade, Colômbia , 1992.
47. IV Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde -Declaração de Jacarta- Determinantes da Saúde : Novos Desafios, Indonésia, 1997.
48. IERVOLINO SA. **Escola Promotora de Saúde- Um Projeto de Qualidade de Vida**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo área de concentração : Prática de Saúde Pública. São Paulo, 2000.
49. INOJOSA RM. Intersetorialidade e a Configuração de um Novo Paradigma Organizacional. **Rap Rio de Janeiro**, 1998, 32 (2): 35-48.
50. JACOBI PR. Educação, Ampliação da Cidadania e participação. **Educ. Pesq.**, 2000. 26 (2): 11-29.
51. JACOBI PR. Políticas sociais locais e os desafios da participação cidadina. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2002, 7 (3), p.443-454.
52. JAHODA M. et alii- Research Methods in Social Relation. New York. Driden Press, 1951. In MINAYO, M. C.- **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro : Hucitec – Abrasco, 1992.

53. KLEBIS MA, MENIN MSS. A disciplina e a educação em Valores na escola, 2000. APUD: MENIN, MSS. Valores na escola. **Educ. Pesqui.**, 2002, 28 (1):91-100.
54. KUENZER AZ. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. **Educ. Soc.**1999, 20 (68):163-183.
55. LABONTE, R. Health Promotion and Empowerment: Reflections on Professional Practice. **Health Education Quarterly**, 1994, 21(2): 253-268.
56. LAPO FR, BUENO BO. O Abandono do Magistério: Vínculos e Rupturas com Trabalho Docente. **Psicol. USP**, 2002, 13 (2): 243-276.
57. LAPO FR, BUENO BO. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cad. Pesqui.**, 2003, no.118, p.65-88.
58. LEFÈVRE AMC.- **Ações coletivas de saúde no município de São Paulo**. Tese de Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2000.
59. LEFÈVRE, F.- **Mitologia Sanitária: Saúde, Doença, Mídia e Linguagem**. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1999.
60. LEFÈVRE F, LEFÈVRE AMC, TEIXEIRA JJV.- **O discurso do sujeito coletivo: Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**.Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

61. LEFÈVRE F, LEFÈVRE AMC – O Discurso do Sujeito Coletivo- Um Novo Enfoque em Pesquisa Qualitativa. Caxias do Sul, RS: Educs, 2003.
62. LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, AMC; PEREIRA, IMTB; STEWIEN, APM; OLIVEIRA, NGS; SIMIONI, APC; MEDEIROS, IY. Criança Fumante Passivo Sem Opção. **Boletim Epidemiológico Paulista**, Ano 1, 2004, (8).
63. LEFÈVRE F, LEFÈVRE AMC – **Depoimentos e discursos- uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
64. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LEI 9394/96)- Apresentação: Cury, C. R. J. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
65. LEITE YVF. Formação de Cidadão, Formação de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Políticas Necessárias. In: SANTOS GA (org.) **Universidade Formação Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001. p 75-85.
66. LEWIS O. Los Hijos de Sanchez. La Vida, 1966. In: Pilon AF. **A Construção da Qualidade de Vida**. Tese de Livre Docência apresentada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1999.
67. LIBÂNEO JC. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências profissionais e profissão docente. APUD: **O perfil do professores**

brasileiros: o que fazem, o que possuem, o que almejam – Pesquisa Nacional Unesco. São Paulo.: Ed. Moderna, 2004.

68. LOPEZ N. The Teacher/student Relationship-crucial to Equity in Education. International Institute for Education Planing- **IIEP Newsletter** – January, 2005.

69. MARCELO, V.C.; BICUDO PEREIRA, I.M.T.- Considerações sobre programas de Saúde Escolar. **Revista Brasileira de Saúde Escolar**, 3 (1-4), pp. 135 – 137, 1994.

70. MARIN AJ. Com o olhar nos professores: desafios para o enfrentamento das realidades escolares. **Cad. CEDES**, 19 (44):8-18.

71. MATUÍ J. **Cidadão e Professor em Florestam Fernandes**. São Paulo, Cortez, 2001.

72. MEDEIROS SM, GUIMARÃES J. Cidadania e Saúde Mental no Brasil: Contribuição ao Debate. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2002, 7 (3): 571-579.

73. MELLO GN. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. 8ª Edição- São Paulo: Cortez, 2000.

74. MENIN MSS. Valores na escola. **Educ. Pesqui**, 2002, 28 (1): 91-100.

75. MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro : Hucitec – Abrasco, 1992.

76. MINAYO MC. Condiciones de Vida, Desigualdad y Salud a Partir Del Caso Brasileño. In Briceño-Leon R, Minayo MC, Coimbra Jr. CEA. (coord.). **Salud e Equidad: uma mirada desde las ciencias sociales**. Fiocruz, 2001.p. 55-71.

77. NERI M, SOARES W. Desigualdade social e saúde no Brasil. **Cad. de Saúde Pública**, 2002, Rio de Janeiro, 18 (Suplemento): 77-87.

78. NÓVOA A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educ. Pesqui.**, 1999, 25 (1): 11-20.

79. OLIVEIRA MAC. **Clube de Ciência e Cultura: Uma Alternativa para a Alfabetização em Ciências e Saúde**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2001.

80. OPAS- La Salud en las Américas. Vol.1, Washington, 1998. In BUSS PM. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida- **Ciência e Saúde Coletiva.**, 2000, 5, (1):163-177.

81. PAOLI M C. Movimentos Sociais, Cidadania, Espaço Público: Perspectivas Brasileiras para os Anos 90. Coimbra, Portugal, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 1991, 33, p.115-133.

82. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª Série). Secretaria de Educação Fundamental. 2ª Edição. Vol.1. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.

83. Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª Série). Secretaria de Educação Fundamental. 2ª Edição. Vol.8. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.

84. PETRAS J. Imperialism and NGOs In **Latin América. Monthly Review**, 1997, 49 (7).

85. PORTELLI J. Exposing the hidden curriculum, 1993. APUD: REGO A, SOUSA L . Comportamentos de cidadania do professor: sua importância na comunidade escolar. **Revista de Educação**, 1999, vol. VIII (1): 57-64.

86. QUÉAU P. A Revolução da Informação: em busca do bem comum. **Ci. Inf. Brasília**, 1998, 27 (2): 198-205.

87. REGO A, SOUSA L.. Comportamentos de cidadania do professor: sua importância na comunidade escolar. **Revista de Educação**, 1999, vol. VIII (1): 57-64.

88. RIBEIRO AIM. Formação Educacional: Instrumento de Acesso à Cidadania? - In SANTOS, G.A. (org.) **Universidade Formação Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001. p.63-73.
89. RIBEIRO M. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. **Educ. Pesqui.**, 2002, .28 (2):113-128.
90. RIBEIRO M, FERRARO A, VERONEZ LF. Trabalho , educação, lazer: horizontes de cidadania possível, 2001. APUD: RIBEIRO M. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. **Educ. Pesqui.**, 2002, 28 (2):113-128.
91. RIFKIN SB. A Framework Linking Community Empowerment and health Equity: It is a matter of Choice. **J. HEALTH NUTR**, 2003, 21(3):168-180.
92. RINESI E. Universidade Reflexiva e Cidadania. In SANTOS GA (org.) **Universidade Formação Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001. p.87-98.
93. RISTUM M, BASTOS ACS. Violência Urbana: uma análise dos conceitos dos professores do ensino fundamental **Ciência e Saúde Coletiva**, 2004, 9 (1): 225-239.
94. SACRISTAN JG. **Educar e Conviver na Cultura Global- As Exigências da Cidadania**. Trad. Rosa, E.- Porto Alegre: Artmed, 2002.

- 95- SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB)- Repetência é fator de impacto na queda do rendimento escolar. Pesquisa publicada pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), www.inep.gov.br, 2002.
- 96- SANTOS GA. Ética, Formação, Cidadania. A Educação e as Nossas Ilusões. In: SANTOS GA (org.). **Universidade Formação Cidadania**, São Paulo: Cortez, 2001. p.149-167.
97. SANTOS WG. Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira, 1987. APUD: RIBEIRO M. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. **Educ. Pesqui.**, 2002, 28 (2): 113-128.
98. SHIMIZU AM. As representações sociais de moral de professores das quatro primeiras séries do ensino do 1º grau. APUD: MENIN MSS. Valores na escola. **Educ. Pesqui.**, 2002, 28 (1): 91-100.
99. SILVA CS, PEDROSA JI, REIS A, CERQUEIRA MT, IPOLITO, J. **Escolas Promotoras de Saúde: experiências do Brasil**. In press.
100. SILVEIRA GT. **Escola Promotora de Saúde: Quem Sabe Faz a Hora!** Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Prática de Saúde

Publica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2000.

101. STEHR, NICO. Da desigualdade de classe à desigualdade de conhecimento. **Rev. bras. Ci. Soc.**, 2000, 15 (42):101-112.

102. UNESCO- **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** Pesquisa Nacional Unesco. São Paulo: Moderna, 2004.

103. V Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde. Declaração da Cidade do México- Promoção da Saúde : faz uma maior equidade, México, 2000.

104. VI Conferência de Promoção da Saúde. Carta de Bangkok para a Promoção da Saúde na mundo globalizado. Tailândia, 2005.

105. VALDIVIESO P. Capital social, crisis de la democracia y educación ciudadana: la experiencia chilena. **Rev. Sociol. Polit.**, 2003 (21):13-34.

106. VIEIRA RV. **A cidadania: sua complexidade teórica e o direito.** Trabalho apresentado no Seminário sobre o Espaço Público. PUC-Rio, 1997.

107. WALLERSTEIN, N. Powerless, Empowerment, and Health: Implications for Health Promotion Programs. **American Journal of Health Promotion**, 1992, 6 (3).

108. WALLERSTEIN N. Empowerment and health: theory and practice of community change, 1993. APUD: RIFKIN SB. A Framework Linking Community Empowerment and health Equity: It is a matter of Choice. **J. HEALTH NUTR**, 2003, 21(3):168-180.

109. WEBER S. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educ. Soc.**, 2003, 24, (85):1125-1154.

110. WENDHAUSEN A, CAPONI S. O diálogo e a participação em um conselho de saúde de Santa Catarina, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, 2002, 18, (6): 1621-1628.

111. WESTPHAL MF, ZÍGLIO E. Políticas Públicas e Investimentos: a intersectorialidade- Fundação Prefeito Faria Lima – Cepam – **O Município no Século XXI: Cenários e perspectivas**. Edição Especial- São Paulo- 1999. p. 111-121.

112. WESTPHAL MF. **Participação e Cidadania na Promoção da Saúde**. Mesa Redonda. In: VI Congresso Paulista de Saúde Pública, 2000.

113. WHITEHEAD M.- **The Concepts and Principles of Equity and Health**. World Health Organization, Regional Office for Europe. Copenhagen, 1990. Documento Técnico EUR/ICP/RPD 414.

114. ZIMMERMAN MA, RAPPAPORT J. – Citizen Participation, Perceived Control, and Psychological Empowerment. **American Journal of Community Psychology**, 1988, 16 (5): 725-750.

ANEXOS

ANEXO 1**MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu,....., aceito participar da pesquisa: CIDADANIA: O PAPEL DO PROFESSOR. Esta será realizada por Cynthia Rachid Bydlowski, aluna do Curso de Doutorado da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo que está sob a orientação da Dra. Isabel Maria Teixeira Bicudo Pereira.

Fui esclarecido (a) que a pesquisa pretende estudar a noção de cidadania entre professores do Ensino Fundamental de escolas públicas e particulares de uma região administrativa de São Paulo.

Como participante da pesquisa serei entrevistado(a). As entrevistas poderão ser gravadas. Sei que tenho liberdade de me recusar a participar da pesquisa e de deixá-la a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo com relação às minhas funções de professor.

Fui também esclarecido (a) que meu nome não será divulgado nos resultados da pesquisa e que as informações que darei serão utilizadas somente para os propósitos da pesquisa.

São Paulo,.....de.....200...

Entrevistado (a):

Pesquisadora:

Telefone: (011) 5573-3491

Celular: (011) 9643-0090

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA QUESTÕES SOBRE O PERFIL DO PROFESSOR

1ª) Idade

2ª) Sexo

3ª) Há quanto tempo leciona?

4ª) Há quanto tempo leciona?

5ª) Faz parte de sindicato ou associação? Participa ativamente?

QUESTÕES PARA A ENTREVISTA GRAVADA

1ª) É possível ensinar cidadania na escola? Se sim, por que e como?
Se não, por quê?

2ª) O professor pode ser um modelo de cidadania? Por quê?

3ª) Você acha que seus alunos poderão vir a ser cidadãos? Por quê?

4ª) Como você definiria cidadania?

1 – É possível ensinar cidadania na escola? Se sim, porque e como? Se não por quê?

	Expressões chaves	Idéia Central	
prof08	Eu acho que é possível sim, como? Trabalhando com todo o material significativo para o aluno... a minha matéria é a língua portuguesa e eu tenho uma coisa muito ampla para trabalhar, as vezes o aluno fala um bom dia meio invertido, aquele bom dia pode sair uma aula, o que não acontece sempre... não é sempre que dá para chegar... e pegar uma coisa assim de repente, mas as vezes isso acontece porque depende deles, se eles estiverem bravos, se aconteceu alguma coisa na aula anterior, se alguém está chorando, então dá sim para trabalhar cidadania...	1ª Idéia - Sim, trabalhando com material significativo para o aluno e com fatos que acontecem na sala de aula.	A
prof13	... o maior problema é que quando você cita, você dá um exemplo para eles, eles fazem as comparações do que acontece no dia-a-dia... .	1ª Idéia - Sim, através de exemplos do que acontece no dia a dia.	A
prof17	Sim, é possível ensinar cidadania na escola sim... se pegarmos por exemplo, a criança... e trabalharmos com eles as questões do resgate dos valores que já vem de casa...e mostrando isso para ele da própria sociedade civil..... e fazendo da escola a primeira sociedade.	Sim, resgatando os valores que vêm de casa e da sociedade civil.	A
prof21	Sim...Como eu faço, eu faço com as lições do dia-a-dia, muitas vezes eu mostro as necessidades de matemática, eu sou professora de matemática, para se tornar um cidadão, mostro que eu não posso ser um cidadão e nem reivindicar os meus direitos seu eu não sei olhar o preço no supermercado... como que eu vou reivindicar se eu não sei olhar número... e isso é ser um cidadão...e nós trabalhamos, eu trabalho com eles, e tem um texto muito bom que se chama "a maior bronca que eu já levei"...	1ª Idéia - Sim, mostrando, através das lições do dia a dia e de textos, que a matéria é necessária para várias ações cotidianas.	A
prof31	Eu acho que sim, eu acho que dentro da própria aula, ou entre um e outro acontecimento ou de repente até alguma falha deles, a gente pode fazer algum comentário que tenha a ver com cidadania, educação deles, jogar o papel deles no lixo, respeitar o ambiente, por aí que começa, então faz parte eu acho...No dia-a-dia eu acho, a gente sempre faz um comentário que tem a ver.	1ª Idéia - Sim, no dia a dia, aproveitando fatos ocorridos na aula.	A
prof33	Sim, é possível ensinar sim né, como a gente ensina isso, na postura, na maneira de se colocar, ensinando que eles tem que respeitar o outro, os limites do outros, quer dizer, a gente tenta colocar isso no dialogo na hora em que eles manifestam agressividade, com desrespeito, com aquela falta de educação...	Sim, colocando valores através do diálogo e aproveitando fatos ocorridos na aula.	A
prof01	Através da prática do dia-a-dia... através da própria realidade para formular questões... da própria realidade dos alunos e traz para a sala de aula através das discussões, eu acho que seria esse no primeiro momento numa discussão...	1ª Idéia - Sim, pela prática do dia-a-dia, discutindo, em sala de aula, a realidade dos alunos.	A

prof03	... o que eu penso é você saber construí-lo da seguinte maneira: oferecendo conhecimento ...sempre convidando o aluno a pensar junto com você, a questionar, a se questionar o tempo todo como pessoa... e a partir disso ele poder se construir... o educador... tem que estar pegando a aula dele e estar passando o conhecimento da disciplina...(e) este conhecimento com a vida, com a realidade deste aluno, com a realidade da escola pública, então isso para mim é fundamental...	2ª Idéia – Passar conhecimento de maneira reflexiva, fazendo o aluno pensar e questionar sobre a disciplina, a realidade da vida, do aluno e da escola pública.	A
prof05	... através dos trabalhos principalmente como a minha área é arte e a gente estuda a história da arte, então a gente traz a questão da cidadania e agregada a outros valores também, sempre no caso na minha área que é arte, sempre eu busco trabalhar com a cidadania juntando com a história da arte.	3ª Idéia- Trabalhar cidadania usando a própria disciplina.	A
prof06	...tentar resolver os problemas dos alunos, tentar resolver a vida de cada um, né, eu acho que é mais ou menos isso.	2ª Idéia - Sim, tentando resolver os problemas dos alunos.	A
prof07	...como ao trabalhar outras questões que não sejam próprias da cidadania tipo vamos trabalhar o conceito de alienação, ao trabalhar o conceito de alienação, a gente está trabalhando com o conceito de cidadania ou algumas coisas que a cidadania aborda...	2ª Idéia - Sim, trabalhando com questões relacionadas com o conceito de cidadania.	A
prof09	... mostrar a realidade que existe, aproveitando o conteúdo da disciplina... Porque o professor passa muita informação, então esse conteúdo da disciplina a gente sempre está levando as questões que estão mais presentes aí.	2ª Idéia - Sim, mostrando a realidade através da disciplina.	A
prof11	... então dentro da sala de aula a gente passa muito isso...até mesmo o fato de falar em jogar o papel no lixo, deixar a sala em ordem, já é cidadania, então desde este momento até como conviver em sociedade é um ensino garantido....	3ª Idéia - Sim, ensinando na sala de aula coisas do dia a dia.	A
prof14	... uma outra coisa, e você vai trabalhando conceitos né, pela sua disciplina, de uma conversa comum, e colocar na prática.	2ª Idéia - Sim, trabalhando conceitos através da sua disciplina e tentando colocar na prática.	A
prof16	...Na medida do possível eu acho que no momento de nossas aulas.	2ª Idéia - Sim, no momento das aulas.	A
prof19	...Olha, primeiro a gente tem que ganhar a criança, ela tem que... sentir que a gente está ali para dar o melhor para ela...aí você vai colocando para eles, o respeito, porque eu tenho que respeitar o direito do outro... então é bem assim, através do diálogo e da conscientização.	4ª Idéia - Sim, através do diálogo e da conscientização, na sala de aula.	A

prof20	... e eles tem de depois estar praticando. Então, a gente tem de lidar, ensinar, treinar e nós temos que estar cultivando isso e parar a aula e explicar as dificuldades, fazer campanhas. De eles saberem também, acho que é muito importante, as diferenças de um de outro... a gente acaba trabalhando assim as dificuldades né, que aparece muito... é uma questão de cidadania,...Estar respeitando o próximo, então, trabalhar com as diferenças dentro da escola, não é um trabalho fácil...ajudando...	2ª Idéia - Sim, tem que ensinar e treinar para que eles pratiquem o que foi ensinado.	A
prof22	... porque não é uma coisa que você passa em sala de aula como um ponto, cidadania é: é um valor, são coisas que você vai passando no inter texto da suas aulas.	3ª Idéia - Sim, mas cidadania não se passa como um ponto da matéria, mas transversalmente durante as aulas.	A
prof24	... como eu ensino isso? De acordo com a minha matéria mostrando para eles o que é certo e o que é errado, o que deve e o que não deve fazer, tudo isso é cidadania, desta maneira, eu acho que é isso...Por exemplo, mostrar para eles o que é cidadania mesmo, o que é participar de tudo, o que é um cidadão, é ser uma pessoa que está englobada na sociedade, se está no mundo ele é um cidadão né, então ele, procurando participar de tudo, tanto lendo um jornal como assistindo uma televisão, como participando de um clube, tudo isso para mim eu acho que é cidadania então eu ensino desta forma.	2ª Idéia - Sim, mostrando, através da matéria, o que é certo e errado, o que se deve ou não fazer, o que é cidadania.	A
pro28	...através de comentários, de reportagens de revistas, de jornais, atitudes deles em sala de aula...	3ª Idéia - Sim, através de comentários, de reportagens de revistas e jornais, de atitudes na sala de aula.	A
prof29	...Eu acho que sim, eu acho que enquanto você está ensinando alguns assuntos que são fundamentais para eles, você mostra no seu percurso que aquilo lá está fazendo a vida deles ficar mais ampliada, eles terem mais abertura, terem mais conhecimento, eu acho que isso é fazer um cidadão, reivindicar os seus direitos, fazer suas obrigações.	2ª Idéia - Sim, mostrando que eles podem usar o que aprendem na vida deles.	A
prof30	... todos os dias você acaba trabalhando a cidadania, porque é um trabalho que é assim você vai e volta, não dá para você trabalhar hoje e falar amanhã eu não vou trabalhar porque eles já assimilaram, sabe, então é sempre um retomar e parece que nunca é um terminar... então hoje eles conscientizaram um pouquinho, amanhã soma-se mais um pouquinho, então é uma forma de muito pouquinho...	2ª Idéia - Sim e é um assunto que tem que ser dado todos os dias, isto é, a cada dia se acrescenta um pouco.	A
prof32	...Como, eu acho que passando no dia-a-dia, tudo o que você faz você, todas as reações educativas estão levando a ter cidadania, por exemplo, na minha matéria, quando eu ensino o meu aluno a correr, por exemplo, num aquecimento na quadra, eu estou ensinando cidadania para eles no sentido de que ele tem que saber respeitar o outro que vai do lado...Eu acho que todas as ações educativas, elas são baseadas em trabalho de cidadania...você pode até passar valores sem dirigir, mas você vai passando depois você retoma com as crianças, você vai sempre elaborando né, de acordo com a faixa etária você vai elaborando.	2ª Idéia - Sim, no dia a dia, através da matéria, passando valores e elaborando conforme a faixa etária.	A

prof34	... quando (o assunto) reflete no dia-a-dia dele é mais fácil de você estar adentrando no assunto, porque fora do dia-a-dia é difícil para-los para ouvir, coisas que não interessam né, uma coisa muito distante deles.	2ª Idéia - Sim, através de assuntos que refletem o dia a dia do aluno.	A
prof23	... ou então falando, sabe o que acontece, se todo mundo jogar um papelzinho de bala, sabe as conseqüências, mostrar mais as conseqüências do que só o falar assim, eu acho que é isso... não mostrar, assim como professora de ciências, mostrar mais conseqüência ecológica da estória...	2ª Idéia - Sim, não impondo as ações, mas explicando o porque delas.	A
prof24	... ensino...de acordo com a minha matéria mostrando para eles o que é certo e o que é errado, o que deve e o que não deve fazer, tudo isso é cidadania, desta maneira, eu acho que é isso...	2ª Idéia - Sim, mostrando, através da matéria, o que é certo e errado, o que se deve ou não fazer, o que é cidadania.	A
prof26	...Procura conscientizá-los de como, por exemplo, na área de matemática, de ciências... necessidade de ter que tomar cuidado com a água, economizar energia, tudo isso é cidadania..... a gente faz um ensaio de como votar, coloca candidatos fictícios e aí eles dão a pauta deles, e os alunos votam e porque que votou neste e não votou naquele, então é uma maneira de exercer a cidadania...então como que eu trabalho isso, primeiro eu faço com que eles sejam os empresários, então eles fazem os anúncios, eles escrevem os anúncios e corrigindo a ortografia, pontuação e tudo, mas eles estão exercitando..., eles fazem currículos, elaboram capas de apresentação de currículos, então eu acho que assim eu estou ensinando cidadania, ensinando a fazer um relatório, um resumo, que é para a vida deles aí fora, não é só aprendido e intelectual né.	2ª Idéia - Sim, conscientizando, através das matérias, de necessidades e cuidados, relacionados à cidadania, que se deve ter.	A
prof07	... é possível ensinar a cidadania tanto de uma maneira mais aberta, mais esclarecida agora eu estou ensinando aspectos da cidadania, o que é ser um cidadão, o que o espaço público, trabalhar diretamente com questões da cidadania...	1ª Idéia - Sim, trabalhando diretamente com questões da cidadania.	B
prof10	É possível, mas no meu caso é mais através de projetos, eu acho que não saberia assim, ensinar cidadania, então seria só através de projetos. Aproveito que aqui tem, então uso aqui os projetos da escola.	Sim, através de projetos da escola.	B
prof12	Ah, eu acredito que nós ensinamos aos alunos o que é possível fazer, o que não se deve fazer, os direitos e deveres do aluno, os direitos e deveres do professor, os direitos e deveres da escola enquanto instrumento público. Que é dele, mas também é dos outros, acredito que isso é um ato de cidadania.	Sim, ensinando os direitos e deveres do aluno, do professor e da escola pública	B
prof19	Eu acho que sim, basta você estar sabendo como que você vai focar essa cidadania né... você poderia estar trabalhando, deve não é que poderia, deve estar trabalhando com eles a questão do respeito, do direito do outro, do momento que ele tem que perder para o outro, do momento que ele tem que respeitar o outro para poder ser respeitado, então ele tem que estar acostumado que a vida é troca...	1ª Idéia - Sim, o professor deve trabalhar os valores de cidadania.	B

prof40	É possível começa desde pequena, porque exercer a cidadania não é apenas a gente ensinar a eles os deveres e os direitos que as pessoas tem, não adianta eles conhecerem e não saberem utilizar, e não fazer disso uma prática, e desde pequeno a gente começa...	1ª Idéia - Sim, ensinando, desde pequeno, os deveres e direitos e como utilizá-los ou praticá-los.	B
pro01	... depois a gente poderia partindo para outros, através de jornais, revistas, paralelamente, livros especializados sobre cidadania.	2ª idéia – Discussão através de jornais, revistas e livros especializados	B
prof04	... eu sempre costumo dar aula, fazer textos a respeito com outros fatos que aconteceram, que em outros países são cobradas as pessoas que jogam o lixo, então é por aí.	2ª Idéia - Fazendo textos sobre cidadania.	B
prof08	... porque a gente prepara a aula, apesar do tempo sempre há alguma coisa preparada, mas dá para trabalhar muito com o jornal, dá para trabalhar com textos que falam sobre cidadania, dá muito para trabalhar com produção de textos que eles produzem, através dos textos deles a gente entra no assunto, então é tudo preparadinho... tem que ter tudo planejadinho, tudo preparadinho, não é chegar e dar, pelo menos eu não faço isso, eu penso assim, tem que ter um objetivo, o aluno tem que saber o que ele vai estudar.	2ª Idéia - Sim, preparando a aula e trabalhando com jornais, textos sobre cidadania, textos produzidos pelos alunos.	B
prof27	... eu vejo assim, cada matéria dentro da sua área. A minha é ciências, eu acho que principalmente quando a gente trabalha com o meio ambiente, a gente está... trabalhando com cidadania, que as pessoas que vão sair daqui vão ter um senso muito crítico, de onde vivem, se o meio onde vivem, se está bom ou se não está, os problemas, principalmente nesta área de ciências, se trabalha muito com cidadania, mesmo também a questão da prevenção, de doenças, enfim.	3ª Idéia - Sim, desenvolvendo o senso crítico através de cada matéria.	B
prof15	...e a partir daí elaborar um projeto, um plano... teria que ter uma ajuda externa e não é apenas uma ajuda pró-forma, teria que realmente fazer um projeto em que todos estivessem engajados, e... um projeto só escolar, que é o que acontece atualmente.	2ª Idéia - Sim, a partir da reciclagem dos professores a escola deveria elaborar um projeto com foco na cidadania, mas que contasse com participação e apoio externos.	B
prof25	...não joguem papel no chão, mantenham a sala limpa e não façam isso também nas ruas, e eles perguntam o porquê, e eu falo que é para não ter enchente na cidade, já é um principio e a cidadania de um respeitar o outro, não ficar se agredindo verbalmente, nem se agredindo fisicamente, eu já não deixo que isso aconteça na sala de aula, para que eles sejam bons cidadãos nas ruas também, o que você faz no dia-a-dia.	2ª Idéia - Sim, propondo ações de cidadania do dia a dia e explicando o porquê delas.	B
prof37	...Através de projetos, trabalhar projetos que envolvam a cidadania, e temas de cidadania para que o aluno saiba que ele tem um papel na sociedade, né, que ele é um cidadão de direitos e deveres também e ele estar se entendendo como produtor histórico da sociedade, através de projetos que estimulem isso, como estudo do bairro, estudos dos problemas da sociedade, estudos de acontecimentos atuais, como eu enquanto cidadão, posso estar ajudando neste problema.	3ª Idéia - Sim, através de projetos que estimulem o desenvolvimento da cidadania	B

prof39	... trabalhos feitos na escola pelo menos com o meu grupo são mais de conscientização, de preservação do ambiente, o direitos que a crianças tem com relação aos pais...Então a gente faz, de preservação de meio ambiente a gente tem feito através de reciclagem de material...	1ª Idéia - Sim, através de trabalhos de conscientização, de preservação do meio ambiente, trabalhos para mostrar os direitos que a criança tem em relação ao país.	B
prof02	Sim, porque eu acho que o aluno mesmo dentro de matemática, aprendendo a calcular, resolver problemas, aprender a se relacionar, trocar exercícios, trocar informações, estudarem juntos né, acho que de qualquer forma a dinâmica da sala de aula é o futuro que ele vai ter..... Eu acho que é pela dinâmica... didática para que eles fiquem interessados ...	Sim, pela dinâmica e relacionamento interpessoal da sala de aula.	C
prof05	... às vezes são pequenas coisas que você consegue desenvolver... através da coletividade... da amizade entre eles...	2ª Idéia - Sim, através do relacionamento entre os alunos.	C
prof20	Então, eu sempre faço rodas,... até adquirir uma certa confiança com o aluno, a gente senta, conversa e começa a trabalhar...	5ª Idéia- Sim, através de um relacionamento horizontal.	C
prof28	.. fora, o convívio com os coleguinhas, com os professores, com a direção e o máximo que a gente consegue reunir para que ele só receba coisas boas e se forme um bom cidadão aí fora também né...	4ª Idéia - Sim, através do convívio com os colegas, professores , direção da escola e com outras pessoas.	C
prof14	É possível, é principalmente a postura do professor... na sala, despertar o interesse deles, porque você agiu daquele jeito, até na maneira como fala já exerce cidadania...	1ª Idéia- Sim, através da postura do professor na sala.	D
prof23	Eu acho sim...Eu acho que você deve ensinar cidadania mostrando, não só falar porque falar as pessoas falam na realidade... ainda mais criança, se você não fizer, eu acho que ela toma como exemplo muito mais o prazer do que o falar, ela forma o exemplo do professor, então é o exemplo de você passar um negocio, uma bala e jogar o papel no lixo porque eles tem muita mania de jogar as coisas na sala e a sala fica cheia de papel ou até é preguiça de ir até o lixo sabe e joga as coisas de baixo da carteira, então nesses simples atos né...	1ª Idéia- Sim, através de exemplos que o professor dá, porque o aluno aprende melhor assim.	D
prof25	A gente ensina cidadania através dos nossos atos em sala de aula...	1ª Idéia - Sim, através dos atos do professor na sala de aula.	D
prof35	... o ensinar, eu acho que vai da sua postura, se você dá o exemplo, se você pratica no seu dia-a-dia aquilo você está exercendo, a cidadania, né. Não é dizer assim, eu vou ensinar isso para as crianças, tipo assim, eu rezo uma bíblia e prego outra...	Sim, através de exemplos, mas com coerência entre o que você fala e o que você faz.	D
prof36	Lógico que pode através dos nossos atos, da nossa conversa, tirar da criança como é a vida dela, como ela age fora da escola, através de conversa, você vai aos poucos, e sua atitude também, não humilhando a criança, essa atitude nossa com a criança é uma prática de cidadania.	Sim, através dos atos do professor e de sua postura quando conversa com a criança.	D

prof20	...Primeiro, eu gosto sempre, de dar o exemplo para os meus alunos, se a gente não dá o exemplo, dentro da sala, fica muito vago eu falar uma coisa e fazer outra... e sempre estar ouvindo o aluno...	3ª Idéia - Sim, dando o exemplo dentro da sala de aula.	D
prof06	É possível sim,... .. cidadania, é mais assim, para integração, família, escola, comunidade, tentar trazer a família para dentro da escola...	1ª Idéia - Sim, tentando trazer a família para dentro da escola.	E
prof19	...A gente precisaria ter, assim, uma presença mais do pai na escola. Porque eu acho que o pai também está perdido, não sabe o que é direito dele, se não é. Outros sabem e abusam dos direitos e não querem ter os deveres. É muito comum a gente ouvir pai e mãe falando assim: ah mas eu não sei mais o que fazer com ele! Então, é uma questão de estar assumindo esse cidadão filho... e transformando mesmo. Então, talvez, seja uma desorientação da família, eu acho que precisaria estar investindo mais na família para depois atingir as crianças mais profundamente.	6ª Idéia - Sim, orientando primeiro a família, pois os pais também estão desorientados, para depois atingir as crianças.	E
prof39	...a gente conversa com os pais, (para) utilizar serviços públicos que é um direito deles, eles pagam impostos, que o que eles tem que fazer em prol, porque se você está inscrito num posto de saúde, então que... freqüente, não deixe de comparecer as suas consultas, porque a gente tem convênios com alguns postos de saúde, próximos a escola e (às vezes) gente marca e o pai acaba não indo, então assim, ser cidadão não é só você ter aquele benefício, é você saber dos seus direitos e também não desdenhar daquilo que você tem, que já não é tanta coisa...	2ª Idéia - Sim, mostrando para os pais dos alunos os seus direitos e deveres.	E
prof20	Trabalhando com a importância da família, a importância dele, de ele se gostar... a importância do nome, a historia do nome,... é tão importante a valorização, acho que a gente tem que valorizar o aluno primeiro...	4ª Idéia - Sim, valorizando o aluno e a família.	F
prof21	... então eu acho que é neste sentido, você melhorar, melhorar, mostrar para o aluno que ele tem chance e que eles podem melhorar que eu acho que é fazer um cidadão.	3ª Idéia - Sim, mostrando para o aluno que ele pode melhorar e que ele tem chance.	F
prof18	...Como? Ah eu acho que dando os exemplos, pesquisando, acho que é desta maneira.	2ª Idéia - Sim, dando exemplos e pesquisando.	G
prof21	... outra coisa que eu acho também que é fazer o meu aluno cidadão é mostrar para ele que não acaba a oitava série, depois da oitava ainda tem o ensino médio, ainda tem a universidade e ainda tem a pós-graduação porque hoje só a universidade não serve para mais nada, esta é a minha visão... é uma necessidade, isso é ser cidadão...	2ª Idéia - Sim, mostrando que ele tem que continuar os estudos até a pós-graduação.	H

prof03	Eu acho assim que é super possível e o meu trabalho é um trabalho bastante ético e eu digo assim que o objetivo do meu trabalho é a questão da cidadania, para mim isso é fundamental... eu não vejo assim, tem uma diferença de professor e educador... eu penso que o educador verdadeiro é aquele que está ajudando a construir o indivíduo em todos os sentidos, emocional, psicológico, então isso e que eu mais prezo no meu trabalho, você poder construído um cidadão... eu acho que esse é o objetivo do educador né, construir cidadão para o amanhã, não apenas chegar e passar conhecimento na sala em cima da minha matéria porque eu acho que é assim,	1ª Idéia - Sim, porque o objetivo do trabalho do professor é construir um cidadão.	K
prof11	Sim, é possível ensinar cidadania na escola, alias é um dever na escola como professor de ensinar o aluno a, como se comportar, a viver em sociedade, pensar no próximo, não só nele... eu acho que é nossa função também...	1ª Idéia - Sim, é um dever do professor ensinar cidadania na escola.	K
prof29	Eu creio que sim, eu acho que é um dever de cada um de nós, nós temos que estar encaminhando os nossos alunos para eles saberem reivindicar os seus direitos, ter os seus deveres para terem os sonhos deles, realizar os seus sonhos, eu acho que cada professor tem a obrigação de formar um cidadão...Acho que é a principal tarefa, antes da matéria da gente, eu acho que é formar um cidadão e é o que eu mais faço nas minhas aulas...	1ª Idéia - Sim, porque é um dever, uma obrigação do professor e a sua principal tarefa, antes mesmo da matéria.	K
prof27	...eu acho que nós professores temos essa função de estar formando cidadãos...	2ª Idéia - Sim e é função do professor.	K
prof28	... fazemos o possível para que seja o melhor, que eles tenham uma boa formação para enfrentar o mundo aí fora...Através de orientações que nós procuramos dar para ter uma conduta correta, para ser aí fora também uma pessoa correta, de princípios corretos, que hajam corretamente, é isso que procuramos fazer...	2ª Idéia - Sim, o professor faz o possível para que o aluno tenha uma boa formação para enfrentar o mundo.	K
prof32	...Mas o papel do professor é muito importante.	3ª Idéia - Sim, o papel do professor muito importante.	K
prof04	É possível sim e isso é muito importante, porque... os alunos não têm essa coisa de cidadania, não sabem participar, eles não cuidam bem da ordem na sala, as atividades de cidadão né como jogar lixo no chão...	1ª Idéia - Sim, porque os alunos não têm noção de cidadania, de participação.	L
prof37	Sim, é possível e muito importante, eu acho primordial na educação infantil é a questão da criança se entender como cidadão no presente, porque antigamente jogavam a cidadania, ele será o cidadão do futuro, as vezes a gente vê slogan nas escola, ah o cidadão do futuro, mas não... a criança já é cidadã, a partir do momento em que nasce, que está na barriga da mãe já é o cidadão, isso que tem que ficar bem claro...	1ª Idéia - Sim, é importante para a criança perceber-se como cidadã, no presente.	L
prof11	... nós temos que fazer com que o aluno se conscientize de que a cidade não é só dele... a gente tem que tentar fazer eles se conscientizarem disso..	2ª Idéia - Sim, porque tem que conscientizar o aluno....	L

prof19	... então,... eles não têm esta maturidade porque são crianças... e a gente tem que estar parando e trabalhando isso porque eles não tem essas medidas mais, impressionante viu.	2ª Idéia - Sim, porque são crianças e ainda não têm a maturidade de um relacionamento cidadão.	L
prof05	É possível ensinar cidadania na escola, como em qualquer outro lugar, cidadania, principalmente na escola eu acho que é muito mais fácil porque as crianças estão longe dos pais, longe dos responsáveis...	1ª Idéia - Sim e é mais fácil porque as crianças estão longe dos pais, dos responsáveis.	M
prof16	Não, não é difícil, do jeito que tem o pessoal atualizado né eu acho que não é difícil.	1ª Idéia - Sim, não é difícil porque os alunos estão atualizados.	M
prof20	Sim. Porque nós não temos só de ensinar a ler, escrever. Nós temos de ensina-los aquilo que ele está lendo, a ele utilizar, muitas vezes, na minha matéria, ensino os sistemas transversais..	1ª Idéia - Sim, porque tem que ensinar outras coisas além da matéria, por exemplo os temas transversais.	N
prof22	Eu acho que sim, é possível sim, dar certas noções do que é cidadania...Eu acho importante né de passar essas questões é para a própria formação do ser humano mesmo, nós vivemos em sociedade e temos que viver bem nela...	1ª Idéia - Sim, porque é importante para a formação do ser humano e para viver bem dentro da sociedade.	N
prof24	É sim...Porque tudo o que a gente faz, tudo o que você vê está relacionada à cidadania.	1ª Idéia - Sim, porque a cidadania está relacionada à tudo o que você faz e vê.	N
prof07	... eu acho que é possível, não só que seja possível, mas acho que é fundamento até para a formação cidadão destes jovens que estão na escola, é fundamental que de alguma forma se ensine cidadania... em qualquer matéria o professor deve de alguma forma abordar este assunto...	3ª Idéia - Sim, porque é fundamental para a formação cidadã do jovem e deve ser abordada, de alguma forma, em qualquer matéria.	N
prof40	... mas no dia-a-dia, a gente sempre planta bem no começo, mais para frente ela vai... lembrar, vai falar, um dia eu ouvi falar de cidadania, o que é ser um cidadão, e o que é participar.....e ter voz, porque não adianta você ser cidadão no papel e não ter voz. Na escola, a gente trabalha essa questão de eles terem voz, de serem ouvidos... ... mas no dia-a-dia, a gente sempre planta bem no começo, mais para frente ela vai... lembrar, vai falar, um dia eu ouvi falar de cidadania, o que é ser um cidadão, e o que é participar.....e ter voz, porque não adianta você ser cidadão no papel e não ter voz. Na escola, a gente trabalha essa questão de eles terem voz, de serem ouvidos...	3ª Idéia - Sim, começando, no dia a dia, com crianças pequenas para que elas lembrem, no futuro , de cidadania, do que é ser cidadão, do que é participar.	N
prof09	É possível, acho que é um direito...	1ª Idéia - Sim, porque é um direito.	O
prof18	Ah eu acho que é porque a escola hoje, ela faz parte de um conselho social do aluno inteiramente, então a educação geral do aluno ficou mais para a escola, então é possível.	1ª Idéia - Sim, porque, hoje, é a escola quem faz a educação geral do aluno.	P
prof27	Sim, eu acho que a escola é o lugar onde são formados os cidadãos...	1ª Idéia - Sim, porque a escola é o lugar de formação de cidadãos.	P

prof30	Olha, atualmente a gente trabalha muito a cidadania, em função desses alunos, eles vêm de uma família desestruturada, não tem um referencial, então ... em todas as disciplinas ... você acaba trabalhando cidadania...	1ª Idéia - Sim, porque, atualmente, os alunos vêm de famílias desestruturadas e não têm um referencial.	P
prof32	Eu acho que a escola é o espaço onde se ensina cidadania né, é onde você consegue passar valores, passar conceitos, eu acho que, eu acho que a escola é um dos espaços mais privilegiados para ensino da cidadania...eu acho que a escola, não existe espaço melhor...para reparar essas desigualdades...	1ª Idéia - Sim, porque a escola é um espaço privilegiado para ensinar cidadania.	P
prof11	... em casa, assim a impressão que os alunos nos passam, não todos é claro, mas alguns não têm essa orientação em família, então a gente tem que fazer esta parte também.	4ª Idéia - Sim, porque alguns não têm essa orientação em família.	P
prof19	... e são muito sozinhas e eu acho que a família está se preocupando com muitas outras coisas, acho que até com a manutenção física desta criança e o emocional está ficando para a escola...	3ª Idéia - Sim, porque a família está se preocupando mais com outras coisas, como a manutenção física da criança.	P
prof37	... e é possível sim e muito importante o trabalho de cidadania na escola, que a escola é uma instituição... privilegiada na sociedade... antigamente a gente tinha a igreja com um papel importante, hoje em dia a igreja perdeu muito deste papel e a família também, então a escola ficou mais privilegiada nesta área.	2ª Idéia- Sim, porque a escola, atualmente, é uma instituição privilegiada pois a igreja e a família perderam muito do sua importância.	P
prof40	... quando a gente pega as crianças pequenas, vem de casa com outra cultura, com a estória deles... e a cidadania a gente acaba tendo que trabalhar... porque a criança...vem com regras, com vários fatores que a família colocou e, as vezes, não tem base nenhuma, desde regras de comportamento até mesmo de direito... então a gente tem um projeto de trabalhar todas essas crianças...	2ª Idéia - Sim, porque as crianças vêm de casa com regras que, às vezes, não têm base nenhuma.	P
prof15	Sim, eu acho... que... hoje em dia se fala muito em cidadania e não consegue se promover o conceito de cidadania realmente, talvez porque a escola esteja um pouco afastada dos alunos atualmente...eu sou uma professora antiga, tenho... quase trinta anos de carreira e tenho dificuldades realmente de me adaptar... a estes jovens que tem outros valores e a cidadania não mudou, então existe um choque muito grande entre os valores do jovem atual e, assim, o que eu tenho como cidadania...	1ª Idéia - Sim, mas é difícil promover o conceito real de cidadania porque a escola está um pouco afastada dos alunos e, também, há um choque entre os valores de cidadania do professor mais velho e do jovem.	Q
prof26	Sim, olha sim e não, porque muitas vezes você se dá com um monte de burocracias, muita resistência por parte de pais, por parte dos alunos, então fica difícil...	1ª Idéia - Sim, mas é difícil porque você encontra dificuldades como burocracias e resistências dos alunos e dos pais.	Q
prof34	Eu acho difícil, não impossível...	1ª Idéia - Sim, mas é difícil.	Q

prof13	...a lei... Ela não age de uma forma igual com todo mundo.....Então é difícil, porque eles já tem uma opinião formada, então é complicado tirar isso da cabeça deles... é complicado essa historia de querer colocar uma coisa na cabeça deles, teoria né... ele compara... porque o dia-a-dia dele é diferente, isso acontece com todos na sala... ...a lei... Ela não age de uma forma igual com todo mundo.....Então é difícil, porque eles já tem uma opinião formada, então é complicado tirar isso da cabeça deles... é complicado essa historia de querer colocar uma coisa na cabeça deles, teoria né... ele compara... porque o dia-a-dia dele é diferente, isso acontece com todos na sala...	2ª Idéia- Sim, mas é difícil porque eles percebem que na vida real nem todos os cidadãos são tratados igualmente... (e) comparam os exemplos do professor com o dia a dia deles, que é diferente.	Q
prof22	... agora é difícil de passar... é um trabalho, quer dizer...(não é) um planejamento que você consiga dar conta num ano, nem em dois, nem em três, é um trabalho de convivência na escola dia após dia, ano após ano... porque isso é o tipo da coisa que o aluno tem que confiar em você para ele conseguir escutar o que você está falando... (então) a partir da confiança e da convivência... dentro da escola com os alunos.	2ª Idéia - Sim, mas é difícil de passar porque é um trabalho longo de convivência com o aluno para ele adquirir confiança.	Q
prof38	Depende da escola, dependendo da escola e do grau de escolaridade de alunos e da clientela que frequenta toda a escola, mais em particular os pais, (dependendo) dos pais que você tem, é possível ensinar cidadania na escola e com bons resultados...Agora como nós estamos numa escola pública nós temos mais dificuldades, na minha opinião, em ensinar cidadania porque nós não temos a colaboração dos pais, eles são pais que trabalham (ou) moram fora do bairro, então você procurar passar... para o aluno, mas como nossa faixa estaria é de 4 a 6 anos, eu acho um pouco difícil que isso chegue até o pai. Então, você faz um trabalho aqui com eles, chega em casa você perdeu, quando ele chega em casa você perde o seu trabalho. Tá bom assim?	Sim, mas sendo escola pública e com crianças de 4 a 6 anos é mais difícil, porque os pais não vêm na escola, porque trabalham ou moram longe e o que se ensina não chega até eles. Então o que se ensina é perdido quando a criança chega em casa.	Q
prof19	...porque a criança precisa se formar dentro dos parâmetros... dos deveres e dos direitos e eu acho que é o melhor momento para a gente estar falando...	5ª Idéia - Sim, porque é o melhor momento para a criança se formar dentro dos parâmetros dos deveres e direitos.	R
prof28	Eu acho que sim, apesar de ter muita coisa, vêm da formação em relação ao lar, a casa, a família né, mas nós conseguimos na medida do possível orientar algumas coisas em sala de aula, na escola, né... mesmo as vezes em casa não tendo eu acho que quando a escola dá uma boa noção ajuda bastante.	1ª Idéia - Sim, algumas coisas, porque outras vêm da formação em relação à família.	S

2 – O Professor pode ser um modelo de cidadania? Por quê?

	Expressões chaves	Idéia Central	
prof01	Pode ser... eu penso em postura em sala de aula, o respeito ao aluno, respeitando a pessoa do aluno e professor/aluno e aluno/aluno, ter essa interação...	Sim, pela postura de cidadania em sala de aula.	A
prof04	O professor deve ser, precisa ser, porque aí ele é um exemplo, procurar fazer todo possível para mostrar para os alunos que ele é um cidadão.	Sim, porque tem que mostrar para o aluno que o professor é um cidadão.	A
prof05	... a maioria dos professores chegam e gritam como se eles fossem pessoas não importantes, como se eles fossem inferiores, então eu digo para eles, vocês certamente ouvem músicas que eu nunca ouvi, vocês são pessoas que tem uma diferença imensa (comigo), em determinadas coisas, então vocês também tem o meu respeito. Então, se eu chegar ao ponto de precisar gritar com vocês, aí fica complicado, então eu não grito, pode perguntar aqui, eu não grito de forma alguma... e não os desrespeito, então eles se sentem também na obrigação de proceder dessa maneira.	Sim, tendo uma atitude cidadã para que só alunos procedam da mesma maneira	A
prof11	Acredito que sim, acredito que a maioria dos professores são cidadãos e podem servir como exemplo, eu me sinto assim pelo menos, o meu aluno ele tem em mim um exemplo, exemplo de bom cidadão...	Sim, porque os professores são cidadãos, podendo servir como exemplo.	A
prof16	Sim, ele pode ser um exemplo...	Sim, pode.	A
prof31	Eu acho que tem que ser, tem que ser o primeiro exemplo né, pegar e ver um professor jogando um papel no chão na rua, ou não sabendo respeitar o próximo...Porque a gente tem o papel de educadora né, e aí nós temos que estar voltados para a boa educação em primeiro lugar, acho que um professor mal educado não combina bem com o papel. Acho que é por aí.	Sim, o professor tem que ser um modelo e por isso, tem que agir como um cidadão, dando exemplo.	A
prof36	...ele pode ser um modelo de cidadania desde que ele respeite o ambiente em que ele está, agora (falar)... o sistema é assim, não é o sistema, é o professor ... ele tem que primeiro se conscientizar disso.....não é o sistema, não vem nada pronto para ele, então ele tem que se virar e achar um meio de passar isso para a criança...	Pode, se tiver atitudes de cidadão e achar um jeito de passar isto para a criança.	A
prof19	...a criança falou poxa você prega que eu não posso fazer, mas você faz, então existe uma incoerência na postura do professor e no que ele está querendo atuar, então é complicado, muito difícil, eu acho que a gente tem que se policiar para não cometer isso, este tipo de coisa é complicado.	4ª Idéia - Pode mas o professor não pode pregar uma coisa e fazer outra, não pode ter uma postura incoerente.	A

prof20	...acho que a gente deve falar, eu faço aquilo que eu estou cobrando, se quiser ser um modelo dá para ser, entre outras dificuldades, a gente tem que ser mais eficientes...	2ª Idéia - Dá para ser modelo, mas com dificuldades e fazendo aquilo que cobra dos alunos.	A
prof07	É complicado assim, mas eu acho que ele pode ser, o contato que o aluno tem com o professor é um contato muito tênue, por mais que a gente esteja presente na escola, o tempo todo, eles não me conhecem... apesar de eu ter um contato muito freqüente...	1ª Idéia - Pode, mas é complicado porque o contato do professor com o aluno é tênue.	B
prof13	Pode ser, eu acho que ele deveria ser... agora... o que quer dizer ser cidadão hoje, é como disse o aluno, só votar? Eu não posso ter acesso ao computador por exemplo, então eu acho complicado, em função hoje, tudo gira em função do que a gente é....	Pode, mas é complicado porque é difícil saber, hoje, o que é ser um cidadão.	B
prof08	...O problema é o ser cidadão o tempo todo... aí é que emperra um pouquinho, então às vezes um aluno fala um palavrão, ou você chega não muito bem na sala... ele não só pode, mas ele deve ser, é que é difícil ficar na corda bamba o tempo todo.	2ª Idéia - Pode e deve, mas é difícil ser cidadão o tempo todo, porque às vezes você não está bem ou às vezes, o aluno faz alguma coisa.	B
prof17	... então imagine... um profissional... educador e que tenha uma série de falhas no relacionamento social, e isso é passado para ele de forma negativa...o educador é capaz de fazer todas essas coisas negativas na inclusão social, ora, se ele pode porque eu não...é aquela velha filosofia né, como é que eu posso corrigir alguém se eu mesmo não consigo corrigir os meus próprios erros, então ele tem que tomar muito cuidado com isso, ele tem que ser um exemplo sim, ele tem que saber muito bem o que está fazendo, para ele transmitir uma maior segurança para cada um deles.	2ª Idéia - Pode, mas tem que tomar cuidado para não passar coisas negativas para o aluno.	B
prof19	... é mais uma questão de sobrevivência, pega essa escola para ganhar, para trabalhar em outra, para cobrir o salário que é pequeno, então é mais sobrevivência e deixa de lado um pouco os valores, então é complicado...	2ª Idéia - Pode mas é complicado, porque os professores mais novos, dão aulas em várias escolas para sobreviver, pois o salário é pequeno e deixam de lado os valores.	B
prof06	Lógico que pode, por quê? Porque ele tem que passar... passar as boas qualidades para os alunos, se (o professor) não tiver um perfil... bom, ele não pode passar coisas boas para eles.	Sim, porque ele tem que as boas qualidades para o aluno, então, tem que ter um bom perfil.	C
prof09	Acho que sim, uns mais outros menos, depende do professor, eu sou mais técnico, não entro muito assim na questão política, outros aqui que trabalham a gente vê que tem quase 80% de foco, eu sou 20 mais ou menos por cento, acho que sim, uns mais e outros menos.	Sim, mas depende do professor: uns focam mais a cidadania que outros.	C
prof18	Acho que daí depende mesmo, depende da responsabilidade de cada um e de encarar mesmo isso como, sei lá como se fosse um projeto de vida, mas, sei lá, o que eu penso é que a maioria está focada nisso né, porque assim...	Depende da responsabilidade de cada professor em fazer isso.	C

prof19	Olha... pode, mas nem sempre ele é. Eu sou assim, eu tenho um pouco de receio de falar sobre isso porque eu participo de um grupo de professores que é fim de carreira, e a gente sente uma diferença muito grande do pessoal novo que está chegando em relação ao que eles, o que a gente acredita o que é educação...	1ª Idéia - Pode mas nem sempre é, porque, por exemplo, há diferença entre os professores mais velhos e os novos sobre o que acreditam que seja educação.	C
prof34	O professor deve ser um modelo de cidadania né, mas nem sempre também é. Os alunos... eles vêem principalmente a falha do professor: pô professor você tinha que ser o exemplo. Mas quando você é o exemplo, também eles passam batido, também não te observam né, mas deveriam sim, com certeza.	Deve, mas nem sempre é, porque os alunos vêem mais as falhas e não observam o que deveriam.	C
prof38	Ele pode ser um modelo de cidadania se ele for uma pessoa equilibrada, um profissional... no sentido de estar envolvido e gostar daquilo que ele faz. Se ele não for uma pessoa que está fazendo aquilo que ele gosta, ele provavelmente não vai ser uma pessoa alegre, saudável, emocionalmente equilibrada, então como é que ela vai desenvolver isso, como é que ela vai passar isso para a criança, se ela não (for assim), ninguém pode dar o que não tem, então tudo depende do profissional que está tentando... ser esse modelo, só pode ser modelo dependendo das condições de vida dele.	Pode, se o professor for uma pessoa equilibrada e um profissional que gosta do que faz. Então, pode dependendo das condições de vida dele.	C
prof08	O professor deve ser um modelo de cidadania, não só pode, porque ainda, apesar de toda a tecnologia que tem aí, ainda eles observam o adulto, vamos chamar assim, então dependendo do comportamento, eles falam nossa professora, mas a senhora faz isso!...	1ª Idéia - Pode, porque, apesar da tecnologia, os alunos observam os adultos.	D
prof15	O professor, ele é o modelo mas não é...., não só com as coisas boas e as coisas ruins ele é um modelo, então o aluno interioriza isso, ele é o modelo de cidadania para o aluno, não tem como fugir.	O professor é um modelo, independentemente de como ele é: ele pode passar coisas boas e ruins.	D
prof19	...Ah eu acho importante sim porque a criança se espelha ainda no professor...de vez em quando você nota que a criança está se espelhando no modelo...	3ª Idéia - Sim, porque a criança se espelha no professor.	D
prof17	Não só digo que pode, ele não só pode como deve ser um modelo, quando você está com o aluno na escola, na sala de aula... ele está esperando que esse professor, mestre, educador passe algo a mais para ele né, porque ele vai se espelhar em alguma coisa...	1ª Idéia - Pode e deve, porque o aluno espera que o professor passe algo a mais para ele, para se espelhar em alguma coisa.	D
prof25	Não só pode como deve, a gente deve ser um modelo porque eles se espelham em tudo na gente...eles encontram a gente na rua e se a gente estiver fazendo alguma coisa errada, nós vamos ser cobrados com certeza, então, já assim de não jogar papel na rua, não atravessar farol vermelho, não sei, no dia-a-dia, eu acho que você tem que ser o mais correto possível...	Pode e deve porque o aluno se espelha no professor, então, ele tem que fazer tudo o mais correto possível para não ser cobrado pelo aluno.	D

prof28	Pode, eu acho que sim, porque eu acho que o aluno se espelha muito no professor, nas atitudes, tudo que ele faz, é uma coisa que nós procuramos passar o melhor para que eles sejam melhor aí fora, então nós temos que ter atitudes boas, corretas para passar isso para os nossos alunos e somos espelho assim para eles.	Sim, porque o aluno se espelha no professor em tudo.	D
prof29	Eu acho que tem que ser, eu acho que nós somos modelos para eles em tudo, na limpeza, na organização, com os compromissos que a gente estabelece com eles... se você fala que vai fazer alguma coisa você tem que fazer, você não pode voltar atrás, você não pode fraquejar, aconteça o que acontecer você tem que cumprir, porque é assim que você está mostrando, está dando exemplo para eles, né, eu creio assim que nós somos espelhos...	Sim, tem que ser porque o aluno se espelha no professor.	D
prof32	Eu acho que o professor é um modelo de cidadania porque eu acho que o aluno se espelha no professor, suas atitudes, seus conceitos...	1ª Idéia- Sim, porque o aluno se espelha no professor.	D
prof35	Eu acho que pode, porque a criança tem eles como espelho, principalmente porque nós aqui ficamos oito horas com as crianças, o período que eles tem com os pais é pequeno...	Sim, porque a criança se espelha no professor e passam mais tempo com o professor do que com os pais.	D
prof39	Ah sim, eu acho que sempre o professor é um modelo, não só de cidadania, mas de tudo, as suas atitudes revelam o que você é, se porta como um cidadão e isso a criança imita muito o que o professor faz, desde um papel que você fale, olha, não jogue no chão e você (não) joga, até com as coisas maiores, de respeito ao outro, de não ultrapassar, não passar na frente, não furar uma fila, todas essas coisas você tem que fazer também para pode estar sendo um modelo.	Sim, o professor é um modelo de tudo, pois suas atitudes revelam o que ele é e a criança imita o que ele faz.	D
prof23	... então se você não for um exemplo para eles quem vai ser ? Na própria casa deles, que eu acho que ele está mais tempo na escola do que na casa, se o professor não for um exemplo para ele daí fica complicado, eu acho que precisa sim.	2ª Idéia- O professor precisa ser um modelo porque o aluno fica mais tempo na escola do que em casa.	D
prof02	Ah eu acho que sim, porque na maneira de como você se coloca, você sendo uma pessoa amiga, que conversa, não é só o problema de matemática, mas é o problema da casa,... ele está com problema e ele quer falar com o professor e você deixa essa abertura... eu acho que você tem que ser um professor que esteja aberto para outros assuntos, não ser só a matéria, discutir sobre vários assuntos, até ciências, biologia, química,... psicologia, geral, religião.	Sim, interessando-se pelos problemas dos alunos e conversando e discutindo outros assuntos.	E
prof22	Eu acho que ele pode ser sim um modelo de cidadania e ele tem que usar exemplos da vida do dia-a-dia dele...	1ª Idéia- O professor pode ser um modelo de cidadania, usando exemplos do dia a dia.	E
prof24	Olha, ele pode ser... ele pode ser um modelo de cidadania, se ele é um professor ele é um cidadão, ele está ensinando, está passando um conhecimento para o aluno ele já é um cidadão, estar esclarecendo alguma dúvida do aluno, estar observando que tipo de aluno que ele é, que tipo de clientela que a gente tem...ele está passando a cidadania para o aluno, eu imagino desta forma, não sei se é a forma correta né.	Pode, porque o professor sendo um cidadão, passando conhecimento para o aluno, esclarecendo dúvidas e observando que tipo de aluno tem, passa cidadania para o aluno.	E

prof27	Bom, eu acho que ele deveria, eu acho que a gente tem que tentar passar o máximo, uma diretriz, uma orientação para os alunos, a gente está aqui para estar orientando, mais para estar orientando do que estar jogando conceitos e sim estar mostrando o caminho, então neste sentido de serem orientadores deveriam ser exemplo de... só não sei se respondi assim...	O professor deveria ser um modelo para dar diretriz, orientação para os alunos e não fazer isto jogando conceitos para o aluno, fazer dando exemplos.	E
prof33	Pode, pode sim, eu acho que sim...Porque ele já entra dividindo tudo o que ele sabe, ele estar ali já é um ato de cidadania você estar dividindo com os alunos aquilo que você gosta, aquilo que você conhece... então nós somos este exemplo para ele...	1ª Idéia - Sim, porque o professor divide os seus conhecimentos com os alunos.	E
prof07	...o que eu posso ser de exemplo de cidadania, é mostrar para eles que estes assuntos que são apresentados para eles são importantes, então, eu escolhi apresentar.... conceito de justiça, de alienação, de preconceito para eles porque isso é importante para mim. Neste aspecto o professor pode ser um exemplo, mas de atitudes do cotidiano não, porque eles não me conhecem, eles não sabem o que eu faço...	2ª Idéia - Pode, mas apresentando assuntos importantes sobre cidadania e não com atitudes do cotidiano.	E
prof10	É, porque tudo o que nós fazemos nós somos exemplo, eles analisam o que nós falamos, até as nossas idéias eles adquirem, então passa a ser um modelo. Eu acho.	Sim, porque o professor é exemplo em tudo para os alunos, eles analisam o que o professor fala e adquirem as idéias do professor.	F
prof14	Ele deve ser, a postura é muito importante perante os alunos, tudo o que ele faz, o que ele usa, como ele faz, como ele usa, o que ele fala influencia e muito na vida dos alunos.	Pode, através da postura do professor pois este influencia muito o aluno.	F
prof23	Pode, porque o professor para o aluno, independente da cidadania ou qualquer outro aspecto, é uma referência... então eles tomam muita referência do professor...	1ª Idéia - Pode, porque o professor é uma referência para o aluno.	F
prof32	... e eu acho que o professor é um formador de opinião e o aluno é um cidadão, acho que nas suas ações, nas suas missões, você passa cidadania em todos os aspectos de cidadania na sua ação, na sua missão... e o aluno traduz, você acha que não mas ele capta, ele forma um conceito como cidadão, como pessoa...	2ª Idéia - Sim, porque o professor é um formador de opinião e dá exemplos através de suas ações.	F
prof40	...então... a gente se policia muito porque tudo o que você está fazendo, eles estão prestando atenção, parece que não, mas eles estão, da mesma forma em que eles estão brincando e a gente está prestando atenção em tudo que está acontecendo, eles também prestam atenção nas nossas atitudes, nos nossos atos, na nossa fala, então é muito complicado, e a gente vive se policiando né, e mesmo enquanto cidadãos... não ser perfeito, mas errar menos, não que a gente não erre, ao contrário, esse aprendizado no geral, tanto para a gente quanto para eles é para a vida toda, então você está sempre aprendendo, as vezes você perde a paciência, você dá um grito, alguma coisa, as crianças param (e dizem) você errou, professora você não condiz com o que você fala, com o que você faz... e eles percebem, então é complicado ser modelo, mas é possível sim, modelos bons e ruins.	2ª Idéia - Sim, pois eles prestam atenção em tudo o que o professor faz e por isso o professor tem que se policiar para errar o menos possível e agir de acordo com o que fala.	F

prof20	Modelo, a gente fala modelo, é uma coisa muito fechada... você tem que dar o exemplo, mas não que você seja um modelo exemplar...	1ª Idéia - Modelo não porque é uma coisa fechada, tem que dar o exemplo.	G
prof21	Isso é perigoso, eu acho que nós não devemos ser modelos de nada, eu acho que nós devemos ser parceiros com os alunos, tudo bem que nós temos um pouco mais de condição e habilidade de conhecimento devido a nossa maturidade, mas modelo não porque eu erro também e eu tenho que mostrar para eles que eu erro, então eu acho que a gente pode ser parceiro, modelo não...	O professor, mesmo tendo mais condições, devido à maturidade, não deve ser modelo, mas parceiro do aluno, pois o professor também erra e tem que mostrar isso.	G
prof26	Essa pergunta é meio capiciosa, eu não sei se a gente pode ser um modelo, a gente pode ser bons cidadãos, exercendo a nossa função, conscientizando os alunos das funções deles...	O professor pode ser um bom cidadão, exercendo sua função e não um modelo.	G
prof30	É complicado, não acredito, porque nos também erramos... mas eu acho assim, mesmo o errar do professor com o aluno é um interno reaprender, então eu acho que hoje é difícil, a gente ter alguma coisa, um parâmetro para você colocar como um padrão...	Não, porque o professor também erra e é difícil ter um parâmetro para colocar como padrão.	G
prof37	Eu acho que o professor nunca pode colocar as suas idéias como verdade absoluta em qualquer área, na cidadania também, eu acho que ele tem sim, ele é um mediador das idéias dos alunos, só que eu acho assim como modelo, não sei, eu não sou assim um cidadão modelo. Ele pode colocar as idéias dele e ver se a sala vai aceitar, se são as mesmas idéias mas não impor um modelo de cidadão perfeito, né.	Como modelo, não. O professor tem que colocar suas idéias, ver se são aceitas e não impor um modelo de cidadão.	G
prof12	... o professor tem que ser... pela própria função que ele exerce, ele tem autoridade, e tem que ser um exemplo de cidadania, tratando os alunos com afeto, com respeito, corrigindo quando necessário, não é, eu acho que sim, ele deve ser, faz parte da função.	Sim, o professor tem que ser, pois faz parte da função do professor.	H
prof03	Eu acredito que sim, que ele possa ser, e ele deva ser, mas aí cabe a cada um, tem profissionais e profissionais da área, eu acho que ele é super importante porque o primeiro modelo do adolescente é o pai e a mãe, o segundo modelo é o professor,... então é de vital importância este professor ter essa postura...	Sim, pode e deve, porque os primeiros modelos são os pais e o segundo é o professor.	I
prof40	Pode, ele pode sim... porque a gente fala assim, a criança vem para a escola e ela é o reflexo da casa dela, tudo o que acontece lá ela reflete aqui, nas brincadeiras, comportamento e a gente está sempre atento para perceber... e a gente vê que a gente também reflete sobre eles, quando eles saem daqui, em casa ou em outra situação, onde convivem com a sociedade e mesmo dentro da escola...	1ª Idéia - Sim, porque o professor percebe que a criança é um reflexo da casa dela e do professor em várias situações.	I
prof33	... então eu acho que o professor é fundamental... eu acho que a família e a escola são os dois principais alicerces para que aquela criança (conheça) o seu papel de cidadão na sociedade.	2ª Idéia - Sim, porque o professor é fundamental, sendo a família e a escola os principais alicerces para a criança conhecer o seu papel de cidadão.	I

prof22	... o professor é um modelo, de tudo, de cidadania, de pessoa, de ser humano... principalmente se esta criança, este adolescente não tem um modelo em casa, o único que ele vai conhecer é o professor...	2ª Idéia - O professor é um modelo, principalmente se a criança ou o adolescente não têm o modelo em casa.	J
--------	---	--	---

3 – Você acha que seus alunos poderão vir a ser cidadãos?

	Expressões chaves	Idéia Central	
prof01	É o que a gente espera, que ele seja um cidadão de respeito, eu prego este respeito, eu espero que ele seja um cidadão...porque é feito um trabalho em sala de aula e até os projetos da escola visam isso...mas é feito um trabalho, é feito um alerta, sempre voltado para este fim...(é) uma experiência difícil...eu acho que a escola, a meu ver, está cumprindo com o dever e eu, enquanto professora, também estou fazendo a minha parte, só que assim, cinquenta por cento a minha parte, e cinquenta por cento ele também...	1ª Idéia - É o que o professor espera, pois visando formar um cidadão é feito um trabalho em sala de aula e também projetos da escola.	A
prof02	Eu espero que sim né, a gente está batalhando para que eles terminem o ensino médio e que eles tenham uma consciência de respeito aí fora né, e que eles levem o exemplo dos colegas, dos professores, da direção e que eles consigam usar isso para a vida deles... Se a gente vai dar aula para não formar cidadão a gente tem que parar de dar aula, mas, porque pode ser até especialista na matemática, cada um na sua matéria, mas eu acho que você tem que ter um pouco dessa formação de cidadão, acolhedor, tem que estar interessado na vida dele, não é um simples numero, uma pessoa ali que você faz a chamada e chega no final do ano você dá a nota, não é por aí...	É o que se espera e batalha-se por isso, pois o professor tem que dar aula também para formar um cidadão.	A
prof03	... todos os alunos que passam por mim...eu coloco... cidadania neles, eu desenvolvo muito este trabalho de teatro, então assim, fora da sala de aula eu trabalho como voluntária em três escolas, e o objetivo o que é, eu abro inscrição no começo do ano...e nós vamos fazer todo um trabalho com uma peça de teatro, mas antes da peça, uma oficina de teatro trabalhando questões éticas, quem eu sou, o que eu sou no mundo, qual é o papel que eu exerço, quais são os valores, então eu utilizo muito o teatro como construção do cidadão...	Trabalha-se para isso através do teatro, colocando-se questões éticas como quem eu sou, o que eu sou no mundo, qual é o papel que o aluno exerce.	A
prof33	Eu quero viu, torço muito para isso, converso muito com eles que a cidadania é uma coisa muito importante, porque se eles não conseguirem se colocar, se conhecerem como cidadãos, se incluírem nessa sociedade eles vão ficar excluídos...	1ª Idéia - É o que se quer pois cidadania é importante e se o aluno não conseguir se colocar como cidadão na sociedade, ele vai ficar excluído.	A
prof04	Olha, eu acredito que possa vir se, mas é preciso ter muita educação, coisa que hoje eles não têm, isso vem de berço, já vem de dentro de casa né, mas ele pode vir a ser, desde que a escola ajude, então nós temos um papel importante aí, mostrar para eles a importância do que eles não tiveram em casa, isso é nosso, dos professores.	Pode vir a ser, desde que a escola ajude, sendo importante o papel do professor para mostrar o que eles não tiveram em casa.	B
prof12	Se eu não achasse isso, eu já teria desistido de ser professor. Porque... o professor tem o dever de ensinar cidadania pelas ações, não como se fosse uma aula de cidadania né, a cidadania o professor ensina desde que se encontra com os alunos, eu venho sempre de ônibus para a escola e encontro com eles, então é um exemplo direto de cidadania.	Sim, porque se não, já teria desistido de ser professor, pois este tem o dever de ensinar cidadania, não como uma aula, mas através de ações.	B

prof14	Nós colocamos que é importante desenvolver a cidadania para melhorar o ambiente em que ele está, isso é muito importante. A partir do momento em que ele conhece qualquer coisa, ele vai, não mudar radicalmente, mas um pouquinho. Eles já conseguem associar novas coisas para superar aquele ambiente...	1ª Idéia- Sim, o professor oferecendo conhecimento para que aluno possa agir como cidadão.	B
prof20	Sim, nós estamos já há muito tempo trabalhando como eu trabalho, em educar, tentando ajudar... você tem que fazer assim, porque isso é legal para a sociedade, (mesmo que) aparentemente não seja tão bom para você, mas está sendo bom para a sociedade e isso vai refletir em você, são vários aspectos, a gente tenta estar passando, então acredito que sim, eu acho que não vai ter 100% de nada né, mas a gente tem preparo.	Sim, porque o professor está trabalhando para isso, ensinando que às vezes tem que ter ações que são boas para a sociedade porque também vai se refletir para ele mesmo.	B
prof30	Olha, a gente fica o tempo todo lutando para que isso aconteça, ou que pelo menos eles tenham realmente uma noção... talvez neste primeiro momento seja difícil para que no futuro...eles...(sejam) cidadãos porque, hoje, é difícil eles (já) se conscientizarem disso, então talvez o trabalho da gente não seja um trabalho assim imediato, mas um trabalho mais a médio prazo... eu acredito (que serão), mas é aquilo que eu te falo, você tem que estar sempre regando, como te disse, mas a médio prazo...	Serão porque o professor luta para isso, mas tem que ser um trabalho contínuo e a médio prazo pois é difícil conscientizar o aluno agora para serem cidadãos no futuro.	B
prof32	Eu acho que eles poderão vir a ser cidadãos, eu acho que este é o nosso grande desafio, formá-los cidadãos. Só que eu acho que a sociedade está muito desigual, a classe social que a gente lida aqui nesta escola é uma classe social de intercorrências, diferentes do normal. Mas eu acho que sim, acho que a seu modo, do seu jeito todos serão cidadãos, acho que o nosso grande desafio é torná-los o melhor, o melhor que eles puderem ser como cidadãos, respeitando, refletindo, se protegendo, cuidando, cuidando do outro, eu acho que é fazendo o exercício da cidadania, eu acho que você nunca está pronto né, nem eu estou pronta ainda, a gente está sempre por ficar pronto, por aprender. - Cynthia - Mas por que você acha que eles podem vir a ser cidadãos? - Beth - Eu acho porque vivem numa sociedade, por mais cruel que possa ser a realidade deles eu acho que eles vão ser sobreviventes sim, eu sei de experiências de pessoas que também tinham as mesmas condições deles, e que estão hoje aí, vinte e nove anos de magistério já vi coisas que me leva a crer que podem sim, serão com certeza, agora a gente tem que fazer com que eles neste processo de chegar lá como cidadãos também sejam respeitados, também tenham os seus direitos, seus deveres, como toda a sociedade e sofram menos, eu acho que essa clientela de escola pública é uma clientela mais sofrida, mas é uma clientela que eu tenho percebido que eles tem uma opinião formada, eu acho que tem muitos conceitos, só falta mesmo organizar né, falta organizar estes conceitos.	Sim e é o grande desafio do professor, formar cidadãos, apesar da sociedade estar muito desigual e nesta escola lidar-se com uma classe social de intercorrências.	B

prof36	Lógico, é só enaltecer, enaltecendo a criança, ensinando, às vezes quando eu vejo moleque muito travesso assim, eu falo ah como você vai fazer quando você for presidente, e como você vai fazer quando você for dono de empresa? Assim, deixar eles com essa coisa de que eles podem ser alguém, de que eles podem chegar lá... deixando (a criança) sentir que ela pode ser alguém, sabe, não é porque ela é pobre, um dia ela pode ter uma idéia, uma pesquisa que pode ser boa para a humanidade, tudo isso... eu trabalhava com eles em sala de aula, trabalho ainda, então eu acho que dá sim.	Vão ser, é só trabalhar enaltecendo a criança, na sala de aula, deixando ela sentir que ela pode ser alguém.	B
prof38	Acho que poderão vir a ser cidadãos porque... o trabalho do professor é um trabalho contínuo, essa criança sai desta unidade e vai para outra e lá tem professora, ela vai para um mais elevado e lá tem professora, e ela vai para uma faculdade e lá ela tem professor...depois, até talvez entre a adolescência e da juventude dele, ele vai ter condições de ser um cidadão, porque ele vai ter essa formação que vem da escola...(sendo) o professor... aquele profissional que vai passar isso para ele porque a nossa função eu acho que é a função de formadores.	1ª Idéia - Acho que poderão porque os vários professores pelos quais o aluno vai passar, exercendo a sua função de formadores, darão condições para o aluno ser um cidadão no futuro.	B
prof40	... é possível...porque você começa a trabalhar desde cedo essa questão do que (ele) é... o papel dele dentro da sociedade, ele não pode vir para a sociedade apenas para criticar governo, para criticar o que é público, ele tem que dentro da sociedade saber que existe, que ele tem os direitos dele, mas também não vai poder ficar sentado esperando que todo mundo faça por ele, ele vai ter que brigar uma hora...	É possível porque o professor começa a trabalhar desde cedo questões como o que o aluno é, o papel dele dentro da sociedade e também que ele terá que lutar pelo que ele quer e não ficar esperando.	B
prof35	...o nosso período é oito horas aqui na escola, cada professora fica quatro ...então, por exemplo, eu e a outra professora temos a mesma postura...fazemos um trabalho em conjunto, para eles perceberem que eles vão ficar as oito horas com uma postura igual... (senão) a criança fica meio perdida nesta escola...	2ª Idéia - Todo mundo pode vir a ser, mas é necessário que todos os professores tenham a mesma postura para o aluno não ficar perdido na escola.	B
prof05	Acredito que sim, não todos, porque acredito que a cidadania também é uma base formada no lar, na casa. Aqui a gente trabalha uma certa porcentagem que ajuda como um degrau, agora cem por cento não né, então aqueles que tem um acompanhamento em casa, com certeza.	Sim, mas nem todos. Só aqueles que têm um acompanhamento em casa, porque a base da cidadania é formada em casa e o professor ajuda com um degrau.	C
prof11	Bom...eu acredito que a maior parte deles, se realmente ouvirem e compreenderem né, tiverem interesse também, eu acredito que sim. Pelo menos uma parte (deles) poderá ser bom cidadão né, acredito nisso cegamente.....Porque, pelo menos na escola, uma parte nós percebemos que eles vêm de boa família, que também já batalham por isso em casa, claro que uma minoria, não. Mas a gente tenta fazer a nossa parte aqui, mas acredito que com o pouco que a gente faz aqui, eu acredito que eles consigam chegar a algum lugar.	1ª Idéia - Sim, pelo menos uma parte, se ouvirem, compreenderem e tiverem interesse serão bons cidadãos. Aqueles que vêm de boa família e com a escola fazendo sua parte. Uma minoria não.	C

prof18	Eu acho que a maioria a gente ainda consegue, (mas) tem alguma coisa que impede, porque hoje em dia tanta coisa que é um solavanco dentro da vida deles, a estrutura familiar que quase não existe mais, então você vê a escola mais assim como uma família mesmo, é aqui que eles realmente aprendem praticamente tudo...	A maioria consegue, mas hoje, com a falta de estrutura familiar, é na escola que eles aprendem praticamente tudo.	C
prof19	Eu acho que sim...eu já tenho alunos que eu posso considerar cidadãos...tenho alunos que estão inclusive na política, eu tenho um aluno que... já é candidato para a terceira eleição aqui na Cidade, então ele é uma pessoa que, eu acho, atingiu um nível de cidadania muito bom porque ele conseguiu fazer uma cidade prosperar, e muitos outros, tenho alunos que atualmente são médicos, e têm, assim, bastante influência nas decisões do município em que eles atuam, então eu acho que já consegui, eu acho que no momento é mais difícil, mas eu tenho esperança que ainda irei conseguir mais. Tenho muitos alunos que já estão muito bem colocados, então isso eu acho que eu consegui colaborar bastante.	Sim, pois alguns alunos já conseguiram se formar profissionalmente e influenciar nas decisões do município e, embora hoje seja mais difícil, há esperança de que mais alunos consigam.	C
prof21	Eu confio que eles aproveitem cinco por cento do que eu falo e dentro disso eu acho que eles vão procurar o melhor para eles, sei que muitos conseguirão, outros eu sei que a própria vida vai impedir, mas eu tento diminuir isso mostrando que todos nós temos chance basta querer, meu princípio é esse, eu falar não deu certo, não vai dar certo então eu já não faço mais nada, para mim não serve, então se eu quero eu acho que a gente tem chance, e eu espero ter plantado um pouquinho em cada um deles pelo menos...	Sim, os alunos aproveitam cinco por cento do que o professor fala (mas) alguns conseguirão e outros a própria vida vai impedir, por exemplo, quando entram para bandidagem, problemas com drogas ,etc...mas o professor tem que mostrar que todos têm chance, tem que querer.	C
prof22	Eu acho que sim, eu acho que pode sim, porque conforme a gente vai conversando, um dia desses eu estava falando sobre emprego, por exemplo, e estava falando sobre postura dentro de um ambiente de trabalho que também faz parte do conceito de cidadania e a gente percebe principalmente o aluno mais velho, de oitava série, que ele escuta e ele está interessado, você nunca pode garantir que numa sala de quarenta, quarenta vão entender o que você está querendo dizer com aquilo, mas a gente sempre percebe no olhar de um ou de outro que ele saca, ele percebe o que a gente está querendo passar para ele, de participação em conselho de classe, o que a escola espera deles como um aluno participante, eu acho que é possível sim.	Sim, porque conversando com eles, percebe-se que alguns, não todos, entendem o que se está querendo passar, por exemplo, ser um aluno participante.	C
prof25	Não vou dizer que 100% saia correto, mas a gente trabalha para isso, tem assim, as influências que eles tem da casa, então, a gente tenta corrigir, as vezes, a gente sabe o por quê que o aluno age de uma certa maneira, a partir do momento que a gente conhece os pais e os responsáveis, mas a gente conduz para isso, para que todos sejam cidadãos, eu tenho até um lema assim, eu ensino a andar mas eu não posso andar por eles, então eu tenho que fazer o possível para que ele saia correto, que siga a vida dele corretamente, mas cada um guia a sua cabeça, mas eu faço a minha parte e eles tem que fazer a deles também.	Alguns sim, pois o professor trabalha para isso e tenta corrigir más influências que o aluno recebe, às vezes, da própria casa.	C

prof29	Eu estou muito preocupada com isso, eu estou acreditando que eles estão totalmente desinteressados de tudo, eu não sei o que aconteceu, me assusta muito... porque... essa turma... está comigo desde a sexta série, então, eles foram bons alunos na sexta, alguns foram piorando na sétima, e decaíram totalmente na oitava, eu não sei se é o sistema... eu não sei o que aconteceu, eu fiz de todas as formas possíveis para que isso não acontecesse, mas tem dias que a gente fica meio triste...Eu creio que alguns (serão), não todos....Esses alunos que serão, se você olhar atrás deles se tem uma família, e uma família presente na vida deles, que os outros também tem família, só que não é presente, eu digo família presente aquela família onde o pai e a mãe estão atentos as atividades que o filho faz, estão procurando dar o melhor para eles... e a maioria dos pais saíram para trabalhar, o pai e a mãe, para ganhar o dinheiro para dar o melhor para eles e abandonou eles sozinhos em casa, então eles vêem televisão até tarde, eles não tem horário para fazer as coisas... então você sabe que a pessoa está sozinha, está largada, não tem controle, não tem ninguém exigindo nada, nem fazendo nada, então eu vejo que quem tem boa família, tem pai e mãe atento é aluno diferente...	É uma preocupação pois os alunos estão desinteressados. Mas alguns serão e estes são aqueles que possuem uma boa família, que está presente, que se preocupa e interessa por eles.	C
prof31	Eu acho que alguns sim, alguns não, tem muitos que vem para a escola, é até difícil de a gente estar conversando, trocando uma idéia... são alunos assim que não tem muito diálogo, tem outros que não, a gente consegue conversar...Eu acho que depende da criança mesmo, de repente tem criança que é muito largada, os pais não, precisa ver também a situação deles, mas falta na escola a semana inteira e a mãe nem sabe onde foi, onde a filha estava, o filho estava, essas crianças já são mais difíceis de conversar, agora outras não, que tem família, que tem a mãe ou que tem alguém responsável, aí é diferente.	Alguns sim, aqueles com os quais o professor consegue conversar, trocar idéia e dialogar e estes são os que têm família que se preocupa com eles, que se interessa por eles.	C
prof06	Com certeza, eles estão na vida para isso. Ora, porque eles estão estudando para serem, para se formarem, para estudarem, para ser alguma coisa na vida, né, para isso.	Sim, com certeza, pois é para isso que estão estudando.	D
prof09	Sim, primeiro porque estão na escola. Já é uma atitude de querer se manter informado, ir para a frente né...	1ª Idéia - Sim, primeiro porque estão na escola e isto é uma atitude de querer ser informado e de ir para a frente.	D
prof13	Por que? Porque eles vêm aqui para aprender mesmo, a base ele já deve ter tido na casa dele, eles respeitam as pessoas...	1ª Idéia - Sim, porque eles vêm na escola para aprender e já devem ter tido uma base na casa deles.	D
prof16	Sim, porque eles acreditam no futuro do amanhã.	Sim, porque eles acreditam no futuro do amanhã.	D

prof07	Se for num conceito jurídico de cidadania, necessariamente, eles vão ser...mas serem cidadãos que exercem os seus direitos de cidadania, que tiver atividades de cidadania, eles podem sem dúvidas, eles podem, mas... provavelmente, vão exercer os seus direitos de cidadania a partir do momento que eles tomarem consciência do que é, se eles tomarem consciência sim, se não, eles vão assumir o conceito, o papel jurídico de cidadania, dentro da sociedade. Eles vão ser cidadãos que pagam impostos... mas de um determinado aspecto... no aspecto só legal que eles fazem... numa sociedade, mas numa participação um tanto quanto alienada, (mas) se eles tiverem um pouco mais de noção, de compreensão do que é o papel de cidadão, eles podem exercer sem dúvida.	Sim, mas para ser um cidadão que, além do aspecto jurídico, também exerça os seus direitos, é preciso que eles se conscientizem, que tenham noção, compreensão do que é o papel do cidadão	E
prof15	...Sim, ele pode ser cidadão. Só que este cidadão vai depender muito dele, das influências que ele sofre, e de um modelo de sociedade, na formação desta consciência de cidadão.	Sim, mas a formação da consciência de cidadão vai depender dele, das influências que sofre e do modelo da sociedade.	E
prof28	...tenta-se fazer o melhor para que ele saia o melhor possível da escola, é o que a gente tenta em sala de aula... passar tudo, que ele leve coisas boas e tenha atitudes boas aí fora... serão, eu acho que eles tem tudo, apesar deles terem vindo de lugares que não sejam bons, eu acho que eles tem tudo para olhar e mudar... o aluno tem que olhar o que está do lado e aproveitar coisas boas... atitudes boas dos professores, da escola, dos colegas... que têm uma ótima formação, então, ele tem sim meio caminho para mudar, depende dele querer...Eu acho que... o maior problema nosso é o que vem de lá de casa... uma grande parte, não vou citar a maioria, o grande problema, a falha vem de lá de trás, entendeu, os princípios, muitas coisas que não são corretas, as atitudes em casa, então tudo isso faz com que muitos alunos se tornem pessoas assim problemáticas, que dão trabalho, até se tornando... bandidos, essas coisas, violências, porque começa às vezes no lar, e o lugar onde moram...as amizades, tudo isso, então, a gente tem que oferecer o melhor, entendeu, para ele mudar... a escola contribui muito para isso, e a pessoa se ela quiser pode sim, não importa o meio, o lugar que ela mora, a família que vive, ela pode mudar sim, pode se transformar, eu acredito nisso.	Serão porque a escola tenta fazer o melhor e, apesar de não virem de bons lugares e terem falhas por problemas da sua casa, eles têm tudo para olhar e mudar, aproveitar coisas boas e mudar, se transformar. Mas depende deles quererem.	E
prof34	Poderão, vão ser cidadãos lógico, mas cidadãos talvez leigos e conhecedores principalmente dos direitos e, desculpa, principalmente das obrigações, porque dos direitos, às vezes, eles não os desconhecem, eles não tem acesso, não se interessam, não querem saber... eles são desconhecedores de obrigações, conhecedores dos direitos porque são muitas as informações, conhecem bem os direitos mas não fazem uso das obrigações, vão se tornar cidadãos? Vão se tornar cidadãos, mas não por completo, eu acho que seria isso.	Vão ser cidadãos, mas não por completo pois não conhecem direito nem os direitos, nem as obrigações.	E
prof35	Eu acho assim que todo mundo pode vir a ser, né, vai depender do quanto o meio influencia, o quanto ele é influenciável ou não e o quanto ele tem a condição de perceber ou não (o seu meio)...	1ª Idéia - Todo mundo pode vir a ser, mas depende de quanto o meio vai influenciar, de quanto o aluno é influenciável e se ele tem a condição de perceber o seu meio.	E

prof14	...ele tem que ter a noção de tudo...a cidadania não é só direitos, eles acham que ser cidadão é só receber... principalmente alunos da escola pública... eu tenho direitos, mas eu tenho obrigações para poder conseguir, para ter direitos eu tenho que cumprir uma serie de obrigações, e isso eles sentem.....não tem outro jeito, cidadão atuante, tem que atuar onde ele vive, participar, dar a opinião dele, ouvir, saber ouvir as dos outros porque não é só falar.	2ª Idéia - Sim, mas o aluno tem que saber que também tem deveres, pois o aluno, principalmente de escola pública, acha que só tem direitos. E também tem que atuar.	E
prof08	... eu acho que o poderão vir, já aconteceu. Eles são cidadãos, eu trabalho com o ensino médio e eu trabalho com esse pessoalzinho desde de sétima, oitava. Então, eu tenho um contato muito gostoso com eles, inclusive para serem críticos e falarem, você pisou na bola, eu acho que você foi errado, então eles são muito críticos, eles tem condição de modelar e de melhorar essa situação, mas este pessoalzinho aqui da escola, eles são cidadãos...	Eles já são cidadãos. Ter um relacionamento bom com o professor, de tal maneira que eles também possam criticá-lo, facilita melhorar a situação de cidadão.	F
prof10	Eles já são cidadãos, poderiam assim melhorar, ter uma noção melhor de certas coisas e irem se aperfeiçoando.	Eles já são cidadãos, mas podem melhorar, tendo uma noção melhor de certas coisas e irem se aperfeiçoando.	F
prof17	Isso é complicado né, cidadão eles já são né, ele só não sabe como aplicar, como conviver em normas sociais... e depende da sociedade, como nós vamos prepara-los, molda-los para a sociedade, que a sociedade muda no tempo e no espaço, então tem que ser adequado a esta realidade atual, que também é dele, então eles são cidadãos, já nasceram cidadãos.	Eles já são cidadãos. Só não sabem aplicar, como conviver em normas sociais. Então, eles têm que ser moldados para estarem adequados à sociedade atual, pois a sociedade muda no tempo e no espaço.	F
prof24	Poderão, eles já são cidadãos, porque se eles estão na escola, eles estão vendo tudo o que acontece, eles colaboram em tudo, em todos os sentidos, ele já é um cidadão...o aluno já é considerado um cidadão.	O aluno já é cidadão porque estão na escola, vêem tudo o que acontece e colaboram em tudo.	F
prof26	Eles não poderão vir a ser, eles já são, só que muitas vezes eles não sabem exercer a cidadania, brigam porque às vezes entra um professor eventual...então, entro na sala e falo... é um direito que vocês têm de ter aula, o que vocês estão reclamando, a gente tem que brigar para vocês exercerem o direito de vocês? Né. Sobre cidadania o que eu vejo é assim, que a maioria das pessoas elas não exercem a cidadania muitas vezes porque existe muita burocracia, então é mais fácil você deixar para lá, pagar uma multa indevida do que reclamar porque aí você tem que comprar formulário, gastar em condução, então, muitas vezes, o cidadão deixa de exercer a cidadania por estes tramites todos porque a burocracia é muito grande... Tem o Poupa Tempo...(mas) ele pega fila, ... nem sempre dá para fazer pelo computador, muitas vezes você precisa ajuda (de) um advogado gratuito e isso é complicado. Então o cidadão deixa de exercer a cidadania porque não tem tempo, ele tem horário de trabalho, tem filho pequeno, então com relação a cidadania o que eu tenho a dizer é isso, eu acho que a estrutura não ajuda muito o cidadão a exercer, as vezes ele tem até consciência, mas ele não consegue fazer por falta destas coisas. Tá bom, espero que eu tenha contribuído de alguma forma.	Eles já são cidadãos, mas muitas vezes não sabem exercer e a maioria das pessoas, às vezes, tem até consciência, mas não exerce porque a estrutura não ajuda, isto é, tem muita burocracia, tem fila e o cidadão não tem tempo.	F

prof37	Eu acho que eles não poderão vir a ser, mas sim eles já são cidadãos. Porque a partir do momento em que o individuo nasce ele já é um cidadão de direitos e deveres...quando ele for adulto, quando ele for adolescente, ele já é um cidadão agora atuante na sociedade.	Eles são cidadãos desde que nascem e quando forem adolescentes ou adultos serão, aí, cidadãos atuantes na sociedade.	F
prof13	...Mas não só o cidadão que tem deveres, o cidadão que tem direito. A nossa parte é só com o dever, mas a gente gostaria que eles tivessem os direitos deles e os deveres também...	2ª Idéia - Sim, mas também um cidadão com direitos embora a parte da escola seja só a de deveres.	G
prof23	É complicada esta pergunta, todo professor espera o melhor para o aluno... mas é complicado, até no próprio âmbito que ele vive, porque na escola ele tem uma convivência com certas pessoas... às vezes, ele tem na casa dele ou com um grupo de alunos que ele tem fora da escola, então, (ele tem) as influências...fora, podem ser até negativas. (O) lado positivo que a escola traz, então, isso eu não sei qual, o lado que pesar mais, com certeza ele vai se deixar influenciar, então, eu não posso falar que 100% vai ser positivo ou 100% vai ser negativo, eu acho que o lado que pesar mais da convivência no âmbito que ele está acostumado a viver vai influenciar.	É complicado porque o aluno recebe nos vários ambientes que ele frequenta influências negativas e positivas (escola) e a que pesar mais vai influenciá-lo para o lado positivo ou negativo.	H
prof39	Eu espero que sim, né, eu acho que a possibilidade de exercer a cidadania no nosso país é muito difícil... a vida é muito difícil, você acaba pensando muito em si mesmo e eu acho que o papel do cidadão é pensar em si e nos outros, não dá muito para você ser cidadão e não estar pensando no coletivo, eu espero que ele venha a se tornar cidadão sim, que mesmo e não exerçam o seu papel de cidadão... e que possam estar usufruindo, utilizando e fazendo pelo outros também...mas... eu acho difícil, eles virem a ser cidadãos plenos, não só aquele que vai e vota e coloca lá e deixa depois tudo a Deus dar, porque ninguém acompanha mesmo... eu acho que ser cidadão é você fazer e acompanhar o que está acontecendo, mas eu acho meio difícil pela situação social geral do nosso país, eu acho que ele não propicia isso para as pessoas. de estarem acompanhando, é uma coisa muito velada, muito fechada, a não ser que se tenha muito interesse que você saiba de tudo o que está acontecendo... e é difícil de ser cidadão se você não está por dentro de tudo o que está acontecendo, é muito difícil, eu gostaria muito que eles viessem a ser cidadãos mas é complicado.	1ª Idéia- Espera-se que sim, mas é difícil, porque, no Brasil, a vida é difícil e isso faz com que o indivíduo pense muito em si mesmo e não também no coletivo como deve ser um cidadão.	H
prof38	depois até talvez entre a adolescência e da juventude dele ele vai ter condições de ser um cidadão porque ele vai ter essa formação que vem da escola...Não, eu quero falar que eu gostaria que o professor pudesse fazer isso, pudesse estar exercendo cidadania e passando isso para os alunos, mas com todas as dificuldades, não se espera que o professor vá fazer milagre. Só isso.	2ª Idéia - Pode mas existem muitas dificuldades e não dá para o professor fazer milagre.	H
prof33	... eu tenho observado que essa função (formar cidadãos) ficou só para a escola, a família não participa, não é participativa e fica muito complicado para você, nestes cinquenta minutos de aula, conseguir passar esses valores para as crianças... a gente tenta passar para eles, (mas) a gente não escuta o eco,... vem o aluno de desrespeita, de xinga, de vira as costas, você está tentando ensinar e ele não está nem aí, quer dizer, tudo é muito complicado, mas fé em Deus que a gente consiga.	2ª Idéia - É o que se quer mas é complicado porque a função de formar cidadãos ficou só para a escola pois a família não participa e é difícil conseguir isso em cinquenta minutos de aula.	H

prof35	<p>... É que eles ainda são pequenos, então fica meio complicado, mas alguns você nota que vão ter problemas... você procura nesses, então, pegar mais no pé:... olha preste mais atenção!... Olha a consequência que isso vai trazer para você no futuro, é o que a gente fala em reunião para as mães, se vocês não corrigirem... a minha responsabilidade termina e depois começa a sua. Aí vai da cabeça de cada mãe e cada pai, família, porque tem coisas que você não pode interferir aí é família mesmo... mas agora, o lance de família... às vezes, a postura, por exemplo, você não pode jogar papel no chão... aí você... encontra... a mãe jogando papel de bala no chão, sabe, então, quer dizer a professora ensina uma coisa e a mãe outra. Então, a criança pensa qual é o correto e a gente reforça isso aí é errado...</p>	<p>3ª Idéia - Todo mundo pode vir a ser, mas é complicado pois nota-se que alguns vão ter problemas. O professor leva isto para a família pois esta também tem a responsabilidade, mas nem sempre a família tem a conduta correta ou a mesma postura em relação à do professor.</p>	H
prof27	<p>Eu acredito que o processo, ele é muito longo e o problema é que eu não sou efetiva na escola, então eu pego esses alunos este ano e ano que vem eu já não estou mais com eles... vamos supor, desde a quinta até a oitava, eu acho que poderia desenvolver um trabalho legal, ou até mesmo com um projeto que se estendesse desde a quinta até a oitava série, mas como são, um ano aqui e outro lá... eu acho que o seu trabalho fica meio perdido, a gente tenta o máximo durante o ano, mas eu acho que não fica uma coisa sólida, acaba se perdendo.... se o professor seguinte continuar, eu acho que não, mas se eu plantar uma semente e no ano seguinte ela não for cultivada no ano seguinte, então, o trabalho se perde completamente... é esse o problema... então, isso que eu acho que nas escolas estaduais, hoje, muita gente não está formando cidadãos dentro das escolas, de jeito nenhum.</p>	<p>É um processo longo, que tem que ter continuidade ano após ano, com o mesmo professor, senão que o outro dê continuidade, mas isso não acontece e o trabalho fica perdido, então, as escolas estaduais não estão formando cidadãos.</p>	I
prof09	<p>... Segundo porque os outros meios...de passar informação, conhecimento, com certeza melhora a capacidade deles, de se manter na sociedade, então escola ajuda, ajuda a ser um cidadão melhor.</p>	<p>2ª Idéia - Sim, porque os outros meios de passar informação, conhecimento, melhoram a capacidade do aluno e ajudam a ser um melhor cidadão.</p>	J

4 – Como você definiria cidadania ?

	Expressões chaves	Idéia Central	
prof02	Eu acho que cidadania é ser uma pessoa... que faz o bem, que está interessado em melhorar a qualidade de vida, o ambiente onde a pessoa mora... é promover... o meio ambiente, o local, a relação entre as pessoas, não só se trancar e ficar ali no seu mundinho, e voltar e trabalhar, eu acho que tem que ser geral, no condomínio, ou dentro do bairro, ou na igreja e na escola, a gente se relaciona né, não ser tão individual, fica depressivo né. É isso que eu gostaria de colocar.	Cidadania é fazer o bem, interessar-se em melhorar a qualidade de vida, promover o meio ambiente, a relação entre as pessoas. Isto em todos os locais onde a pessoa frequenta.	A
prof05	Eu defino como pessoa cidadã, o que seria uma pessoa cidadã, uma pessoa que respeita e uma pessoa que ajuda aquele local que ela mora, ela colabora, como ela colabora? Não sujando, não riscando, ela colabora respeitando, ajudando o próximo... com higiene, com palavras, com gestos. É isso aí.	Cidadania é respeitar, é ajudar a conservar o local onde mora, é ajudar o próximo.	A
prof06	..Como eu defino a cidadania. Eu acho assim, o ser quando ele não é um cidadão de verdade, ele entra para o mundo de marginal, então para mim a cidadania equivale o seguinte, quando você tem família, você está integrada com a família, com a comunidade... Se um aluno vem para escola é porque ele vai ser um cidadão, ele está estudando para isso, para um futuro melhor, então para mim, eu defino a cidadania assim, um futuro melhor, pronto. É isso.	Cidadania é quando se está integrado na família, na comunidade, quando vai para a escola estudar para um futuro melhor.	A
prof11	Para mim cidadania é... cuidar do patrimônio deles, da cidade...participar de uma sociedade, ou seja, você não é um ser único na cidade, você convive com outras pessoas então você tem que se relacionar com as outras pessoas, tratá-las bem, cuidar do patrimônio, manter uma rua limpa, não jogar lixo na rua, é uma série de atitudes que formam um bom cidadão, desde não jogar lixo na rua, conservar esse patrimônio em geral, eu acho que são atitudes de um bom cidadão, que faz parte da cidadania, acho que seria isso no meu ponto de vista...	Cidadania é cuidar do próprio patrimônio, do patrimônio em geral, da cidade, participar da sociedade, relacionar-se com as outras pessoas, tratar bem as pessoas, não jogar lixo na rua, isto a uma série de atitudes que formam um cidadão.	A
prof12	É a ação do indivíduo perante a comunidade em que ele vive, e quando eu digo comunidade eu digo o mundo praticamente, saber se posicionar com relação aos outros e exigir também, não só os governantes mas de todo mundo o respeito que ele merece como pessoa, como cidadão.	Cidadania é agir dentro da comunidade onde vive, é saber se posicionar em relação aos outros, é exigir respeito, como pessoa, como cidadão, dos governantes e de todo mundo.	A
prof14	A ação de receber, entender e devolver alguma coisa, de um grupo, ou dentro da sala de aula, ou na sua casa...em casa nós somos cidadãos, em casa nós dividimos as tarefas, nós dividimos, entender o porquê de dividir, contestar, mas contestar dentro de alguns limites, até onde é minha parte de fazer, onde é a do outro. É isso.	É a ação de receber, entender e devolver alguma coisa em um ambiente, seja num grupo, na sala de aula, em casa .É dividir tarefas entendendo o porquê, é contestar dentro de alguns limites, até onde é a sua parte.	A
prof15	Eu acho assim, que cidadania seria o... respeito pela sociedade, um respeito por si próprio...(pois) como que ele pode exercer cidadania, como ele pode respeitar os outros se ele nem sequer se respeita?...	1ª idéia – Cidadania é o respeito pela sociedade e por si próprio.	A

prof16	Cidadão eu acho que é um ato de dar as mãos, acho que todo momento... as mães dos alunos procuram, na sala de aula, levar seus filhos para um bom caminho, acho que isso aí já é um ato de cidadania.	Cidadania é um ato de dar as mãos, de procurar dar aos filhos um bom caminho, como colocar na escola.	A
prof21	Cidadania? Conhecimento, ter um chão, sentir-se protegido...é ter uma casa, ter uma família, ter uma religião.	1ª idéia – Cidadania é ter conhecimento, ter moradia, sentir-se protegido, ter família, religião.	A
prof22	...eu acho que cidadania é uma postura e é uma regra de convivência, na verdade é um ajudar mútuo, é você que ajuda o outro, que te ajuda e todo mundo, também é nesse sentido, de participação, um dia, eu dei um exemplo para os meus alunos, assim: quando a gente pensa em cidadania, a gente esquece de algumas coisas, às vezes, tem aquela casa super bacana, que fica do lado da favela, e a primeira medida que o proprietário toma é de levantar um muro bem alto com bastante caco de vidro e colocar uma cerca de arame eletrizada. Mas ele nunca lembra de formar, junto com as comunidades dele, um cantinho para ajudar as pessoas a aprender a ler, a escrever, a dar uma profissão, para mim isso é cidadania, levantar o muro não é, mas você abrir o seu mundo tão privilegiado para o outro...é isso que eu entendo cidadania, neste sentido de participar mesmo, não é se isolar nas suas condições, mas compartilhar as suas condições.	Cidadania é uma postura, é uma regra de convivência, é se ajudar mutuamente, é também participação e não se isolar, mas compartilhar as suas condições para dar oportunidades, aos que têm menos, de aprender a ler, a escrever, de ter uma profissão.	A
prof23	Cidadania para mim, é você não pensar só em você, é você pensar muito nos outros, você não vive sozinho no mundo, você depende das outras pessoas, então, você tem que se preocupar com o que você está fazendo para os outros, assim como os outros estão fazendo para você, então, não é só não jogar papel no lixo ou coisas do gênero, é você procurar transformar o ambiente (para ficar) melhor para as pessoas poderem conviver, não pensar no sozinho, pensar num todo em geral, é isso que eu penso de cidadania.	Cidadania é pensar nos outros como os outros pensam em você, porque ninguém vive sozinho. Então, tem que pensar no coletivo, não só em ações isoladas mas ações que levem à transformação do ambiente para um melhor convívio entre as pessoas.	A
prof25	Cidadania, o fato de você ter respeito com os outros, por você mesmo em primeiro lugar, saber respeitar os mais velhos, saber que tem os lugares dos ônibus, que tem lugares nas filas, que não suje a cidade... você ser um cidadão correto com as suas contas, e não tenha problemas com mais ninguém, sei lá, que você não dirija que nem um doido no meio da rua para não provocar acidente nenhum...que você saiba reciclar seu lixo, que você saiba não comprar coisa demais, comprar excesso de comida para que se jogue no lixo, isso é ser cidadão...é saúde também né, o lixo reciclável e a gente não sujar a cidade ...ser cidadão é ajudar o próximo se você puder.	Cidadania é respeitar a si mesmo, aos outros e aos mais velhos. É respeitar o espaço público, como ponto de ônibus, não sujando a cidade. É ser correto com suas contas e não ter problemas com outras pessoas, como dirigir bêbado e provocar acidentes. É saber reciclar o lixo, não sujar a cidade, pois isso também é saúde. Fazer com que os alunos não deixem a sala suja para colaborar com a escola, pois não tem servente suficiente para isso e, também, não comprar excesso de comida para não jogar no lixo. Fazer doação em uma creche ou agradecer o aluno com uma palavra quando necessário.	A

prof26	... eu não tenho uma definição assim específica, eu acho que tudo o que envolve o indivíduo dentro de uma sociedade, intelectualmente, emocionalmente, tá, porque o indivíduo que é equilibrado ele exerce a cidadania, ele pratica atos de cidadania, eu acho que cidadania é isto, você praticar atos, então você saber viver bem no meio de um grupo, se você vive bem emocionalmente, se você trabalha, você estuda, você cuida da natureza, do meio ambiente, cuida do outro, isso para mim é cidadania.	Cidadania é tudo o que envolve o indivíduo dentro da sociedade, intelectualmente e emocionalmente. O indivíduo equilibrado exerce a cidadania, praticando atos de cidadania, vivendo bem dentro de um grupo, trabalhando, estudando, cuidando da natureza, do meio ambiente, do próximo.	A
prof28	Cidadania eu acho assim, princípios corretos, atitudes, formação, agir corretamente, ajudar, eu acho que cidadania é uma coisa muito ampla que envolve varias coisas...mas tem que ter dentro dele o querer, o querer saber, querer realizar, querer ter, entendeu, depende dele, não adianta a gente ter todo um conjunto, apresentar tudo de bom para ele e ele não querer, e nós podemos mudar, transformar, entendeu, depende de cada um, eu acho isso, uma coisa ampla.	Cidadania é uma coisa ampla, é ter princípios corretos, atitudes, formação, agir corretamente, ajudar, mas as pessoas têm que querer saber, querer realizar, querer ter, pois querendo ela pode mudar, transformar.	A
prof29	Uma pessoa que sabe respeitar o direito dos outros, que trabalha, que dá o máximo de si onde trabalha... sabe, eu acho que a primeira coisa é amar o que faz, e respeitar e amar as autoridades do seu trabalho... estar dando força para essas pessoas... a gente quer que vejam as nossas qualidades... eu tenho mostrado sempre isso para os meus alunos, nós vamos ter sempre uma hierarquia a seguir...(assim) a gente vai ter um trabalho mais tranquilo também, mais sossegado, e ter isso para a gente sempre é bom....quando você sai um pouquinho fora do Brasil, você percebe que em todos os lugares as pessoas têm que agir corretamente... ensinar os alunos a respeitar as coisas, farol, sabe... eu procuro não fazer coisas que a lei mande que eu faça desta forma e eu vou fazer diferente... porque eu fico pensando assim, se um aluno ou alguém, meu filho, me vê... ele vai pensar, bom ela faz tudo certo então, aquilo que ela está fazendo, infringir esta regra, deve estar certo, deixa eu imita-la...então, não dá para você ter atitudes que não são corretas. Então, se eu espero que o Governo aja comigo correto, eu tenho que primeiro agir correto, na minha parte de cidadã, senão estamos perdidos... ensinar os alunos a respeitar as coisas, agir dentro da lei para que alunos ou outras pessoas façam a mesma coisa.	Cidadania é respeitar o direito dos outros, é trabalhar dando o máximo de si, é amar o que faz e respeitar e amar os superiores, obedecendo sempre a hierarquia e assim, ter um trabalho mais tranquilo. É agir correto.	A
prof30	... é que cada vez que você aborda o tema, você vê de uma forma diferente, sabe, num momento, numa circunstância... então... você estar integrada a uma Ong talvez você pudesse ser uma cidadã, mas aquele menininho... que tem uma comidinha, um pedaço de lanche e dá para o colega, ele está sendo um cidadão (porque) no momento... o colega está passando necessidade...	A definição de cidadania depende da circunstância é, talvez, você estar integrada em uma ONG ou ajudar quem tem necessidade.	A
prof31	Cidadania é a gente estar participando dentro da escola, a gente ter que fazer parte de um conselho da escola, a gente fazer parte, tem o conselho de escola, tem na escola da família muitos trabalhos voltados para a população, acho que a educação também faz parte da cidadania...o zelo pela cidade, pelo bairro, acho que tudo isso.	Cidadania é participar dentro da escola, é educar, é zelar pela cidade, pelo bairro.	A

prof19	... Se um não ultrapassar o limite do outro, a gente tem todos os direitos, todos os deveres e todos vão ter paz e vamos conseguir trabalhar em harmonia...é um direito a tudo mas respeitando o próximo e ajudando né.	2ª Idéia – Não ultrapassando o limite do outro, respeitando o próximo e ajudando, tem-se todos os direitos, todos os deveres e todos vão ter paz e trabalhar em harmonia.	A
prof33	... que sabe viver em comunidade, o que é viver em sociedade, saber dividir, saber respeitar, saber dar valor a tudo o que é importante para as pessoa...valorizar a vida, valorizar os pais, valorizar os professores, valorizar os irmãos, valorizar tudo, todas as conquistas, na minha opinião...	2ª Idéia – Cidadania é saber viver em comunidade, em sociedade, saber dividir, saber respeitar, saber dar valor a tudo o que é importante para as pessoas. É valorizar a vida, os pais, os professores, os irmãos. Valorizar tudo, todas as conquistas.	A
prof35	...cidadania é postura... essa postura perante a vida...	2ª Idéia - Cidadania é uma postura perante a vida.	A
prof01	Cidadania, o respeito com o outro, uma parte é educação política, seus direitos e deveres também... no caso o direito até de consumidor, um direito político também, o direito de votar e de questionar, para mim cidadania é assim. O direito político, a realidade, questionar assim atitudes, eu englobaria tudo, o político, o social, a lei do consumidor.	Cidadania é o respeito com o outro, os direitos e deveres, o direito de votar, de questionar, o direito do consumidor. Engloba tudo.	B
prof04	A cidadania, como eu disse vem de casa, é ser educado a participar da sociedade... cuidar do patrimônio dos outros na escola, se é pública, ah é pública então, eu posso fazer o que eu quero, não é não...tem que cuidar daquele patrimônio, uma praça pública...	Cidadania é participar da sociedade, cuidar do patrimônio público.	B
prof07	A cidadania talvez eu definisse como o papel do homem numa comunidade civil...(para isso) ele precisa conhecer o contexto deste agrupamento, ele precisa saber quais são as normas deste agrupamento, quais são os direitos que ele tem deste grupo, desta comunidade. Então...ele tem o direito ao voto e exercer isso como, ah é o meu papel de cidadão, o meu papel é votar, é uma postura parcial...mas quanto mais conhecimento se tem do que é esse grupo, do que é essa sociedade, e de qual é o seu papel nesta sociedade, eu acho que a sua atividade de cidadão, ela vai ficando menos parcial, cada vez mais abrangente, talvez eu definiria assim como o papel que o homem exerce na sociedade.	Cidadania é o papel que o homem exerce na sociedade, de maneira abrangente, não só votando mas conhecendo o contexto, as normas do grupo e os seus direitos dentro deste grupo.	B
prof08	Essa participação que eles tem, essa participação no sentido assim de não aceitar qualquer coisa... a participação deles, o senso critico, perceber que isso aqui não está certo... então, eles percebem o certo e o errado... muitas vezes, eles são mais críticos do que nós... essa parte da crítica, do participar, do querer participar, acho que aí é que está a cidadania, do querer ser, aí é que está a cidadania para eles... de não querer... estar a margem da sociedade, ele está se esforçando para ser um cidadão, para ser gente. Essa participação que eles tem, essa participação no sentido assim de não aceitar qualquer coisa... a participação deles, o senso critico, perceber que isso aqui não está certo... então, eles percebem o certo e o errado... muitas vezes, eles são mais críticos do que nós... essa parte da crítica, do participar, do querer participar, acho que aí é que está a cidadania, do querer ser, aí é que está a cidadania para eles... de não querer... estar a margem da sociedade, ele está se esforçando para ser um cidadão, para ser gente.	Cidadania é participação, é ter senso crítico, é querer ser, é não querer estar à margem da sociedade.	B

prof09	Definiria, definiria como direito, político, saúde, participativo. Ser um modelo. Mas principalmente e direito, de participar, de opinar, votar.	Cidadania é ter direito político, de participar, de opinar, votar, é ter saúde.	B
prof10	Eu acho difícil, seria a pessoa participar de tudo, estar por dentro de tudo, os direitos, os deveres, as obrigações, em todos os setores da vida.	Cidadania é participar de tudo, estar por dentro de tudo, ter direitos, deveres, obrigações, em todos os setores da vida.	B
prof13	Eu acho que cidadania é um conjunto né, envolvem direitos, envolve deveres, é um conjunto, comportamento, uma série de coisas que envolvem...acho que é um conjunto de direitos e deveres na sua plenitude né...uma pessoa que tenha direitos e deveres na sua plenitude, tanto na hora de exigir os seus direitos, quanto na hora de cumprir os seus deveres.	Cidadania é um conjunto de direitos, deveres, comportamentos.	B
prof17	... eu definiria cidadania assim como qualquer coisa... se eu pegar tudo isso que nós falamos, os itens um, dois e três, cidadania nada mais é do que uma série de normas de convívio social em prol de desenvolvimento coletivo pleno satisfatório, isso é ser cidadão.	Cidadania são normas de convívio social para um desenvolvimento coletivo pleno, satisfatório.	B
prof18	Cidadania é a pessoa realmente participar de tudo dentro de uma sociedade, conhecimento, e estar ali criticando, participando mesmo de tudo, desde quando você vai ao supermercado, eu acho que a cidadania deve ser isso, a gente participar de tudo mesmo, dentro do nosso contexto.	Cidadania é participar de tudo, conhecer, criticar sobre tudo em todos locais, dentro do próprio contexto.	B
prof19	... eu acho que a cidadania é o exercício do meu direito, mas não esquecendo do meu semelhante, do meu próximo, eu sempre falo isso para as crianças, eu tenho uma série de direitos, mas vocês também têm, agora tem uma série de obrigações e deveres, que eles também devem ter para podermos ter uma convivência saudável...	1ª Idéia - Cidadania é exercer os seus direitos, sem esquecer dos outros, mas também é ter obrigações e deveres para ter uma convivência saudável.	B
prof20	...a gente sempre fala ah cidadania é saber os seus direitos e os seus deveres, então, eu acho que a gente tem que saber os seus direitos, mas...para mim é aprender muito os seus deveres, porque os direitos são mais fáceis da gente aprender.	Cidadania é saber os seus direitos e deveres, mas tem que aprender muito os deveres porque os direitos são mais fáceis de saber.	B
prof27	... acho que ser cidadão é ter um pensamento crítico, ser crítico, não aceitar tudo o que vem, porque deve ter um certo discernimento, isso eu falo muito com os meus alunos, se você acha que alguma coisa não está certa, que ela não está trazendo nenhum benefício para você, que está prejudicando não só você mas aos outros, então você tem que ter voz ativa, você tem que se manifestar... é ter aquela postura de estar reivindicando, de estar lutando, de falar isso não está certo, isso está, assim como tem o direito de falar, de reivindicar, também de estar fazendo, colocando em prática...é isso que eu espero dos meus alunos, não engolir tudo o que aparece.	Ser cidadão é ter pensamento crítico, ser crítico para saber o que está beneficiando ou prejudicando a si mesmo ou aos outros e ter voz ativa se manifestando, reivindicando e lutando porque é seu direito e também colocando em prática o que acha certo.	B

prof33	...cidadania é, ser um cidadão, é ser um ser humano completo... aquela pessoa que sabe os seus direitos, que sabe os seus deveres, que tem essa consciência...	1ª Idéia - Cidadania é um ser humano completo, que sabe seus direitos e deveres e tem consciência disso.	B
prof34	Cidadania, direitos e obrigações, eu acho que principalmente direitos, eu acho isso, obrigações também, mas mais direitos...	Cidadania é principalmente os direitos , mas também as obrigações.	B
prof35	Uma definição, eu acho assim, é você exercer os seus direitos sabendo que você também tem deveres, não é só dizer eu tenho direitos... mas qual é o seu dever, é a mesma coisa...o direito da criança e do adolescente, é o direito... qual é o dever desta criança e deste adolescente? Ele não faz nada, ele tem o direito de não ser punido por um erro, mas ele não sabe qual é o dever dele de não cometer o erro, então, ele precisa saber que ele é responsável por cada ação, esse é o exercício da cidadania...	1ª Idéia - Cidadania é ter direitos, mas também deveres, por exemplo, a criança e o adolescente têm direitos e não sabem quais são os seus deveres e que são responsáveis pelas suas ações.	B
prof38	...eu vejo cidadania como uma participação efetiva na sociedade, seja na sua casa, seja no seu grupo de amigos, seja na sua escola, no seu trabalho, você tem que estar sempre exercendo a cidadania que é uma maneira de você estar educando e se educar continuamente, diariamente.	Cidadania é a pessoa participar efetivamente na sociedade, seja na sua casa, no grupo de amigos, na escola, no trabalho.	B
prof40	Eu acho que é você conhecer, assim, ter ciência do que você tem de direitos, do que você tem de deveres principalmente porque você só vai atrás de direitos, de deveres você está sempre fugindo um pouco, e as pessoas tem uma mania de procurar só os seus direitos... eu acho que é essa coisa de você saber o seu lugar dentro da sociedade, saber se colocar, saber que existe as coisas, mas saber que você tem que atuar nelas, não adianta saber que tem se você não souber ir atrás e atuar... ir lá e criticar e atribuir em algumas coisas que você tem como dever. Você quer que as coisas resolvam mas você não quer se envolver, você não quer assumir um compromisso fora do seu horário de trabalho, você não pode ir a uma reunião porque eu tenho que ir não sei aonde, quer dizer, você prioriza outras coisas do que realmente... se propôs a fazer. Mais ou menos isso.	Cidadania é conhecer seus direitos e principalmente seus deveres, pois, em geral, você só vai atrás dos direitos. É saber o seu lugar dentro da sociedade, saber se colocar, saber que as coisas existem e que você tem que atuar nelas, é criticar e se envolver no que você propôs.	B
prof15	... como nós... professores, muita gente acha que por ser professor, é forte, tem o emocional equilibrado e é exatamente o contrário, o professor tem uma carga emocional muito grande, ... ele chega no final da carreira... não tem dinheiro para fazer uma terapia porque ganha muito pouco, porque não tem tempo para o lazer, que é muito limitado. Bom, nós estamos falando de cidadania, então... é uma coisa muito complexa, que teria que participar... com o emocional equilibrado, e é muito difícil de se conseguir, eu falo por mim, por aquilo que eu vejo...	2ª Idéia - Para ser cidadão e participar tem que ter o emocional equilibrado e é muito difícil o professor conseguir isto porque ele ganha pouco, não tem tempo para o lazer, etc...	B
prof32	Principalmente participação e para isso tem que refletir, rever conceitos e preconceitos....é estar inserido neste mundão com direitos, com deveres, com obrigações. É mais ou menos isso que eu penso sobre cidadania.	2ª Idéia - Cidadania é principalmente participação, estar inserido no mundo com direitos, deveres e obrigações.	B

prof36	... para mim cidadania é um ser humano que pode fazer o que ele quer, que tem direitos, que é respeitado, isso para mim é cidadania...	2ª Idéia - Cidadania é um ser humano ser poder fazer o que quiser, ter direitos e ser respeitado.	B
prof35	...o professor é um trabalhador braçal totalmente desvalorizado...qual é o direito dele enquanto profissional, ele só tem o dever de ensinar, mas qual o direito dele...porque o dia em que todos resolverem parar o que vai ser da educação? É uma classe desunida, infelizmente, a gente vê que as outras classes falam: não, vamos parar todo mundo pára. Mas não ficar fazendo essas coisas assim, greve, isso eu sou contra, colocar uma postura... olha a gente está parando por conta disso, não é só por conta do salário, é por conta de ser respeitado, nisso eu acho que existe a cidadania, não é sair brigando, montar uma equipe de ir lá, conversar, dialogar. Aí eu acho cidadania...	3ª Idéia - O professor está desvalorizado, mas tem que lutar, conversando, dialogando, unindo-se, como classe, para ser respeitado. Isso é cidadania.	C
prof32	...eu acho que ser cidadão é ser pertencente a uma sociedade, onde você vota, onde você pode exercer a sua função...	1ª Idéia - Cidadania é pertencer à uma sociedade onde você vota , exerce sua função.	D
prof36	É a pessoa se sentindo parte de tudo, a criança, eu, o ser humano fazendo parte...porque, na verdade, essa globalização... formou guetos né, então, não é uma globalização, não tem nada a ver, nós sabemos tudo o que acontece lá fora, eles sabem tudo o que acontece aqui, mas existem guetos...são os negros, são os punks, são não sei quem, são os baianos... cada um tem a sua cultura... então essa globalização formou guetos, então está meio complicado...	1ª Idéia - Cidadania é a pessoa sentir-se parte de tudo, mas a globalização, na verdade, formou guetos e não união, como deveria ser.	D
prof37	... cidadania é quando você se percebe como uma pessoa que está dentro da sociedade para estar atuando, tanto em direitos como em deveres, é você se perceber dentro de uma sociedade.	Cidadania é uma pessoa se perceber dentro da sociedade, atuando tanto em direitos como nos deveres.	D
prof39	... eu acho que a cidadania, a noção de cidadania se perdeu um pouco, a gente começou a ver um cidadão como uma pessoa que tem que fazer as coisas para ter outras em troca e eu acho que não é só isso, mas a definição de cidadania dentro da escola está muito voltada para isso, aquilo que você faz se reverte em algumas coisas para você e para o bem da comunidade e eu acho que ser cidadão vai além... é você estar participando, você estar cobrando, você estar indo atrás desde o voto até o papel no chão como eu disse no começo, eu acho que é um geral, são atitudes gerais...	A noção de cidadania está um pouco deturpada, pois está muito voltada para a pessoa fazer coisas que se revertam para o bem da pessoa ou da comunidade, mas é mais do que isso, é você estar participando, estar cobrando, votar, cuidar do meio ambiente, etc...	E
pro24	A cidadania seria tudo o que existe em volta da gente, tudo é cidadania, na minha maneira de ver...tudo o que eu imagino é cidadania...Por exemplo, a escola faz parte da cidadania, se o aluno está na escola ele é um cidadão porque ele está participando...o que é cidadão? É a pessoa vindo até a escola participando...então, isso é cidadania, ele estar interado em tudo que está em volta dele, procurando e buscando alguns objetivos para a melhora dele, isso é ser cidadania.	Cidadania é tudo o que está em nossa volta, por exemplo, estar na escola é cidadania porque o indivíduo está participando. Cidadania é estar interado em tudo o que está em sua volta, procurando e buscando objetivos para a sua melhora.	F

prof03	<p>Cidadania é, para mim é ter direito, é ter direito de ser o que é, de forma livre, é eu saber o lugar que eu ocupo na sociedade... é eu ter consciência de todos os poderes que eu tenho, ter autonomia... eu acho que a principal cidadania de promoção de saúde é que a gente está fazendo com que o individuo entre em contato com a verdade... com o eu sou, e com o eu sei, o que eu posso falar, você passa a se apropriar de você mesmo, então você ensinar cidadania...é você dar o poder ao individuo dele ser ele por inteiro e ele saber quem ele é e do direito que ele tem no mundo e do espaço que ele ocupa, ele se conhecer em todos os aspectos. Acho que é isso.</p>	<p>Cidadania é ter direito de ser o que é, de forma livre,é saber quem é, é saber o lugar que ocupa na sociedade, é ter consciência do poder que tem, é ter autonomia, é saber o direito que tem no mundo e o espaço que ocupa e se conhecer em todos os aspectos.</p>	H
prof21	<p>...ser cidadão é uma coisa, cidadania para mim é outra...Ser cidadão eu busco, cada vez mais. Ter cidadania é aquilo que foi plantado para mim, não sei te dizer, ter cidadania é ter uma casa, ter uma família, ter uma religião, alguma estrutura que me deram, isso é ter cidadania para mim, alias é ter cidadania é não ser cidadão, porque o cidadão é o outro lado, eu que quero, eu tenho valor, eu vou aperfeiçoar e vou procurar, isso para mim é ser cidadão.</p>	<p>2ª Idéia - Ser cidadão é diferente de ter cidadania, pois esta é alguma estrutura que é dada para a pessoa e ser cidadão é buscar, procurar o que quer para se aperfeiçoar. Então cidadania é não ser cidadão.</p>	I